

UNB – Universidade de Brasília
IP - Instituto de Psicologia
Departamento de Psicologia Clínica
Programa de pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura

**ENTRE O ESCRITO E O DITO: DILEMAS DA SUBJETIVIDADE FEMININA
NA CONTEMPORANEIDADE – O SEXO CASUAL EM ANÁLISE**

Fernanda Schieber Saúde Vilas Boas de Oliveira Jota

Brasília
2008

UNB – Universidade de Brasília
IP - Instituto de Psicologia
Departamento de Psicologia Clínica
Programa de pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura

**ENTRE O ESCRITO E O DITO: DILEMAS DA SUBJETIVIDADE FEMININA
NA CONTEMPORANEIDADE – O SEXO CASUAL EM ANÁLISE**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre pelo programa de pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura da UnB.

Orientadora: Prof^a Dr^a Terezinha de Camargo Viana.

Brasília
2008

UNB – Universidade de Brasília
IP - Instituto de Psicologia
Departamento de Psicologia Clínica
Programa de pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura

**ENTRE O ESCRITO E O DITO: DILEMAS DA SUBJETIVIDADE FEMININA
NA CONTEMPORANEIDADE – O SEXO CASUAL EM ANÁLISE**

Fernanda Schieber Saúde Vilas Boas de Oliveira Jota

Profª Drª Terezinha de Camargo Viana
Presidente - IP/UnB

Profª Drª Gláucia Starling Diniz
Membro interno - IP/UnB

Profª Drª Sandra Baccara
Membro externo - UNICEUB

Profª Drª Eliana Rigotto Lazzarini
Membro suplente - IP/UnB

DEDICATÓRIA

Sua amizade é um privilégio! Ser ouvinte de alguém tão inspirado, para ser bastante simplista, faz de qualquer sujeito um admirador ferrenho do conhecimento. Isso porque, através de você, ele chega sempre (e quando eu digo sempre é sempre mesmo!) de modo leve e eficaz. Sempre de modo incisivo e pontual. Sempre astuto e certo. Na verdade, sempre. Acredito que mesmo se eu dedicasse a você, minha amiga querida, todos os meus trabalhos acadêmicos, nunca conseguiria alcançar o grau de gratidão necessário. Ter você como interlocutora faz de qualquer um animado. Então que venha o doutorado! Você estará ao meu lado mesmo. Outras madrugadas em busca de sujeitos de pesquisa virão e sei que sua mão estará ali para esquentar a minha tão fria de nervosismo e ansiedade iniciante. Definitivamente, você deveria se chamar Magda Lúcio *GENEROSIDADE*.

Obrigada mesmo, minha querida. Sem você eu não teria conseguido chegar até aqui tão animada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que compartilharam comigo essa caminhada.

À minha orientadora querida, Terezinha de Camargo Viana, pela credulidade no meu trabalho e pelas atentas e valiosas contribuições.

À professora Gláucia Diniz pela afetuosa acolhida “mineira” na UnB. Ao professor Ileno da Costa pelo incentivo ao pensamento ético nas pesquisas de psicologia com seres humanos.

Ao grupo de orientação pelo cuidado e colaboração a esse trabalho. De modo especial, à Renata Versiani que se fez minha amiga e incentivadora desde o primeiro “olá”.

Às meninas da secretaria, Conceição, Carmem e Jhenne, pela presteza e carinho com que sempre me trataram.

Àquelas pacientes que com a vivência de sua sexualidade compartilhada comigo em análise me fez curiosa a respeito das novas formas de subjetividade das mulheres na contemporaneidade.

Aos meus pais que, com seus humildes dizeres, marcaram para sempre em minha vida o valor insubstituível da educação.

De modo mais que especial, agradeço ao meu amado marido Rodrigo, companheiro de uma vida e maior incentivador. Meu amor, obrigada pelo apoio de sempre.

DA CHEGADA DO AMOR

Sempre quis um amor que falasse, que soubesse o que sentisse. Sempre quis um amor que elaborasse. Que quando dormisse ressonasse confiança no sopro do sono e trouxesse beijo no clarão da amanhecice. Sempre quis um amor que coubesse no que me disse. Sempre quis uma meninice entre menino e senhor, uma cachorrice onde tanto pudesse a sem-vergonhice do macho quanto a sabedoria do sabedor. Sempre quis um amor cujo bom dia morasse na eternidade de encadear os tempos: passado, presente, futuro, coisa da mesma embocadura, sabor da mesma golada. Sempre quis um amor de goleadas cuja rede complexa do pano de fundo dos seres não assustasse. Sempre quis um amor que não se incomodasse quando a poesia da cama me levantasse. Sempre quis um amor que não se chateasse diante das diferenças. Agora, diante da encomenda, metade de mim rasga afoita o embrulho e a outra metade é o futuro de saber o segredo que enrola o laço, é observar o desenho do invólucro e compará-lo com a calma da alma o seu conteúdo. Contudo, sempre quis um amor que me coubesse futuro e me alternasse em menina e adulto, que hora eu fosse o fácil, o sério e hora um doce mistério. Que hora eu fosse medo-asneira e hora eu fosse brincadeira, ultra-sonografia do furor. Sempre quis um amor que sem tensa-corrída me ocorresse. Sempre quis um amor que acontecesse sem esforço sem medo da inspiração por ele acabar. Sempre quis um amor de abafar, (não o caso) mas cuja demora de ocaso estivesse imensamente em nossas mãos. Sem senãos. Sempre quis um amor com definição de quero sem o lero-lero da falsa sedução. Eu sempre disse não à constituição dos séculos que diz que o “garantido” amor é a sua negação. Sempre quis um amor que gozasse e que pouco antes de chegar a esse céu se anunciasse. Sempre quis um amor que vivesse a felicidade sem reclamar dela ou disso. Sempre quis um amor não omissa e que suas histórias me contasse. Ah, eu sempre quis um amor que amasse.

Elisa Lucinda

Livro: Euteamo e suas estréias

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é compreender, por meio de uma investigação bibliográfica e um trabalho de campo, em que medida a prática do sexo casual por mulheres suscita a existência de questões subjetivas femininas próprias da contemporaneidade. Dirige-se um olhar psicanalítico sobre a prática do sexo casual feminino buscando-se uma relação compreensiva entre os dados coletados na pesquisa de campo e os conceitos de pulsão, narcisismo e sexualidade feminina. Intenta-se, ainda, contextualizar a contemporaneidade através de autores que tratam da cultura e dos costumes, pois, acredita-se que as novas formas de erotismo apresentadas pela mulher contemporânea, como o sexo de ocasião, podem ser melhor compreendidas quando associadas a algumas características próprias da atualidade, a saber o espetáculo e a cultura do narcisismo. A pesquisa de campo comporta dois momentos. Inicialmente foram colhidas depoimentos de mulheres sobre sexo casual em revistas populares femininas e masculinas. Posteriormente foram realizadas entrevistas individuais semi-estruturadas com sete mulheres com idades entre 20 e 30 anos e em dois ambientes públicos distintos; um bar e uma universidade de Brasília. A análise de dados foi realizada por meio do método de análise do discurso. A dúvida, a insegurança e o desencanto foram fatores da subjetividade feminina suscitados pela prática do sexo casual. A dúvida em relação à posição feminina. A insegurança relativa ao modo com o qual a mulher se coloca nas relações com o sexo oposto. E o desencanto com uma perspectiva de futuro. Não saber qual é o seu lugar dentro da vivência da própria sexualidade foi um achado marcante dessa pesquisa.

Palavras-chave: sexualidade e subjetividade feminina, psicanálise, sexo casual, contemporaneidade.

ABSTRACT

The aim of this research is to understand, through a literature search and a field research, to what extent the practice of casual sex by women raises the existence of female subjective issues typical of the contemporary. It is aimed a psychoanalytic look on the practice of female casual sex looking for a comprehensive relationship between the data collected in field research and the concepts of drive, narcissism and female sexuality. It is intended still contextualise the contemporaneity through authors who deal with the culture and the habits because, it is believed that new forms of eroticism presented by the contemporary woman, as the casual sex, can be better understood when associated with certain distinct characteristics of today; the spectacle and culture of narcissism. The field research involves two moments. Initially testimonies were collected from women about casual sex in female and male popular magazines. Subsequent were performed individual semi-structured interviews with seven women aged between 20 and 30 years in two different environments public, a bar and a University of Brasilia. The data analysis was done using the method of discourse analysis. The doubt, insecurity and disillusionment were factors of female subjectivity raised by the practice of casual sex. The doubt about the female position. The insecurity surrounding the manner in which the woman is placed in relations with the opposite sex. And the disillusionment with a view to the future. Not knowing what their place within the experience of his own sexuality was a important finding of this research.

Keywords: female sexuality and subjectivity, psychoanalysis, casual sex, contemporary.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
Percurso da pesquisa	5
Do método	9
CAPÍTULO 1	
A MULHER E A SEXUALIDADE FEMININA EM PSICANÁLISE	14
1.1 O tornar-se mulher em Freud	15
1.2 Aproximações à perspectiva lacaniana sobre o feminino	19
1.3 A sexualidade feminina	25
CAPÍTULO 2	
DO AMOR SENSUAL COMUM AO AMOR DURADOURO: O NARCISISMO FEMININO E O SEXO CASUAL	32
2.1 O narcisismo nos sexos	37
2.2 <i>Do amor sensual comum ao amor duradouro: o narcisismo feminino e o sexo casual</i>	41
CAPÍTULO 3	
SEXO DE OCASIÃO E PULSÃO DE MORTE: UMA RELAÇÃO POSSÍVEL? 45	
3.1 O primeiro dualismo	46
3.2 O segundo dualismo	51
3.3 Relacionando sexo causal e pulsão de morte	54
CAPÍTULO 4	
DESAFIOS DA CONTEMPORANEIDADE: SER OU CORRESPONDER?	58
4.1 Sexualidade feminina na contemporaneidade	62
4.2 A prática do sexo casual feminino na contemporaneidade	66
4.3 Reflexões sobre a mídia como mediadora de subjetividades	69

CAPÍTULO 5

ANÁLISE DOS DADOS	73
5.1 Sexualidade e subjetividade feminina	75
5.1.1 Autoimagem	75
5.1.2 Imagem social	84
5.2 Pulsão de morte	92
5.2.1 Durabilidade da relação e repetição do evento	92
5.3 Narcisismo	97
5.3.1 O papel do outro na relação	97
5.3.2 O significado do amor	102
CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
ANEXOS	114
Anexo 1: Instrumento de pesquisa do estudo piloto	115
Anexo 2: Instrumento de pesquisa da 2ª coleta de dados	116
REFERÊNCIAS	117

INTRODUÇÃO

Foram os murmúrios do mal-estar feminino evidenciados pela clínica, a motivação inicial para o desenvolvimento deste trabalho. O interesse por esse tema de pesquisa surgiu a partir do caso de uma paciente atendida pela pesquisadora. Ela chegou com a queixa de stress, muito cansaço, que, segundo ela, estava lhe gerando um processo depressivo.

Ela é uma típica mulher contemporânea: trabalha muito, é independente financeiramente e mora sozinha em seu próprio apartamento. Viaja muito a trabalho e, por isso, “não tem tempo para namorar” *sic*. Por algum tempo essa paciente sustentou o discurso de que na sua vida atual não havia espaço para o namoro ou o compromisso amoroso. E que sua vida sexual era “resolvida” com relações sexuais sem compromisso.

Quando aquilo foi dito, ficou-se tentando imaginar o que seria relação sexual sem compromisso, pois é possível pensar que, para que ela aconteça, é preciso, antes de mais nada, um acordo entre as partes e conseqüentemente uma formação de compromisso. Mas, o que ela estava querendo dizer é que não queria que uma história se desenvolvesse a partir daquele ato. Ele deveria se consumir sem envolvimento afetivo e sem a perspectiva de um depois. Ao fim da relação, cada um deveria voltar para suas respectivas casas, do mesmo modo como se encontraram: dois desconhecidos.

Neste momento o que chamou atenção em seu discurso foi a fantasia que ela tinha na capacidade de levar a vida só, ou melhor, prescindindo do outro. Ela dizia das relações sexuais ocasionais como realização de uma necessidade física e não afetiva.

Até que num determinado ponto do tratamento, ela começou a se queixar de solidão. Dizia que estava sentindo falta de companhia para viajar, que todas as suas amigas já haviam marcado as férias com outras pessoas, que gostaria de ter alguém com quem conversar ao chegar em casa.

Começou então, a aparecer o contra-senso no seu discurso. A mulher que antes dizia que não queria saber de compromisso, agora estava sentindo falta justamente dele. Se antes dizia que não queria namorar por não ter tempo, agora sente falta de alguém com quem dividir suas questões.

Isso gerou uma reflexão sobre a ilusão do não afeto nas relações sexuais na contemporaneidade e mais especificamente no caso das mulheres. A partir daí começou-se a observar que há atualmente um discurso de posituação das relações sexuais ocasionais femininas em algumas revistas populares femininas e masculinas. São indícios de como a mídia veicula o exercício da sexualidade feminina na contemporaneidade.

As questões relativas à sexualidade feminina se articulam de diferentes maneiras em cada momento histórico. Os sofrimentos e seus modos de expressão vão ganhando contornos específicos em cada cultura. A maneira como a mulher se coloca diante de sua sexualidade depende de questões constitutivas ou pulsionais, mas também de questões ligadas a costumes de época.

Como pensar a sexualidade feminina e suas formas de expressão na sociedade do descartável, do consumismo, da negação de valores ligados a longo prazo, enfim, na sociedade contemporânea?

É possível pensar que quando a luta pela libertação sexual das mulheres começou, o que se reivindicava era o acesso ao prazer, pois, a “função reprodutora” da

mulher não incluía orgasmo ou mesmo qualquer outro tipo de satisfação sexual. “Nos anos 60-70, o feminismo se empenhava em emancipar a sexualidade das normas morais, em fazer regredir a influência do social sobre a vida privada.” (Lipovetsky, 2000, p. 76).

Na luta pela libertação das amarras sexuais, ditadas pelos dogmas morais, a mulher contemporânea se arvorou por novas formas de erotismo como o sexo de ocasião. Porém, a sexualidade da mulher contemporânea parece expressar valores cultivados pela própria sociedade atual. Essas modalidades de relacionar-se com o outro têm um toque do investimento narcísico tão incentivado atualmente.

Novos mitos femininos, então, surgiram para substituir aqueles antes atribuídos às mulheres. A mãe agora é aquela que também trabalha fora de casa. A mulher romântica é também a que seduz ativamente. A mulher passiva eroticamente tornou-se ativa na relação sexual.

Esses novos mitos parecem revelar mulheres auto-determinadas, autônomas na eleição dos caminhos a percorrer e, como não poderia deixar de ser em tempos contemporâneos, individualista quanto a seus desejos.

Para as mulheres, o mais insólito, em alguma medida fascinante, mas também assustador, é a vivência de uma autodeterminação, ou de uma autonomia na exploração das possibilidades, nas escolhas ou até na criação ou invenção de alternativas. Se por um lado essa abertura às opções pessoais é compartilhada com o homem em função de uma promoção do individualismo generalizado próprio da época, por outro a mulher pode sentir, com objetividade, que está conquistando posições novas e condições igualitárias não somente no âmbito privado, mas também no público. (Fuks, 2002, p. 105).

A liberdade sexual experimentada atualmente pela mulher tem relação com o direito adquirido por elas de disporem de si mesmas, de seus corpos, enfim, de sua existência como um todo.

Até nossos dias, a existência feminina sempre se ordenou em função de caminhos social e ‘naturalmente pré-traçados’, casar, ter filhos, exercer as tarefas definidas pela comunidade social. Foi esta época, poderíamos dizer, que encerrou essa rigidez: o destino do feminino entrou, pela primeira vez, em uma era de imprevisibilidade e de abertura estrutural. Se é verdade que as mulheres não têm as rédeas do poder político e econômico, não há dúvida de que ganharam o poder de governar-se, podendo viver sem um caminho social pré-fixado. (Fuks, 2002, p. 108).

Porém, o que surge aliado a isso é um discurso em torno da não formação de vínculos, do amor líquido e do fim dos valores a longo prazo, como diz Bauman (2004). Assim, é possível pensar que o sexo de ocasião feminino, nos moldes atuais, pode ser considerado um fenômeno da contemporaneidade que tanto incentiva valores individualistas.

Pensando o sexo como um exercício de alteridade, onde duas pessoas ocupam-se em ter prazer e dar prazer, como imaginar o modo objetivo de tratar a relação sexual por parte de algumas mulheres na sociedade contemporânea? O gozo objetivista do sexo casual pode ser considerado um modo narcísico de relacionar-se consigo mesmo e com o outro onde o foco é claro: a satisfação prioritária dos próprios desejos, utilizando ou não o outro como meio para isso.

Essa pesquisa se delineará a partir de um olhar psicanalítico sobre a prática do sexo casual feminino na contemporaneidade, buscando-se uma relação compreensiva entre os dados coletados na pesquisa de campo e os conceitos de pulsão, narcisismo e

sexualidade feminina. O objetivo é compreender em que medida a prática do sexo casual por mulheres suscita a existência de questões subjetivas femininas próprias da contemporaneidade.

Percurso da pesquisa

Esta pesquisa delineou-se como um processo. Inicialmente fez-se uma pesquisa bibliográfica a respeito do tema sexualidade feminina e o que havia sido escrito sobre as questões subjetivas envolvidas na prática do sexo casual por mulheres na contemporaneidade. Constatou-se que há um vasto material a respeito da sexualidade feminina, porém, quase nada escrito sobre o sexo casual e as questões subjetivas femininas envolvidas em sua prática.

Por outro lado, percebeu-se que as revistas populares femininas e masculinas estão frequentemente publicando matérias sobre o tema e sobre como esse é um fenômeno comum entre as mulheres na contemporaneidade. Buscou-se depoimentos de mulheres sobre a prática do sexo sem compromisso em duas revistas populares femininas (Revista Cláudia, março/2005 e Revista Marie Claire, abril/2008) e uma masculina (Revista Um, outubro/2007), além de um *site de internet* (www.universo.da.mulher.com.br).

O discurso dessas revistas enfatiza o surgimento de uma nova mulher que busca usufruir dos “privilégios” da falta de compromisso antes permitidos somente aos homens. Na atualidade, as mulheres estariam buscando fazer sexo sem compromisso “como os homens sempre fizeram”. Parece, na verdade, enfatizar uma negação das diferenças subjetivas e construir um padrão masculino de mulher.

Aliando esses discursos “femininos” veiculados na mídia com o que já vinha sendo escutado na clínica, estabeleceu-se uma hipótese inicial, qual seja, a prática do sexo casual na contemporaneidade denota a existência de um novo tipo identitário feminino. Com essa hipótese “em mãos” decidiu-se ir a campo para que fosse possível apreender os elementos que permitissem acercar-se melhor a respeito dessa problemática. Assim, um estudo piloto¹ foi realizado a partir da definição dos seguintes critérios para a coleta de dados.

1) Seriam realizadas entrevistas em um espaço público onde homens e mulheres pudessem se encontrar.

2) As entrevistas seriam individuais e seguiriam um roteiro semi-estruturado (anexo 1).

3) Seriam realizadas cinco entrevistas a título de exploração inicial do objeto de pesquisa.

A partir da definição de que era preciso encontrar um espaço público no qual homens e mulheres tivessem a possibilidade de estarem juntos, selecionou-se um bar em Brasília. As entrevistas foram realizadas e, com isso, foi possível um melhor delineamento do objeto de pesquisa.

O que se pôde constatar é que os discursos colhidos nas revistas não coincidiam com os discursos dessas cinco mulheres entrevistadas. O discurso das mulheres veiculado por revistas a respeito do sexo de ocasião diz, de um modo geral, que as mulheres escolhem fazer sexo casual por isso representar uma liberdade de prazer e pelo fato de não terem que se preocupar com o prazer do parceiro. O campo

¹ O estudo piloto foi realizado com o intuito de delinear melhor o objeto de pesquisa e pertenceu a uma etapa que precedeu à submissão do projeto ao Comitê de Ética. Devido a isso, os depoimentos não serão apresentados no corpo do texto.

revelou mulheres que fazem sim sexo casual, mas que preferem fazer sexo com um parceiro fixo com o qual tem intimidade e com quem a troca possa ser algo positivo. Além disso, vêem a prática do sexo casual como uma falta de opção. Um movimento de estar em busca de um parceiro, namorado, etc.

Diante desses contrastes discursivos, o que parece surgir são algumas questões da subjetividade feminina. Uma das entrevistadas disse que o que a motivou a ter uma relação sexual ocasional foi o fato de o parceiro ser um rapaz muito cobiçado por outras mulheres e também o fato de que, se ela “não fosse para a cama com ele naquele momento” ela seria estigmatizada como uma “menina boba” pelos demais membros do grupo.

Percebeu-se que o modelo masculino de prazer que supostamente estaria sendo apreendido pelas mulheres, de acordo com o discurso veiculado pelas revistas, não foi encontrado nas entrevistas realizadas pela pesquisadora. A revista *Um*, por exemplo, afirma que as mulheres estão buscando fazer sexo casual como os homens sempre fizeram.

Chegou-se à conclusão que a hipótese sobre a existência ou não de um novo tipo identitário feminino é uma questão muito mais profunda do que inicialmente se pensou. Seu delineamento passa por outros parâmetros que, apenas a análise da prática do sexo casual, não irá contemplar. A falácia apregoada pela revista de que há uma nova mulher, que está agindo como os homens sempre agiram, deve ser vista a partir de um olhar crítico o suficiente para que não seja absorvida sem questionamentos.

A partir da análise desses dados preliminares decidiu-se por delinear um novo problema de pesquisa. Em que medida a prática do sexo casual por mulheres suscita a existência de questões subjetivas femininas próprias da contemporaneidade? Buscou-se, então, aprofundar a pesquisa bibliográfica em dois sentidos: feminilidade e

sexualidade feminina em psicanálise; e a influência da mídia na definição de padrões de sujeitos.

Com o delineamento do objeto, qual seja, a prática do sexo casual feminino na contemporaneidade e do problema de pesquisa, já citado acima, formulou-se e encaminhou-se o projeto ao Comitê de Ética e Pesquisa do Instituto de Humanidades da UnB. O projeto foi aprovado e a partir daí uma nova coleta e análise de dados foi realizada.

Como foi feito no estudo piloto, foram determinados os seguintes direcionamentos.

1) Seriam escolhidos para a coleta de dados, dois espaços públicos onde mulheres e homens pudessem se encontrar. Foram eleitos, então, um bar e o espaço de convivência de uma universidade em Brasília.

2) Seriam realizadas entrevistas individuais, sem número prévio definido, a partir de um roteiro semi-estruturado (anexo 2).

3) As mulheres entrevistadas seriam escolhidas aleatoriamente. Seria preciso apenas, que tivessem idades entre 20 e 30 anos, pois, é o modo como a subjetividade dessas jovens adultas se apresenta que interessa a essa pesquisa.

Através de uma abordagem direta as mulheres foram convidadas a participar de uma pesquisa sobre sexualidade feminina. Foram entrevistadas sete mulheres no total; três na universidade e quatro na casa noturna. Como foi dito anteriormente, não havia pré-definição do número de participantes. O número total se deu à medida que a entrevistas foram realizadas. Foi possível perceber que as entrevistas apresentavam características e expressões muito comuns umas às outras. Com a redundância dos

discursos, ou seja, como algumas questões começaram a aparecer de modo sistemático decidiu-se por iniciar a reflexão e análise dos dados com as sete entrevistas.

Do método

Essa pesquisa foi realizada a partir de uma investigação bibliográfica e um trabalho de campo. Na pesquisa de campo, a coleta e a análise de dados estão estruturadas com base em instrumentos relativos à metodologia qualitativa. A coleta de dados foi realizada através de entrevistas individuais semi-estruturadas. As entrevistas colhidas nas revistas foram utilizadas para ampliar a reflexão acerca da prática do sexo de ocasião.

Os dados foram analisados a partir da perspectiva da análise de discurso. Essa estratégia, juntamente com a coleta semi-estruturada dos dados, intenta criar um quadro favorável para que ao longo da construção dos dados empíricos seja possível enxergar estruturas, em nível não consciente, dos sujeitos entrevistados; bem como, compreender os efeitos dessas sobre a formulação do mundo real vivido.

Não se esperava que as entrevistas refletissem/elaborassem a prática do sexo casual. Envolve nessa prática a própria elaboração discursiva ordenada em que as resistências e contradições são ocultadas por intermédio de construções discursivas. Por esse motivo a análise do discurso tornou-se ferramenta fundamental para que o desvendamento das construções discursivas pudesse acontecer.

Esse método foi escolhido com base no que Dominique Maingueneau afirmou sobre o campo de abrangência do mesmo. “A AD relaciona-se com textos produzidos: no quadro de instituições que restringem fortemente a enunciação; nos

quais se cristalizam conflitos históricos, sociais, etc.; que delimitam um espaço próprio no exterior de um interdiscurso limitado” (1989, p.13/14).

Além disso, a autora diz que existem várias análises do discurso, cada uma se atendo a um tipo de relação privilegiada com objetos de estudo, sejam eles a história ou as falas colhidas na pesquisa de campo “cujas estruturas são reguladas com flexibilidade por fatores heterogêneos” (idem, p.15).

A partir disso pensou-se que existe um modo próprio da psicologia como ciência realizar suas análises discursivas, menos presas a elementos léxicos e mais atentas às subjetividades emanadas por essas falas. Para Rocha-Coutinho e Losada (2007), psicólogas/pesquisadoras da área de gênero, “um dos aspectos interessantes dessa abordagem [análise do discurso] é justamente permitir que se olhe para o texto produzido não apenas como reprodutor de discursos hegemônicos, mas também como possuidor de um caráter transformador, produtor de novos discursos”.

Pensando ser a prática do sexo casual um fenômeno social, onde se cristalizam conflitos, entendeu-se que a análise do discurso seria um bom método para se encontrar indícios discursivos que justifiquem os conceitos estruturantes desta pesquisa. Além disso, é possível que sejam demonstradas possíveis contradições entre o que está escrito nas revistas e o que é dito pelas mulheres entrevistadas na pesquisa de campo sobre a prática do sexo casual.

Foucault (2004, p. 153), através do conceito de formação discursiva, qual seja “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço que definiram em uma época dada, e para uma área social, econômica, geográfica ou lingüística dada, as condições de exercício da função enunciativa”; aponta para um modo possível de se analisar os dados colhidos na pesquisa. É preciso decifrar

o que é proferido a partir de um olhar criterioso sobre o tempo, ou seja, a contemporaneidade; e o espaço, qual seja, a cidade.

É preciso então olhar não somente o sujeito que diz, mas olhar também a partir do lugar que aquilo é dito. Discurso e sujeito, tempo e espaço, fazem parte de um mesmo corpo que permite o entendimento do que é pronunciado. Para Maingueneau (1989, p. 14) “nem os textos tomados em sua singularidade, nem os *corpus* tipologicamente pouco marcados dizem respeito verdadeiramente à AD”. Para Orlandi (2000, p. 25) “... na perspectiva discursiva, a linguagem é linguagem porque faz sentido. E a linguagem só faz sentido porque se inscreve na História”. Faz-se necessário buscar a compreensão do que não está dito a partir de um contexto sócio-histórico.

Partindo-se do princípio de que para que haja um discurso é preciso um enunciado, um enunciador e um destinatário (Maingueneau, 1989), esse trabalho efetivou-se a partir do enunciado apregoado por uma revista masculina: “Elas preferem sexo casual”, um enunciador: a revista representada pelo jornalista responsável pela matéria; e o destinatário: o público masculino. A partir disso, construiu-se um novo lugar, qual seja, o das mulheres entrevistadas na pesquisa de campo. Neste caso, vários enunciados foram proferidos pelas tais mulheres (enunciadores) à pesquisadora como destinatária.

A análise do discurso faz-se importante por acreditar-se que para se pensar a subjetividade de um indivíduo é preciso, antes de tudo, entender de que lugar ela surge, em que contexto está inserida. Para Perret (citado em Maingueneau, 1989, p. 33) “a teoria do discurso não é uma teoria do sujeito antes que este enuncie, mas uma teoria da instância de enunciação que é, ao mesmo tempo e intrinsecamente, um efeito de enunciado”. Para Mainguenenau esse tipo de subjetividade enunciativa pode tanto colocar o sujeito no lugar de sujeito de seu discurso quanto assujeitá-lo.

Pode-se pensar que o discurso não reflete uma tradução da realidade; ele não a reflete tal e qual. A partir de quem e onde ele é pronunciado é que se pode pensar em uma análise. E a análise nessa pesquisa também ocorre a partir de uma escuta que é perpassada pela psicanálise. Assim, procura-se sim fazer análise do discurso, mas não é possível se desconsiderar a influência da escuta psicanalítica no desenrolar dessa pesquisa. Lemaire (1989) afirma que “para o psicanalista, o discurso não se reduz a seu dizer explícito. Carreia com ele, como o próprio pensamento ou o comportamento, o peso do outro de nós mesmos. Aquele que ignoramos ou que recusamos (p. 81). É na presença do outro no discurso de todo sujeito que pode-se evidenciar os papéis sociais e o sofrimento em correspondê-los.

No intuito de compreender o sujeito mulher de que se fala nessa pesquisa, o primeiro capítulo tratará da constituição da mulher, para a teoria psicanalítica, desde a vivência bissexual da sexualidade da menina, passando pela ligação pré-edípica com a mãe, até a estruturação do complexo de Édipo. Será analisada a vivência da sexualidade feminina a partir do complexo de castração e as possibilidades de destino da sexualidade da mulher a partir dele.

No segundo capítulo o tema do narcisismo será posto na tentativa de se compreender os modos de amar da mulher, tratados de maneira específica pela psicanálise. Ao longo da vida, a posição subjetiva continua sendo modelada pela interação do eu com o mundo em que se vive. A posição feminina delineada na saída do complexo de Édipo refletirá o tipo de escolha objetual para a maioria das mulheres. A partir desse modo de se relacionar com o objeto, ocorrerá uma busca maior por parte da mulher de buscar mais ser amada que amar. Com a ajuda da pesquisa de campo, procurar-se-á entender se a prática do sexo casual é uma tentativa de sair desse lugar dito por Freud, é uma confirmação desse lugar, ou é uma maneira defensiva de lidar

com ele. Procurar-se-á ainda fazer uma relação entre os conceitos freudianos de amor duradouro e *amor sensual comum* e a prática do sexo casual por mulheres na contemporaneidade.

O terceiro capítulo abrangerá uma reflexão sobre o conceito de pulsão de morte. A partir das idéias de compulsão à repetição, não conservação do objeto e esgotamento ao zero de tensão, buscar-se-á uma relação entre a pulsão de morte e a prática do sexo casual.

No capítulo quatro refletir-se-á sobre a idéia de que a cultura contemporânea apresenta valores e modelos que estimulam o modo individualista do sujeito se colocar no mundo. Valores como brevidade das relações, culto à imagem, induzem a comportamentos que revelam a tentativa de se enaltecer o eu.

Por fim, no capítulo cinco será apresentada a análise dos dados da pesquisa de campo. Argumenta-se que uma análise reflexiva da questão é facilitada por uma análise da interdiscursividade presente nos textos produzidos pela transcrição das falas das mulheres entrevistadas pela pesquisadora e dos textos das reportagens; em cotejo com a base teórica explicitada.

CAPÍTULO 1

A MULHER E A SEXUALIDADE FEMININA EM PSICANÁLISE

A feminilidade para Freud era de certo um enigma. Definir o que é masculino e o que é feminino foi uma tarefa que marcou todo o percurso de construção da psicanálise. O desenvolvimento do conceito de feminilidade percorreu um caminho desde *Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905/1996), com a idéia de libido única de essência masculina, até *Análise terminável e interminável* (1937/1996), onde Freud conclui que o feminino é algo presente em homens e mulheres.

Para Birman (1999, p. 10), a feminilidade representa uma marca psíquica contrária ao falo e que define uma posição subjetiva:

O território da feminilidade corresponde a um registro psíquico que se opõe ao do falo na tradição psicanalítica, sendo o seu contraponto nos menores detalhes. Enquanto pelo falo o sujeito busca a totalização, a universalidade e o domínio das coisas e dos outros, pela feminilidade o que está em pauta é uma postura voltada para o particular, o relativo e o não controle sobre as coisas. Por isso mesmo, a feminilidade implica a singularidade do sujeito e as suas escolhas específicas, bem distantes da homogeneidade abrangente da postura fálica. A feminilidade é o correlato de uma postura heterogênea que marca a diferença de um sujeito em relação a qualquer outro.

Isso significa que a feminilidade está ligada a algo da ordem do originariamente recalcado tanto em homens quanto em mulheres. Aquilo que está na origem da constituição de qualquer sujeito e que corresponde àquilo que é extremamente particular e subjetivo. Neste capítulo, refletir-se-á sobre a constituição do feminino na mulher a partir da vivência da sexualidade feminina.

1.1 O tornar-se mulher em Freud

Falar da constituição do feminino em Freud implica em passar pelos conceitos de atividade e passividade, pela influência dos costumes sociais e pela relação entre feminilidade e vida pulsional. É durante o complexo de Édipo que as posições femininas e masculinas começam a se delinear.

O complexo de Édipo ofereceu à criança duas possibilidades de satisfação, uma ativa e outra passiva. Ela poderia colocar-se no lugar de seu pai, à maneira masculina, e ter relações com a mãe, como tinha o pai, caso em que cedo teria sentido o último como um estorvo, ou poderia querer assumir o lugar da mãe e ser amada pelo pai, caso em que a mãe se tornaria supérflua (Freud, 1924/1996, p. 196).

A solução para a diferença entre masculino e feminino não está na anatomia. Nem tão pouco, na coincidência da masculinidade com movimentos ativos e da feminilidade com processos passivos. Freud (1932/1996, p. 117) afirma que deve-se ter cuidado para que isso não seja afirmado com base em costumes sociais:

De acordo com sua natureza peculiar, a psicanálise não tenta descrever o que é a mulher – seria uma tarefa difícil de cumprir -, mas se empenha em

indagar como é que a mulher se forma, como a mulher se desenvolve desde a criança dotada de disposição bissexual.

Ainda segundo Freud (1931b/1996), a disposição bissexual na menina é mais presente do que no menino porque nele existe apenas uma zona sexual principal ao passo que nela existe a vagina e o clitóris que é o representante do órgão masculino. Acontecerá, então, na sexualidade da menina um processo de transição: ela terá que sair da vivência sexual masculina do clitóris e terá que viver a sexualidade feminina na vagina. Essa é a primeira diferença que Freud (1931b/1996) aponta ao desenvolvimento sexual entre meninos e meninas.

Segundo Serge André, a vivência da sexualidade masculina pela menina ocorre na fase pré-edípica, quando ela ainda está identificada à mãe. Ela poderá passar à vivência feminina da sua sexualidade quando ocorrer a passagem pelo Édipo. Porém, “esta oscilação entre as duas fases do Édipo, e portanto, entre os dois objetos de amor e as duas identificações que comportam, será marcada ao longo de toda a vida sexual da mulher” (André, S., 1998, p. 201).

A segunda diferença para Freud é quanto à escolha de objeto. Tanto para a menina quanto para o menino a mãe é o primeiro objeto de amor. Porém, o menino não muda de objeto após a vivência do Complexo de Édipo, enquanto que a menina terá que abrir mão desse objeto amado, para se identificar com o pai e assim dar continuidade ao desenvolvimento da posição feminina. Assim comenta Kehl.

Freud sustenta também que o desligamento da relação entre a menina e sua mãe é fundamental não só para que aquela se torne mulher, mas também para que se torne sujeito, conquistando contornos independentes desta que lhe deu a vida e com a qual é impossível seguir misturada (Kehl, 1998, p. 256).

Ainda segundo Kehl (1998), a teoria freudiana limita o destino feminino da mulher a uma única possibilidade. Para que a mulher se constitua feminina é preciso que a ligação amorosa com o pai se constitua e assim ela possa desejar ter um filho dele.

Na teoria freudiana, a questão dos destinos das pulsões para as mulheres parece resolver-se em torno de um único investimento: fazer-se mulher como a mãe, a fim de algum dia poder receber (do pai) um bebê/falo como o que a mãe possui. Fazer-se 'feminina' é, portanto, apostar todas as fichas da existência nesta cartada, a única possível no caso da mulher (Kehl, 1998, p. 254).

A crítica de Kehl à teoria freudiana sobre o destino da mulher parece refletir um incômodo com relação a um destino único. Talvez se possa pensar que não é único, mas sim, singular. É específico. Mas esse é um caminho que não se dá pronto desde sempre. Vicissitudes ocorrerão até que se atinja essa tal posição feminina.

Segundo Freud (1932/1996), o desenvolvimento sexual da mulher se ampara em duas assertivas. Primeiro que haverá uma luta da libido para se adaptar a essa função feminina e segundo que as questões mais críticas já terão sido resolvidas antes da puberdade.

Assim como para o menino, a sexualidade feminina se define a partir da vivência do complexo de Édipo. Porém, no caso da menina, Freud (1932/1996) chama a atenção para a vivência do período pré-edípico de ligação com a mãe. A ligação erótica que a menina desenvolve com o pai não é senão uma transferência dos desejos vividos inicialmente com a mãe.

Para Freud (1932/1996), essa ligação pré-edípica da menina com sua mãe é a responsável por prepará-la para o exercício da sua função sexual futura e das tarefas sociais. A mãe até esse momento ainda é o único ponto de identificação da menina e, o que a mãe faz e conseqüentemente a criança assiste, terá grande peso no exercício de sua feminilidade posterior. Porém, nesse momento, a menina não compartilha com sua mãe somente afetos positivos. “Os afetos ternos pela mãe não querem dizer que a criança não esteja nutrindo raiva, justamente pela possibilidade de perda” (Martins, 2002, p. 100).

A menina vive esse afastamento obrigatório da sua mãe com bastante hostilidade. Nesse momento ela não aceita o pai, pois é ele quem a priva de seu amado objeto. Freud (1932/1996) diz que o menino, ao passar pelo complexo de Édipo nada perde, pois seu objeto de amor continua sendo a mãe. Já a menina, para atingir a feminilidade, abre mão desse objeto que lhe é tão caro para ligar-se ao pai.

Jacques André (1996, p. 58) discorda de Freud no que diz respeito ao que é vivido entre a filha e a mãe no período chamado pré-edípico. Segundo ele “o cara-a-cara entre a filha e a mãe, impropriamente chamado de ‘pré-edipiano’, não é o campo fechado dos abraços e dos confrontos, mas um nó de relações desde sempre inserido nos processos de simbolização”.

A menina abre mão da sua mãe pela agressividade. A mãe proíbe-lhe muita coisa a partir da educação, inclusive a prática da masturbação do clitóris. Isso faz com que esse objeto amado não seja mais tão perfeito. Além disso, ela descobre que a mãe também é castrada e a culpa por sua própria castração. Isso obriga a menina a procurar refúgio no pai. Porém isso não acontece sem ser acompanhado por sentimentos de perda e rejeição.

Seja como for, ao final dessa primeira fase de ligação à mãe, emerge, como motivo mais forte para a menina se afastar dela, a censura por a mãe não ter lhe dado um pênis apropriado, isto é, tê-la trazido ao mundo como mulher (Freud, 1931b/1996, p. 268).

Ao ligar-se ao pai, a menina dá início de fato à vivência do Complexo de Édipo e assim firma o caminho em direção à vivência da sexualidade feminina ou não. Para se tornar menina terá que, primeiramente, abrir mão da vivência masculina de sua sexualidade. Antes do processo de identificação, que ocorrerá com a dissolução do complexo de Édipo, tanto a menina quanto o menino terão por seus pais sentimentos ambivalentes de ódio e amor. Isso é a vivência bissexual do complexo de Édipo, configurado não como uma norma, mas um trajeto onde, a partir dos jogos de identificação e escolha de objeto, cada um se constituirá sujeito, tornando-se neste caso específico, mulher.

1.2 Aproximações à perspectiva lacaniana sobre o feminino

Lacan (1998) traz inicialmente uma diferença fundamental com relação à teoria freudiana da formação do sujeito. A constituição deste não se dá apenas no Édipo, mas começa desde o estágio do espelho.

Esse estágio começa quando o bebê está por volta dos seis meses e termina em torno dos dezoito meses de idade. Ele representa segundo Lacan (1998), o processo de subjetivação do indivíduo. “A imagem do corpo se constrói com referência à visão efetiva do rosto materno e aos referenciais sensoriais” (Ledoux, 1991, p. 39). A imagem do bebê está colada na imagem da mãe. Esta interpreta todas as expressões de

insatisfação e satisfação dele e, com isso, coloca ali algo que é seu, algo que diz dos seus desejos. É no olhar da mãe, que funciona para a criança como espelho, que é possível a assunção de uma imagem unificada de eu.

O estágio do espelho ocorre em três fases (Lacan, 1998). Na primeira fase, a imagem no espelho é interpretada pelo bebê como um outro real. Na segunda fase ele já percebe que não é uma outra criança, mas sim uma imagem. Na terceira fase o bebê já dá conta de perceber que aquilo que ele vê é sua imagem.

O estágio do espelho é o período no qual o sujeito sofre uma transformação, chamada por Lacan de identificação, a partir da assunção de uma imagem. Isso gera na criança uma profunda sensação de prazer que funcionará como

matriz simbólica em que o [eu] se precipita numa forma primordial, antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito (Lacan, 1998, p. 97).

A imagem refletida é uma referência simbólica para o eu, mas, ao mesmo tempo em que lhe confere a sensação de unidade, representa também o destino alienante do sujeito, na medida em que o eu se une com a figura projetada e com todas as expectativas vindas a partir do ambiente que a produz.

O estágio do espelho antecipa algo que o sujeito ainda não está preparado maturacionalmente para viver. Ele ainda não teve acesso à linguagem e conseqüentemente ao simbólico. Como a imagem do eu ainda está colada na imagem da mãe, ela se torna alienante.

Trata-se da constituição do eu como imagem antecipada onde se encontram unificadas as pulsões, como diz Freud, as pulsões auto-eróticas que cortam o

corpo em figuras que encontramos na clínica como imagens do corpo despedaçado (Quinet, 1986, p.17).

A função do estágio do espelho é “estabelecer uma relação do organismo com sua realidade” (Lacan, 1998, p. 100). Sua conclusão se dá na passagem do eu especular para o eu social; do *moi* para o *je*. Ainda segundo Lacan, isso acontece “pela identificação com a *imago* do semelhante e pelo drama do ciúme primordial” (1998, p. 101).

O estágio do espelho e o complexo de Édipo tem relação direta na teoria lacaniana. O Édipo de Lacan diferentemente do de Freud, é organizado logicamente e dividido em três tempos.

O primeiro tempo do Édipo é aquele no qual ocorre o estágio do espelho. A criança está totalmente identificada ao objeto de desejo da mãe, ou seja, ela funciona como falo materno. Na medida em que a mãe é um ser humano que já teve acesso à linguagem, ou seja, à lei simbólica, e é somente a ela a quem o bebê permanece temporariamente ligado, ela fica para ele como a lei prevalecente.

Mas essa lei da mãe é onipotente, pois só ela é capaz de satisfazer e suprir as precisões da criança. A mãe nesse primeiro tempo lógico do Édipo é para a criança um Outro absoluto, sem lei (Quinet, 1986, p. 16).

Dessa forma, o eu é formado pela imagem do outro, da mãe. É ela quem reflete especularmente no seu olhar o que é um ser humano. “A imagem de corpo é prefigurada pela imagem do outro ou pela imagem do espelho.” (Quinet, 1986, p.17). Essa unidade é algo imaginário e ilusório, porém é ela que dará ao indivíduo a idéia de

eu-ideal. A relação simbiótica com a mãe levará a criança a uma identificação ao outro não passível de intermediação simbólica, por ainda não haver a linguagem.

Quando a criança enfim fala, ela entra no universo simbólico. “Lacan nos indica que o fato de poder representar a mãe por um fonema denuncia que esta é simbolizada pela criança” (Quinet, 1986, p. 18). Ela deixa de ser objeto para ser símbolo. Essa entrada inicial no simbólico por parte da criança representa o segundo tempo do Édipo e se dá pela chegada de um terceiro elemento na relação mãe/bebê: o pai. Este aparece como instância, função paterna, no discurso da mãe. Surge então na vida psíquica da criança o significante nome-do-pai e a metáfora paterna. Isso significa que o desejo da criança com a mãe e dela para com o filho será regulado pelo pai.

O nome-do-pai demonstra para a criança que o olhar da mãe não está voltado somente para ela, e que assim, a mãe também está submetida a uma lei. “O significante nome-do-pai é o que faz a mãe ser simbolizada, a função significante do nome-do-pai inscreve-se, então, no Outro, que era para a criança até então só ocupado pela mãe” (Quinet, 1986, p.19).

É o pai, como função paterna, que irá barrar a mãe onipotente para a criança. A imagem de completude materna se desfaz na medida em que o pai aponta sua falta. Opera-se na criança a castração simbólica assim que o pai a destitui do lugar de falo materno. A partir do momento em que o Outro não tem mais o falo, ele passa a ser um Outro castrado com o qual a criança não deseja mais se identificar. Ela deixa de ser o falo da mãe e passa a querer ter o falo como o pai.

Essa identificação com essa figura, de fato fálica do pai, marca o terceiro tempo lógico do Édipo. A criança percebe a mãe como barrada a ela e a partir da marca do significante nome-do-pai e da metáfora paterna já instaurada em si, ela será mediada pelo simbólico para encontrar no real a possibilidade de realização dos seus desejos.

Percebe-se melhor agora como a interdição paterna, reiterando para cada sujeito o princípio inaugural da passagem Natureza-Cultura, faz do pai o representante da Lei e o protagonista da entrada que o sujeito efetua na ordem da cultura, da civilização e da linguagem... No decurso do fenômeno Edípico, a criança, simbolizando a realidade paterna, isto é, acedendo à 'metáfora paterna' (Nome-do-Pai, ou seja, uma coisa nomeada que exerça a função do interdito e que possa castrar o sujeito), acede à Lei, cujo fundamento é precisamente o Nome-do-Pai, e se instala no registro simbólico) (Lemaire, 1989, p. 130).

O sentimento de hostilidade da menina com relação a sua mãe marca o início da implicação dela com o feminino. A mãe castrada revela para a criança o insuportável da sua condição. Ela não é fálica e é nesse ponto que aparece outra divergência da teoria Freud/Lacan.

Na obra freudiana o falo tem valor de referência simbólica, ou seja, aquele que simboliza a castração da relação da mãe com a criança e dela com a mãe. Para Lacan, além dessa função, o falo é também um elemento significante, o elemento que marca e define o masculino.

O pai só é estruturalmente terceiro na situação edípica porque o falo é o elemento significante que lhe é atribuído. Uma primeira precisão parece estar estabelecida: o objeto fálico é, antes de mais nada, um objeto cuja natureza está em ser um elemento significante (Dor, 2003, p. 74).

A separação da mãe possibilitará ao sujeito deparar-se consigo mesmo e com suas faltas. O significante nome-do-pai traz para o sujeito a possibilidade de acesso

à subjetividade. Incentiva a realização de si mesmo no mundo da linguagem, da cultura e da civilização.

Porém, a partir desse momento, no caso específico da menina, ela terá que se haver com uma identidade sexual da qual se sente privada (André, S. 1998, p. 195).

Lacan nos ensinou que uma identificação imaginária só se fixa como semelhança do sujeito se puder se apoiar sobre um traço simbólico, ‘traço unário’, como ele o chama, espécie de significante mínimo que o sujeito apanha do Outro para arrumar sua identidade.

Lacan (1985) considera que o sujeito mulher não existe por não existir o menos um não castrado, o traço simbólico que lhe sirva de significante. Porém, “se A Mulher, escrita com maiúscula, é impossível de identificar como tal, uma vez que ‘não existe’, isso não impede que a condição feminina exista” (Soler, 2005, p.18).

Para Lacan (1985) a mulher não está aquém do falo, mas além dele através do seu gozo suplementar. É um gozo que não tem o limite fálico que o homem tem. Soler (2006, p. 202) diz que essa lógica feminina de ser o não-todo provoca na mulher uma fuga de tudo aquilo que tampone sua falta fálica.

ela...traí todos os objetos que respondem à falta inscrita pela função fálica, em prol do abismo. Esse traço de aniquilação, quase sacrificial, é a marca própria que designa o limiar, a fronteira da parte ‘não’ do todo fálico, do não-todo, Outro absoluto.

A questão da feminilidade na obra lacaniana está intrincada com o conceito de gozo. Isso será mais especificamente abordado no próximo tópico.

1.3 A sexualidade feminina

O processo de desenvolvimento psicosssexual da criança definirá sua posição subjetiva, seja ela feminina ou masculina. (Freud, 1905/1996). Toda a vivência sexual infantil desde o nascimento até a experiência genital adulta trilhará o caminho para o modo do sujeito ser no mundo. Para Celes “a sexualidade em seu enraizamento biológico e psicológico é o pivô, a pedra angular, ou ainda, conteúdo e forma, da subjetividade” (1995, p. 151).

Ainda segundo Celes (1995), “a sexualidade define-se nas experiências de satisfação, nas experiências e nos canais de exteriorização (possíveis) da excitação sexual, da libido” (p. 150). Porém, é a partir da vivência do Édipo que a sexualidade feminina vai se tornando mais evidente. E é com o complexo de castração que tudo se efetiva. “... as meninas responsabilizam sua mãe pela falta de pênis nelas e não perdoam por terem sido, desse modo, colocadas em desvantagem” (Freud, 1932/1996, p. 124).

A mãe e sua castração (ou não) norteará o olhar da menina em busca do que lhe falta. Segundo Kehl (1998, p. 247), o pênis inicialmente desejado pela menina é transformado em falo quando passa pelo crivo do desejo de sua mãe: “O pênis só é falo quando se constitui como objeto do desejo materno, isto é, objeto capaz de obturar a falta. Já não basta portar um pênis para ter um falo”. Assim, a posição subjetiva feminina na mulher surge quando ela deixa de desejar ter um pênis para desejar ter o falo encarnado pelo filho que teria do pai.

Freud (1932/1996) afirma que, tanto para o menino quanto para a menina, o complexo de castração se inicia quando eles se deparam com os genitais do sexo oposto. Ao se deparar com a falta do pênis, a menina se indigna por não tê-lo. Ela não se

conforma facilmente com essa idéia e por muito tempo ilude-se com o fato de ter no clitóris um pequeno pênis que ainda crescerá.

Ainda segundo Freud (1931b/1996) a sexualidade da menina tem três destinos possíveis a partir da vivência do complexo de castração: a inibição sexual ou a neurose, a modificação do caráter no sentido de um complexo de masculinidade e a feminilidade normal.

No caso da inibição sexual ou neurose, a descoberta da castração é vivida como algo absolutamente traumático. Inicialmente a menina vive sua sexualidade de maneira masculina, pois seus desejos sexuais são dirigidos à mãe e porque ela consegue ter prazer a partir da excitação do seu clitóris. A partir da percepção da ausência do pênis, ela não consegue mais essa vivência masculina da sua sexualidade, pois descobre que não tem o órgão que achava que tinha. Surge o sentimento de inferioridade e aumenta a hostilidade com relação a genitora, devido a sua castração. Como os meninos também apontam sua posição menor surgem os problemas relacionados à neurose.

Ao constatar que ‘seu pequeno pênis’ (o clitóris) nunca há de crescer, a menina vê fracassar sua ilusão de masculinidade e, com isto, seu amor pela mãe, que lhe parece inferior ao pai e aos homens em geral. Diante da castração consumada, escreve Freud, a menina volta seu amor para o pai, portador do órgão fático, na esperança de algum dia vir a receber dele o que a mãe foi incapaz de lhe legar: um pênis (ou um falo?) ou um substituto à altura na forma de um bebê” (Kehl, 1998, p. 243).

No complexo de masculinidade, a menina recusa a reconhecer-se castrada e com isso fica presa a uma atividade sexual clitoridiana afirmando cada vez mais sua porção masculina. Como não reconhece a castração, ela pode se identificar tanto com a mãe fálica quanto com o pai. Freud afirma que o complexo de masculinidade decorre de

fatores constitucionais. “Que será que decide em favor de um tal desfecho? Só podemos supor que é um fator constitucional, uma quantidade maior de atividade, tal como geralmente é característico no homem” (Freud, 1932/1996, p. 129). Essa seria uma posição defensiva, onde a mulher permaneceria na satisfação sexual clitoridiana, recalçando assim, seu próprio sexo.

Já no caso do exercício da suposta feminilidade normal, a menina transfere da mãe para o pai suas ligações objetais e afetivas, toma seu pai como objeto de amor e assim consegue atingir a forma feminina do Complexo de Édipo. Ocorre a renúncia da atividade sexual fálica e abrem-se os caminhos para a sexualidade feminina. Ao descobrir-se castrada, a menina volta-se para seu pai na esperança de ter o pênis que a sua mãe lhe recusou. Freud aponta que para a posição feminina se estabelecer de fato, o desejo de ter um pênis precisa ser substituído pelo desejo de ter um bebê e este sendo do seu pai. “... o objetivo do mais intenso desejo feminino” (Freud, 1932/1996, p. 128). É isso que marca a entrada da menina no Édipo.

Assim, a mãe torna-se para a menina sua rival, pois é ela quem recebe do pai aquilo que deseja. Dessa forma, a menina entra no Complexo de Édipo através do complexo de castração. No caso do menino acontece o contrário. Por medo de ser castrado pelo pai por causa do seu desejo por sua mãe, ele abandona e reprime seu complexo de Édipo.

Para Mitchell (como citado em Kehl, 1998, p. 52) o complexo de Édipo não representa somente a divisão sexual real, mas também uma divisão simbólica que aponta para a falta geradora de desejo.

O falo vem para ficar como objeto necessariamente ausente de desejo no nível da divisão sexual. Se é assim, o complexo de Édipo não pode mais ser um mito estático que reflete a situação real do pai, mãe e criança, ele se torna

uma estrutura em torno da questão onde uma pessoa pode ser colocada em relação ao desejo.

Enquanto o Complexo de Édipo no menino se desfaz e surge o superego como seu herdeiro, Freud (1924/1996) diz que na menina ele dura um tempo indeterminado e ela só o desfaz tardiamente e, por vezes, de maneira incompleta.

A menina aprenderá a ser mulher com sua mãe. Ela lhe mostrará o que tem, para ter conseguido conquistar o marido, pai da menina. A questão incômoda nesse momento é ela ter que se identificar com uma marca fálica inexistente na mãe.

Tudo o que a mãe pode fornecer como traço simbólico suporte da identificação é o falo. Quer ela o detenha – como a criança acredita de início – quer não o tenha – como ela vai descobrir – isso implica em que ela remete sua filha a um marco que pode lhe significar, mas que não detém. Aí está sem dúvida a explicação radical ao fato de que a vida sexual feminina esteja de tal modo centrada no amor e na demanda do amor, ou seja, na demanda de se fazer dar, pelo Outro, aquilo que ele não tem. A falta da mãe, com relação à filha, deve ser então vista como uma dupla falta: falta do significante de uma identidade feminina, por um lado, e falta do falo, por outro lado (André, S., 1998, p. 196).

Segundo Lacan (1985), não é a falta do pênis que define a diferença entre os sexos, mas a falta imaginária dele, ou seja, a falta do falo. A falta real é transformada em imaginária através de uma elaboração psíquica. A menina sustenta então, psiquicamente, sua condição de faltante a partir do que ela imagina que deveria encontrar no lugar do seu buraco. Esse será um processo estruturante para o sujeito no momento em que o falo imaginário tornar-se simbólico na vivência da metáfora paterna.

É essa problemática fálica que abrirá caminho para a identificação sexual do sujeito. Para Dor (1991) esse caminho se faz a partir de dois planos: “De um lado, um primeiro nível: o real de nossa anatomia sexual; de outro, um segundo nível que constitui justamente nossa identidade sexual, a qual resulta de uma elaboração psíquica a partir deste real.” Porém, o mesmo autor enfatiza que “não é jamais o sexo anatômico exibido ou percebido que nos dá a indicação mais certa de nossa identidade sexual.” (p.153/154).

Como já dito anteriormente, é a partir da metáfora paterna vivida no segundo tempo do Édipo que a posição sexual se define. Quando a lógica fálica se instaura e o desejo da mãe é barrado, a criança se identifica com o falo. No caso da menina essa identificação ocorre de maneira negativizada, pois a identificação ocorre com aquilo que ela não é e com o que ela não tem. Néri concorda com Serge André (citado acima) no que diz respeito à dupla falta da mãe em relação à filha:

Uma identidade imaginária só se constitui se puder se apoiar sobre um traço unário, significante mínimo que o sujeito se apropria do outro para arrimar sua identidade. Ora, a metáfora paterna não oferece à mulher um suporte identificatório de feminilidade. Do lado da mãe, a filha também não encontra um significante da feminilidade. A falta da mãe em relação à filha deve ser vista como uma falta dupla: falta do significante da feminilidade e falta do falo. (Néri, 2005, p. 203).

Quando o grande Outro, ou seja, o ponto maior de identificação da criança, é deslocado da figura da mãe para a do pai, aponta para a criança que ela está submetida a uma lei simbólica. Ela pode ser castrada se permanecer no gozo com a mãe. Esse pai que castra é aquele não submetido à castração; é o menos um (Lacan, 1985). No caso da mulher, não existe ninguém do seu gênero que seja uma exceção fálica, ou seja,

nenhuma mulher que não seja castrada. Assim, como já dito anteriormente, Lacan (1985) afirma a não existência da mulher. Ele quer dizer que não há o menos um; não há um significante fálico que a represente.

Lacan (1985) divide os sexos segundo uma diferença lógica. O masculino funciona segundo a lógica do todo-fálico e a mulher a do não-todo fálico. O masculino tem o gozo fálico e o feminino o gozo suplementar.

As mulheres mantêm uma relação com o gozo necessariamente diferente da dos homens. Como formula Lacan, trata-se de uma relação outra com o gozo, pois que não existe, como para os homens, um gozo absoluto, ao mesmo tempo inacessível e proibido. Para os homens, um gozo fálico sempre tem uma relação com o gozo do Outro, que é gozo proibido. Enquanto que o outro gozo das mulheres mantém uma relação diferente com o gozo do Outro. Como para os homens, esse gozo do outro lhes é impossível, mas esse impossível para elas não funciona como uma proibição. Por esta razão, uma possibilidade de gozo suplementar é aberta para as mulheres. É o que Lacan designa como o mais de gozar, para salientar essa relação particular das mulheres com o ‘gozo do Outro’ (Dor, 1991, p. 159).

Nem o homem nem a mulher “nascem” com o falo, mas se a mulher não se constitui fálica, então ela não é submetida às suas restrições. Por isso, o gozo da mulher não é limitado, como o do homem, pelas proibições fálicas da metáfora paterna. Ele é “um gozo excessivo para além do gozo fálico do significante” (Neri, 2005, p. 196).

A questão é o que a mulher faz com a falta. Como ela se faz desejar se ela não tem o que é passível de desejo? Para Neri,

É sobretudo pelo que ela não é que ela quer ser desejada. Na mascarada feminina, trata-se menos de ter o falo como o homem, mas de sugerir um

outro ‘falo misterioso’, a feminilidade. Se Lacan desloca o feminino do pólo negativo castrado, é para lhe oferecer o pólo fetichista do objeto fálico do desejo masculino. (2005, p. 202).

Dessa forma, enquanto o feminino, para Freud, ocupa um lugar de singularidade que distingue um ser humano de outro, seja ele homem ou mulher; para Lacan, o feminino representa a condição necessária para a mulher se fazer desejar.

É possível perceber que as teorias de Freud e Lacan apresentam algumas diferenças sobre a sexualidade feminina, mas não se opõem. Trazem contribuições, cada uma a seu modo, para o entendimento da diferença entre os sexos. Porém, os dois concordam que não se nasce mulher, mas torna-se. É uma condição subjetiva vir-a-ser que pode se efetivar ou não. Dependerá de como ela constituiu seu processo identificatório com o pai (masculino) e com a mãe (feminino), após a vivência bissexual ambivalente da trajetória edípica.

CAPÍTULO 2

DO AMOR SENSUAL COMUM AO AMOR DURADOURO: O NARCISISMO FEMININO E O SEXO CASUAL

Por várias vezes em seus textos sobre o feminino, Freud coloca a mulher com características muito singulares. Ele afirma que o narcisismo mais acentuado, a inveja do pênis e a vergonha são características femininas oriundas da castração. Através da vaidade física a mulher estaria tentando resolver aquilo que ele chamou de “uma tardia compensação por sua inferioridade sexual original” (Freud, 1932/1996, p. 131). Afirmações como essas parecem ter transformado a teoria freudiana sobre o feminino em uma grande polêmica.

Autores pós-freudianos buscaram interpretações diversas a respeito das assertivas freudianas em relação à singularidade da posição subjetiva feminina. Para Birman, por exemplo, a fantasia feminina da inveja do pênis tem uma origem ontológica.

Seja pela presença imaginária do falo no pênis, no corpo masculino, seja na sua inexistência como tal no corpo da mulher, a oposição masculino/feminino foi concebida pela lógica do falo, pela oposição crucial entre a sua presença e a sua ausência. O que implica dizer que quem tem o falo acredita na sua superioridade ontológica, enquanto quem não o possui se acredita inferiorizado no seu ser. Estabelece-se, assim, uma espécie de conseqüências psíquicas, sociais e culturais. Dessa forma, quem possui o falo gaba-se disso,

enquanto quem não tem inveja quem o possui. Seria aqui que se inscreveria a concepção da existência da fantasia feminina da inveja do pênis, tão difundida até então no discurso freudiano (1999, p. 51/52).

Assim como o tema da sexualidade feminina, o narcisismo nos sexos parece ser mais um desses conceitos freudianos espinhosos - e se assim pode-se considerar, polêmicos - a respeito do destino da mulher e da sua sexualidade. O lugar da mulher nas relações amorosas, como não poderia deixar de ser, também gera discussão.

O exercício de alteridade nas mulheres dentro de uma relação amorosa foi tratado de maneira específica por Freud. Ele afirmou que era uma tendência própria das mulheres buscarem mais serem amadas do que amar (Freud, 1914/1996). Apesar de não generalizar, atribuindo essa característica a todas as mulheres, essa afirmação freudiana gerou e gera polêmica até os dias atuais. Na presente pesquisa, acredita-se que Freud não quis apontar um lugar de inferioridade feminina em relação ao amor. Mas quis sim, apontar um lugar de diferença; um lugar de singularidade. Não é possível que se afirme que homens e mulheres sejam iguais subjetivamente. Seus processos de constituição de sujeitos são diferentes - como já foi discutido anteriormente - e, conseqüentemente, suas relações com o objeto também serão diferentes.

A partir disso, é possível refletir sobre três questões a respeito da sexualidade feminina da mulher contemporânea: as novas formas de erotismo são uma tentativa de sair desse lugar dito por Freud, representam uma confirmação desse lugar, ou são uma maneira defensiva de lidar com ele?

A partir da assertiva freudiana citada acima, a análise do sexo casual torna-se passível de delimitação. Nessa prática, o outro, inicialmente, parece não ser depositário de um investimento de amor, mas o próprio corpo é levado à situação para

ser amado. Esse parece ser o desejo envolvido nesse tipo de relação. Com relação ao desejo, Green afirma:

O desejo é o movimento pelo qual o sujeito é descentrado, isto é, que a busca do objeto da satisfação, do objeto da falta, faz o sujeito viver a experiência de que seu centro não está mais nele mesmo, que está fora de si num objeto do qual está separado, ao qual tenta se reunir para reconstituir seu centro, por meio da unidade – identidade reencontrada – no bem-estar consecutivo à experiência de satisfação (Green, 1988, p. 21).

Se for preciso um movimento em direção a um descentramento de si e em direção ao outro para que se obtenha uma experiência saudável de satisfação, é possível afirmar que há na atualidade uma profunda dificuldade disso acontecer. Com a superficialização das relações, os encontros tornam-se fugazes sem que exista tempo, por exemplo, para o desejo caminhar para o amor. Freud alerta para o risco à saúde psíquica gerado pela incapacidade de amar do sujeito. Ele diz isso a partir da afirmativa de que é preciso ultrapassar os limites do narcisismo e ligar a libido a objetos.

A resposta decorrente de nossa linha de raciocínio mais uma vez seria a de que essa necessidade surge quando a catexia do ego com a libido excede certa quantidade. Um egoísmo forte constitui uma proteção contra o adoecer, mas, num último recurso, devemos começar a amar a fim de não adoecermos, e estamos destinados a cair doentes se, em consequência da frustração, formos incapazes de amar (Freud, 1914/1996, p. 92).

O narcisismo a ser transposto, sobre o qual Freud se refere, é o vivenciado a partir da relação simbiótica do bebê com sua mãe, ou seja, o narcisismo primário. O Eu do bebê funde-se com o objeto mãe. Nessa fase a mãe ainda não funciona no lugar de

Outro e sim como um prolongamento do próprio Eu da criança. O narcisismo é uma fase normal do desenvolvimento psíquico, fundamental para a constituição do eu e do lugar do outro para todos os humanos. As dificuldades no relacionamento interpessoal ocorrem quando, por algum motivo, a saída dessa fase fica comprometida ou, na vida adulta, o retorno a ela prende o eu em si mesmo, caracterizando um modo de relação na qual não há legítimo valor e interesse pelo outro. Green aponta os possíveis fracassos que podem ocorrer a partir de uma extensão da relação primária de narcisismo.

Se este modo de identificação narcisista persiste para além da fusão com o objeto, quando o Eu se distingue do não-Eu e admite a existência do objeto em estado separado, este modo de funcionamento expõe o Eu a inumeráveis desilusões. A alteridade não reconhecida inflige ao Eu incessantes desmentidos sobre o que se supõe que o objeto seja e provoca inevitavelmente a decepção sempre renovada quanto ao que se espera dele. A tal ponto que o Eu nunca pode contar com o objeto para reencontrar esta unidade-identidade que lhe garante encontrar seu centro por ocasião de uma experiência de satisfação sempre insaciada (Green, 1988, p. 22).

A experiência do encontro com o outro e, mais ainda, do encontro amoroso, depende de uma estrutura subjetiva construída nas bases de um eu que passou pela fase do narcisismo primário e dele saiu saudavelmente. Isso prepara o sujeito para reconhecer que o mundo não se encerra em si e assim a experiência da alteridade torna-se necessária e se reforça durante a vida do sujeito inserido na cultura.

Nos tempos atuais, é cada vez mais freqüente o sentimento e a queixa de dificuldades de relacionamento na vida das pessoas. Será que a dificuldade não se dá justamente por causa do fortalecimento da cultura do individualismo ou como diz Lazzarini (2006), cultura do narcisismo?

Tanto a alteridade não reconhecida dita por Green quanto o egoísmo como proteção a que Freud se refere, podem ser relacionados também à evitação da formação de vínculo que muito se percebe nas relações humanas na contemporaneidade, bem como na prática do sexo casual. No medo de se envolver afetivamente e talvez sofrer a partir disso, evita-se o laço e suas possíveis conseqüências negativas. Se não há espaço para o duradouro, o encontro amoroso já fracassa no seu nascedouro, ou seja, na intenção.

Eros e narcisismo: a demanda de amor que não encontra o caminho do amor, o desejo de contato que não se satisfaz no contato porque não agüenta as evidências da castração que o contato traz: o rebaixamento das energias vitais, da alegria erótica de viver (Kehl, 1987, p. 489).

Essa defesa contra o envolvimento afetivo, ou contra o contato como diz Kehl, que aparece muito freqüentemente também na clínica, parece colocar a mulher contemporânea em um lugar de suspensão, marcado pela ambigüidade de desejos. Ao mesmo tempo em que ela quer evitar o vínculo ela se queixa de solidão.

A castração que se faz presente no vínculo amoroso é algo da ordem do inevitável. Não é possível fugir disso. Segundo Green (2000), a ilusão de existir uma harmoniosa intimidade entre os parceiros do sexo, gerando uma felicidade geral, é uma idéia que realiza a castração de *Eros* pelo fato de torná-lo inofensivo. Talvez ele esteja apontando não só para o aspecto sempre perturbador e transgressor da sexualidade bem como para seu invólucro narcisista. Qualquer sujeito que se propõe a ser um parceiro sexual leva consigo seus conflitos e suas singulares questões relativas à própria sexualidade e conseqüentemente suas implicações narcísicas.

2.1 O narcisismo nos sexos

Freud aborda o assunto do narcisismo em seu célebre texto de 1914 através de três modos: o estudo da doença orgânica, da hipocondria e da vida erótica do homem e da mulher. Neste estudo manter-se-á atenção no terceiro enfoque.

Para Freud (1914/1996) todo ser humano tem, desde seu nascimento, dois objetos sexuais, quais sejam, ele próprio e a mulher que cuida dele. É com essa afirmação que Freud assume a existência de um narcisismo primário em todos os indivíduos. Ele poderá se manifestar de maneira dominante na sua futura escolha objetual. Se isso vier a acontecer, a escolha objetual será do tipo narcísica.

Descobrimos, de modo especialmente claro, em pessoas cujo desenvolvimento libidinal sofreu alguma perturbação, tais como pervertidos e homossexuais, que em sua escolha ulterior dos objetos amorosos elas adotaram como modelos não suas mães mas seus próprios eus. Procuraram inequivocamente a *si mesmas* como um objeto amoroso, e exibem um tipo de escolha objetual que deve ser denominado 'narcisista'. Nessa observação temos o mais forte dos motivos que nos levaram a adotar a hipótese do narcisismo (p. 94).

A escolha objetual de um sujeito se dará a partir de suas vivências iniciais de satisfação (Freud, 1914/1996). Além da escolha narcísica referenciada acima, poderá ocorrer a escolha objetual do tipo anaclítica. Se na escolha narcísica o sujeito se liga objetivamente a si mesmo, na anaclítica ele estabelece uma ligação com algum objeto externo, mais necessariamente, como Freud afirmou com quem geralmente foi o responsável por lhe dispensar os cuidados ligados à necessidade.

Assim, Freud (1914/1996) afirma que o indivíduo que faz a escolha objetual do tipo narcísica, procura alguém que seja o que ele próprio é, o que ele próprio foi, o que ele próprio gostaria de ser ou alguém que foi, alguma vez, parte dele mesmo. Já quem faz a escolha objetual do tipo anaclítica, se liga a indivíduos que operam como substitutos da mulher que o alimentou ou do homem que o protegeu.

Apesar de dizer que tanto a escolha objetual narcísica quanto a anaclítica podem ocorrer com qualquer sujeito, Freud faz clara distinção no que diz respeito a homens e mulheres. O que seria típico do sexo masculino é a escolha anaclítica. E com relação às mulheres, a escolha mais provável seria a narcísica.

O amor objetual completo do tipo de ligação é, propriamente falando, característico do indivíduo do sexo masculino. Ele exibe a acentuada supervalorização sexual que se origina, sem dúvida, do narcisismo original da criança, correspondendo assim a uma transferência desse narcisismo para o objeto sexual... Já com o tipo feminino mais freqüentemente encontrado, provavelmente o mais puro e mais verdadeiro, o mesmo não ocorre. Com o começo da puberdade, o amadurecimento dos órgãos sexuais femininos, até então em estado de latência, parece ocasionar a intensificação do narcisismo original, e isso é desfavorável para o desenvolvimento de uma verdadeira escolha objetual com a concomitante supervalorização sexual (Freud, 1914/1996, p. 95)

A escolha objetual narcisista teria então como finalidade e satisfação o fato de ser amado (Freud, 1914/1996). Se para as mulheres a escolha objetual mais comum seria a narcísica, pode-se pensar que elas têm como principal caminho de satisfação egóica o ato de serem amadas. É interessante observar que Freud se redime com as mulheres nesse mesmo texto, dizendo que não é seu objetivo colocá-las em um

lugar depreciado. Ele parece demonstrar que sua afirmação citada acima é uma constatação.

Soler traz a discordância de Lacan a Freud no que diz respeito a essa busca da mulher por ser amada. “Se a mulher se inscreve no par sexual apenas por ‘se deixar desejar’, sua posição como parceira do desejo masculino deixa na obscuridade a questão do desejo próprio que condiciona esse consentimento” (2005, p. 33). Ela afirma que apesar de toda sua construção a respeito do desejo feminino, Freud conclui seus escritos com o questionamento a respeito do quer uma mulher. Soler afirma que o desejo feminino como Freud postula é um desejo do sujeito, ligado à castração, e não algo específico da mulher. Assim ela se questiona: “Em nome de que o desejo de ter seria proibido às mulheres, quer se trate de fortuna, poder, influência ou sucesso, em suma, de todas as chamadas buscas fálicas da vida cotidiana?” (p. 34).

Outros autores parecem concordar com o que diz Freud. Green (2000) acredita que a mulher se encontra num registro para além do fálico, porém, sua relação com a perda do amor estaria concatenada com o que Freud disse a respeito da busca por ser amada. Para Green existe uma relação direta entre o papel da castração feminina e a angústia pela perda do amor.

A fruição feminina não poderia ser definida, na sua especificidade, na referência ao fálico, nem que fosse sob suas expressões metaforizadas. Haveria, aqui, um ‘para além’ do princípio fálico, conotado pela castração. O papel da perda do amor aparece, aí na mulher, então, como algo mais difícil de superar (Green, 2000, p. 52).

Talvez não seja possível pré-traçar um único caminho para todas as mulheres. O próprio Freud (1914) admite que há um grande número de mulheres que

amam conforme o modelo masculino (anaclítico). Serge André traz uma brilhante contribuição que ajuda a compreender melhor a questão referente à demanda de amor exigida pela mulher. Ele faz um *link* entre o que Freud disse a respeito da escolha objetual narcísica e da posição subjetiva feminina de que trata Lacan. Nesta, a relação da mulher com o Outro se dá em busca de um suplemento de inconsciente “suplemento que a faria sujeito lá, precisamente, onde ela não o é” (André, 1998, p. 256).

Não é de se admirar que as mulheres questionem sistematicamente o amor, nem que elas o demandem de seu interlocutor. É preciso amá-las e lhes dizer isto, menos por uma exigência narcísica do que por causa dessa defecção subjetiva pela qual elas são marcadas enquanto mulheres. Se querem ser amadas, não é porque esse anseio tenha a ver com uma passividade natural, como acreditava Freud, mas porque querem ser feitas sujeitos lá onde o significante as abandona. O fato de que o amor, para algumas, seja uma condição necessária para poder gozar sexualmente de seu parceiro pode se compreender daí, no sentido em que o gozo sexual, diferentemente do gozo do corpo, se refere precisamente ao sujeito (André, 1998, p. 256).

Pode-se pensar que a busca feminina por ser amada de que trata a psicanálise não é algo depreciativo ou subserviente. Ela simplesmente aponta o lugar de diferença; o lugar de busca. Não um lugar de busca por ser menor, mas um lugar de buscar por se significar mulher.

2.2 Do amor sensual comum ao amor duradouro

Durante seus escritos sobre a diferença subjetiva entre homem e mulher Freud falou muito sobre o amor. Em 1921 ele traz sua definição do termo “estar amando”. Parece fazer, na verdade, uma diferença tão comentada na atualidade entre sexo e amor. Assim ele diz:

Em determinada classe de casos, estar amando nada mais é que uma catexia de objeto por parte dos instintos sexuais com vistas a uma satisfação diretamente sexual, catexia que, além disso, expira quando se alcançou esse objetivo: é o que se chama de amor sensual comum. Mas, como sabemos, raramente a situação libidinal permanece tão simples. Era possível calcular com certeza a revivescência da necessidade que acabara de expirar e, sem dúvida, isso deve ter constituído o primeiro motivo para dirigir uma catexia duradoura sobre o objeto sexual e para ‘amá-lo’ também nos intervalos desapaixonados (Freud, 1921/1996, p. 121).

Parece claro que Freud quer dizer que mesmo quando alguém se dispõe a uma relação sexual casual ou como Freud diz “amor sensual comum”, a satisfação pode vir apenas com a realização do objetivo, mas isso pode representar o primeiro passo para uma relação duradoura com o objeto sexual escolhido para amar mesmo em “intervalos desapaixonados”. Isso coaduna com o que uma entrevistada disse à pesquisadora a respeito da intencionalidade da busca pelo sexo casual. Que na verdade, quando ela se dispõe a tal tipo de relacionamento, ela imagina a possibilidade daquilo se tornar duradouro, ou como Freud disse “uma catexia duradoura”.

Além disso, Freud (1921/1996) chama atenção para o fato de que não se ama sensualmente alguém por seus méritos espirituais, mas sim pelo seu encanto

sensual. Pode-se pensar que as relações humanas, mesmo iniciadas tendo como único objetivo o sexual podem transformar-se em relações duradouras, pois, ambos os tipos de relacionamento começam pelo encantamento sensual. Porém, não é assim que as páginas da revista UM tratam o assunto.

Hoje é assim. Amor rápido, paixão sem o menor compromisso. Há muito que as mulheres não ficam tão loucas assim em pedir telefone, endereço, CIC, RG, comprovante de residência. Nada de amarras e muito menos sentimentos que limitem. Paixão, agora, só se for por algumas horas. É o que muitas mulheres querem. Elas estão experimentando cada vez mais aquilo que os homens sempre conheceram: o prazer pelo prazer (Dourado, 2007, p. 106).

A partir da fala acima, pode-se pensar que existe uma ilusão de previsibilidade para as mulheres. A partir da frase *Paixão agora só se for por algumas horas*, pode-se inferir que as mulheres têm convicção absoluta de que não haverá nada nessas poucas horas capaz de permitir que ocorra o que Freud chamou de “catexia duradoura”.

A previsibilidade imposta pela idéia veiculada na revista parece demonstrar que o ideal é que, para que seja bom, o envolvimento afetivo com todo seu furor de questionamentos não ocorra. Além disso, a jornalista da revista citada acima traz uma frase que contraria o que Freud diz a respeito das mulheres. *Elas estão experimentando cada vez mais aquilo que os homens sempre conheceram: o prazer pelo prazer*. Um questionamento faz-se necessário aqui. As novas formas de erotismo feminino são uma tentativa de sair do lugar da escolha objetal narcísica dito por Freud, são uma confirmação desse lugar ou são uma maneira defensiva de lidar com ele?

Freud afirma que para um “amor sensual comum” durar ele deve estar investido também, desde o início, com componentes puramente afetuosos, ou seja, que sejam inibidos em seu objetivo sexual. Se as relações sexuais ocasionais ocorrem sem essa pureza afetiva, significa que ela acaba assim que o objetivo é atingido. “É o destino do amor sensual extinguir-se quando se satisfaz” (Freud, 1921/1996, p. 125). Parece ser justamente assim que ocorre com a prática do sexo casual. O estado de excitação acaba junto com o fim do ato sexual. Isso ocorre para que o vínculo não possa surgir.

Para Lazzarini as ligações humanas na contemporaneidade encontram-se profundamente comprometidas por um ideal individualista/narcisista veiculado como valor. Há uma dificuldade em se estabelecer e manter vínculos afetivos.

As relações amorosas e afetivas tendem a ser superficiais e passageiras com muito pouca condição de se transformarem em vínculos mais duradouros. Os afetos passam a ser tênues e as relações são vividas em meio ao tédio, a futilidade e ao vazio. Nessa condição o indivíduo se vê a mercê do desamparo e angústia (Lazzarini, 2006, p. 2)

Até que ponto as relações entre homens e mulheres na contemporaneidade são influenciadas pelos ideais e valores veiculados pela mídia? Colette Soler afirma que apesar de existir um mercado ligado à padronização dos desejos masculino e feminino, a prática psicanalítica demonstra que isso não tem ancoragem com o que é dito por homens e mulheres. Assim ela afirma,

Toda uma indústria se esforça, é claro, por alimentar o mercado sexual, por padronizar as condições imaginárias da fantasia do desejo masculino. Consegue fazê-lo, em parte, mas isso não impede – e é justamente o que a psicanálise revela – que existam condições particulares para cada um. O resultado é que a sedução não é uma simples técnica, mas uma arte, talvez,

que nunca depende unicamente dos automatismos programados pelo imaginário coletivo. O ‘fazer desejar’ que é próprio das mulheres não escapa, portanto, às interferências do inconsciente, sempre singular, e o recurso frente a seu mistério é a mascarada, que joga com o imaginário para se ajustar ao Outro e cativar esse desconhecido que é o desejo. O próprio homem só é induzido a isso, aliás, na medida em que entra nessa demanda, isto é, na medida em que não deseja apenas sexualmente, mas quer, além disso, o consentimento, a resposta do desejo do outro (Soler, 2005, p. 33).

O que se pode inferir através desses dizeres é que apesar de o mercado midiático se esforçar por estampar em suas páginas o padrão de desejo de homens e mulheres, isso não fará com que na prática ocorra assim. Cada sujeito é um; com suas próprias convicções e motivações inconscientes. Como disse Soler citada acima, as construções psicanalíticas estão aí justamente para mostrar que não existe o sujeito, mas infindáveis variações dele.

CAPÍTULO 3

SEXO DE OCASIÃO E PULSÃO DE MORTE: UMA RELAÇÃO POSSÍVEL?

Falar de pulsão em Freud é, antes de tudo, considerar a contaminação ocorrida pelas diversas traduções em sua obra. O que Freud chamou de *Trieb* parece ter sido mal traduzido como instinto. Sua *Trieb* parece que estava mais próxima de um impulso de força constante. Apesar disso ainda gerar muita discussão, é comum que, nos textos freudianos, seja lido pulsão onde está escrito instinto.

Para Freud, a pulsão é um “conceito situado na fronteira entre o somático mental, e vemos nele o representante psíquico de forças orgânicas” (Freud, 1911c/1996, p. 81). A pulsão parece ser algo que é sentido no corpo e que deixa um representante ideacional inconsciente. Essa idéia é, portanto, investida de energia vinda da pulsão. “Ela nunca se dá por si mesma (nem a nível consciente, nem a nível inconsciente), ela só é conhecida pelos seus representantes: a idéia (*Vorstellung*) e o afeto (*Affekt*). Além do mais, ela é meio física e meio psíquica” (Garcia-Roza, 2001, p. 115).

Segundo Freud (1915/1996), a pulsão diferencia-se do instinto pelo fato de ser uma força constante de atuação e que surge de dentro do organismo. Já o instinto, é uma força que exerce impactos momentâneos no sujeito. Não há como escapar da pulsão, pois essa não respeita a voluntariedade do indivíduo. Ela é da ordem do imperativo.

A pulsão e o instinto se apóiam e se diferenciam pela função de cada um. Quando a pulsão vem atender a anseios distantes da necessidade física, ele se desvia do instinto. “A pulsão de fato se apóia no instinto, mas não se reduz a ele” (Garcia-Roza, 2001, p. 120).

Garcia-Roza (2001) aponta uma dificuldade de Freud em separar a pulsão de seus representantes psíquicos. “A confusão maior decorre da não-distinção entre pulsão enquanto representante de forças somáticas e os representantes psíquicos da pulsão” (p. 118). Desse modo, existe a pulsão como representante psíquico de um processo somático, e existem os representantes psíquicos da pulsão, como citado acima: a idéia e o afeto.

3.1 O primeiro dualismo

O primeiro dualismo relativo ao conceito de pulsão proposto por Freud diferencia a pulsão sexual e de autoconservação ou egóica.

Nesse momento da elaboração freudiana, as pulsões sexuais são concebidas como se apoiando nas de autoconservação e, desse modo, o ato de sugar o dedo ou a chupeta revelaria o apoio (*Anlehnung*) de uma atividade puramente prazerosa, da mucosa oral, sobre uma atividade de cunho vital, como a ingestão do leite materno (Jorge, 2005, p. 48).

As pulsões permitem que a mente funcione por causa do seu vínculo com o corpo. Além disso, Freud (1915/1996) afirma que a pulsão tem quatro características fundamentais: pressão, finalidade, objeto e fonte.

A pressão representa o que há de mais essencial na pulsão, ou seja, sua força constante. “Por pressão [*Drang*] de um instinto [pulsão] compreendemos seu fator motor, a quantidade de força ou a medida da exigência de trabalho que ela representa” (Freud, 1915/1996, p. 142).

A finalidade de toda pulsão é satisfazer-se, e isso só pode acontecer “eliminando-se o estado de estimulação na fonte do instinto [pulsão]” (Freud, 1915/1996, p. 142-143). Portanto, mesmo que parcialmente, a pulsão sempre procura uma via de satisfação.

O objeto da pulsão é aquilo através do que a pulsão encontra satisfação. No decorrer do desenvolvimento da vida do sujeito esse objeto varia e se modifica, podendo ser, inclusive, parte do próprio sujeito. “O objeto passa a ser concebido, portanto, como um meio para que um fim seja atingido, enquanto o fim (objetivo) é de certa forma invariável (a satisfação), o objeto ‘é o que há de mais variável” (Garcia-Roza, 2001, p. 122).

A partir disso, Garcia-Roza aponta uma problemática com relação ao conceito de objeto em psicanálise. Além do citado acima, ele diz de dois outros sentidos para a noção de objeto. Um é o sentido de objetual, que indicaria “preferencialmente uma pessoa que seria amada (ou odiada)” (2001, p. 123). Assim, um tipo de pulsão, por exemplo, a oral, indicaria um modo de relação objetual, a incorporação. O objeto da pulsão passaria a ser objeto de amor. O outro sentido é o de objetivo, no qual o objeto seria o “correlato do sujeito e que apresenta características físicas e permanentes” (Laplanche/Pontalis citados em Garcia-Roza, 2001, p. 123). Nesse caso o objeto se distanciaria do que é subjetivo. Porém, para Freud, objeto não é passível de estar na consciência, sendo relacionado apenas à pulsão e ao inconsciente.

A fonte de toda pulsão é o soma, o corpo. Ela surge nele e retorna para ele. Segundo Freud (1915/1996), “o conhecimento exato das fontes de um instinto [pulsão] não é invariavelmente necessário para fins de investigação psicológica; por vezes sua fonte pode ser inferida de sua finalidade” (p.144). O que chega à mente não é pulsão em si, mas seu representante psíquico, que diz de sua finalidade.

No intuito de continuar tentando dar um contorno teórico a essa “força estranha” chamada pulsão, Freud aponta a dificuldade de se verem reveladas as pulsões egóicas. Segundo ele, as pulsões sexuais poderiam ser analisadas de maneira mais clara nas psiconeuroses. Assim, ele postulou uma caracterização das pulsões sexuais.

São numerosas, emanam de grande variedade de fontes orgânicas, atuam em princípio independentemente um do outro e só alcançam uma síntese mais ou menos completa numa etapa posterior. A finalidade pela qual cada um deles luta é a conservação do ‘prazer do órgão’, somente quando a síntese é alcançada é que eles entram a serviço da função reprodutora, tornando-se então identificáveis, de modo geral, como instintos [pulsões] sexuais (1915/1996, p. 146).

Porém, antes de ser sexual, a pulsão é egóica e está ligada à satisfação auto-erótica do indivíduo. Quando da escolha objetal, as pulsões do ego exercerão grande influência.

Freud distingue dois modos de escolha objetal congruentes com a noção de apoio: a escolha anaclítica, fundamentada no fato de as pulsões sexuais se apoiarem originalmente nas de autoconservação; e a escolha narcísica, baseada no modelo da relação do sujeito consigo mesmo, em que o objeto o representa sob algum aspecto (Jorge, 2005, p. 48).

O processo de mudanças que ocorre com as pulsões sexuais a partir de uma defesa Freud (1915/1996) deu o nome de vicissitudes e listou quatro tipos delas: reversão no oposto, retorno ao próprio eu, repressão e sublimação. Quanto a elas Freud escreveu: “Tendo em mente a existência de forças motoras que impedem que um instinto [pulsão] seja levado até o fim de forma não modificada, também podemos considerar essas vicissitudes como modalidades de defesa contra os instintos [pulsões]” (1915/1996, p. 147). A defesa não incide sobre a pulsão em si, mas sim, sobre seus representantes psíquicos: a idéia e o afeto.

Quando uma pulsão se reverte em seu oposto, ela pode deixar de ser ativa para ser passiva ou mudar seu conteúdo, como por exemplo, de amor para ódio. Acontece, portanto, uma transformação na finalidade da pulsão.

Já no retorno da pulsão ao próprio eu, a mudança ocorre no objeto e a finalidade permanece a mesma. Isso significa que mesmo quando o sujeito escolhe um objeto externo para investir sua libido, ele faz com que esse objeto assuma o lugar de si mesmo. Freud (1915/1996) se utiliza dos exemplos do sadismo e do masoquismo para melhor expressar sua teoria.

No caso do par de opostos sadismo-masoquismo, o processo pode ser representado da seguinte maneira: (a) o sadismo consiste no exercício de violência ou poder sobre uma outra pessoa como objeto. (b) Esse objeto é abandonado e substituído pelo eu do indivíduo. Com o retorno em direção ao eu efetua-se também a mudança de finalidade instintual ativa para uma passiva. (c) Uma pessoa estranha é mais uma vez procurada como objeto; essa pessoa, em consequência da alteração que ocorre na finalidade instintual, tem de assumir o papel do sujeito (p.148).

O desenvolvimento das pulsões parece ser ambivalente. Oscila de ativo para passivo, de amor para ódio e vice-versa. Mesmo quando a pulsão parece ser totalmente ativa, o sujeito não está por completo nessa posição. Há em ação também a pulsão passiva. “

O modelo da pulsão resulta de uma interiorização do da acção – uma acção internalizada e que não tem saída direta para o exterior, mas que intervém nos dispositivos que comandam a descarga para o exterior: uma prega num circuito, que destrói qualquer simplificação das relações causa-efeito” (Green, 2000, p. 71).

Ativo e passivo; um e o outro interagindo ao mesmo tempo de modo ambivalente; levando adiante um único projeto: satisfação. E essa ambivalência é algo que existe desde as fases mais arcaicas do sujeito. Desde quando ele vive sua pulsão auto-erótica; quando seu objeto de investimento é seu próprio ego e ele vive seu narcisismo primário. As duas últimas vicissitudes da pulsão são o recalque ou repressão e a sublimação. A repressão é um processo contínuo que tem por objetivo tentar barrar a força constante da pulsão, evitando que determinados conteúdos inconscientes surjam na consciência. A sublimação é o mecanismo de defesa que permite ao sujeito desviar parte de sua pulsão sexual para atividades socialmente produtivas.

O intuito de todas as vicissitudes da pulsão é colocá-la sujeita às influências das polaridades da vida mental. “Dessas três polaridades podemos descrever a da atividade-passividade como a biológica, a do ego-mundo externo como a real, e finalmente a do prazer-desprazer como a polaridade econômica” (Freud, 1915/1996, p. 162).

É possível pensar que nesse momento da sua teoria, Freud estava tentando teorizar sobre um fenômeno que não tinha comprovação clínica, mas que por outro lado representava o dinamismo do aparelho psíquico humano.

3.2 O segundo dualismo

O novo dualismo proposto por Freud se concretiza quando ele se dá conta de que tanto as pulsões do ego ou de autoconservação, quanto as pulsões sexuais, são de natureza libidinal. Ele conclui isso a partir do fato de o ego também ser objeto de investimento libidinal, a partir de um investimento narcísico. Assim ele escreve:

Nossas concepções, desde o início, foram dualistas e são hoje ainda mais definitivamente dualistas do que antes, agora que descrevemos a oposição como se dando, não entre instintos [pulsões] do ego e instintos [pulsões] sexuais, mas entre instintos [pulsões] de vida e instintos [pulsões] de morte (1920/1996, p. 63).

A partir do texto *Além do princípio de prazer* (1920/1996), Freud introduz seu segundo dualismo a respeito da teoria das pulsões. As pulsões sexuais e as de autoconservação passam a ocupar um mesmo bloco chamado pulsões de vida que teriam como oponente a pulsão de morte.

O exato momento em que Freud faz o reconhecimento da existência da pulsão de morte está registrado na página 47 de *Além do princípio de prazer* (1920/1996).

Parece então que um instinto [pulsão] é um impulso, inerente à vida orgânica, a restaurar um estado anterior de coisas, impulso que a entidade viva foi

obrigada a abandonar sob a pressão de forças perturbadoras externas, ou seja, é uma espécie de elasticidade orgânica, ou, para dizê-lo de outro modo, a expressão da inércia inerente à vida orgânica. Essa visão dos instintos [pulsões] nos impressiona como estranha porque nos acostumamos a ver neles um fator impelidor no sentido da mudança e do desenvolvimento, ao passo que agora nos pedem para reconhecer neles o exato oposto, isto é, uma expressão da natureza conservadora da substância viva.

Freud localiza as pulsões sexuais como as verdadeiras pulsões de vida. Diz que são conservadores no mesmo sentido das outras pulsões porque trazem de volta estados anteriores de substância viva. Mas principalmente por serem bastante resistentes às influências externas e por preservarem a própria vida por um longo período.

Porém, Laplanche coloca que, a partir de *Além do princípio de prazer* Freud propõe uma “virada”. Antes a sexualidade era vista como uma energia vinculada e investida. A partir de então, ele coloca a sexualidade também sujeita à compulsão à repetição, ou seja, a sexualidade seria tanto pulsão de vida como de morte.

Temos assim, em 1919, a necessidade de reafirmar algo que se perdeu, isto é, a sexualidade não ligada, a sexualidade que poderíamos dizer ‘desligada’ no sentido da pulsão, isto é, a sexualidade mudando de objeto, a sexualidade tendo apenas um único fim que é o de correr o mais rápido possível para a satisfação e para a diminuição completa de seu desejo pelas vias mais curtas. Portanto, neste momento, há a necessidade de reafirmar algo que era essencial na sexualidade e que havia sido perdido, seu aspecto demoníaco, sujeitado ao processo primário e à compulsão à repetição. A partir de então, a sexualidade (o conteúdo que encerrava de início) encontra-se como que desmembrada entre estes dois aspectos, que por fim serão reagrupados por Freud sob os termos de pulsões de vida, ou Eros, e pulsões de morte. Eros retomando para si não a totalidade da sexualidade, mas os aspectos desta

dedicados a conservar o objeto, assim como a conservar o eu como objeto primário (Laplanche, 1988, p. 20/21).

A partir disso pode-se pensar que a parte da pulsão sexual dedicada à conservação do objeto bem como a preservação do eu, é chamada de pulsão de vida. Aquela sem vinculação dedicada exclusivamente a obtenção de prazer, é chamada de pulsão de morte. Assim diz Figueiredo em relação ao que é a pulsão de morte: “pulsão em busca de descarga a qualquer preço por não ter encontrado nos objetos primários o apoio (*holding*) e a continência para o exercício das operações mais básicas de mediação, ligação e separação” (2003, p. 152).

Com relação aos sentimentos de prazer e desprazer Freud escreve: “Trata-se da região mais obscura e inacessível da mente” (1920/1996, p. 17). A partir disso, o que ele faz é supor os mecanismos que operam para a obtenção de um ou outro afeto.

Deve-se, contudo, apontar que, estritamente falando, é incorreto falar na dominância do princípio de prazer sobre o curso dos processos mentais. O máximo que se pode dizer, portanto, é que existe na mente uma forte tendência no sentido do princípio de prazer, embora essa tendência seja contrariada por certas forças ou circunstâncias, de maneira que o resultado final talvez nem sempre se mostre em harmonia com a tendência no sentido do prazer (Freud, 1920/1996, p.19).

O princípio de prazer representa um método primário de funcionamento do aparelho mental. A tendência é que, durante o curso do desenvolvimento de todo sujeito, ele seja substituído pelo princípio de realidade. Este também objetiva a produção de prazer, porém, promove a possibilidade de adiamento da satisfação. Faz

com que a sensação de desprazer seja algo suportável e pertencente ao processo de obtenção do prazer.

Contudo, o princípio de prazer persiste por longo tempo como o método de funcionamento empregado pelos instintos [pulsões] sexuais, que são difíceis de ‘educar’ e, partindo desses instintos [pulsões], ou do próprio ego, com frequência consegue vencer o princípio de realidade, em detrimento do organismo como um todo” (Freud, 1920/1996, p. 20).

Pensando-se em tempos contemporâneos é possível refletir sobre certa dificuldade de adiamento na produção de prazer. Parece haver um imediatismo para tudo, como se o adiamento da satisfação fosse algo penoso e difícil de ser realizado. O que parece acontecer é que os sujeitos estão se deixando satisfazer por prazeres em quantidade e não em qualidade de investimento, ou seja, algo que trás por trás de si uma implicação pessoal.

3.3 Relacionando sexo causal e pulsão de morte

Freud afirma que quando as pulsões reprimidas conseguem, por vias indiretas ou substitutivas, alcançar o prazer, são percebidas pelo ego como desprazer. A pulsão reprimida sempre se esforçará para se satisfazer de maneira completa. Porém Freud afirma que “a diferença de quantidade entre o prazer da satisfação que é exigida e a que é realmente conseguida, é que fornece o fator impulsionador que não permite qualquer parada em nenhuma das posições alcançadas” (1920/1996, p. 52/53).

Pensando-se a partir disso, mesmo na ilusão da satisfação completa, a mulher que faz sexo de ocasião, repete com outros parceiros porque a completude

esperada não é alcançada. Ela busca de novo, com o intuito de atingir uma completude para sempre incompleta. É isso que a impulsiona.

A compulsão à repetição, comandada pela chamada pulsão de morte (1) reflete não só a tendência à descarga e ao zero de tensão, pela via da destruição das diferenças e da dissolução de si e do outro, como, em vez disso, (2) uma afirmação e mesmo uma preservação *in extremis* do próprio corpo; e não apenas isso, como, em vez disso, (3) uma reiterada procura do objeto primordial, uma procura que passa, justamente, pela (1) destruição das diferenças e dissolução de si e do outro, e assim por diante... (Figueiredo, 2003, p. 154).

No caso específico do sexo casual, a busca por esse zero de tensão parece ser o mote da relação. É no apagamento dos sujeitos participantes do ato que a ilusão de completude parece surgir. Quanto mais se conserva a si mesmo, mais se destrói o objeto de investimento.

Para Kehl, a busca da completude total se deve a *Eros* (pulsão de vida), no sentido de uma busca narcísica, de uma fusão com o outro. Porém, ela diz que *Eros* e *Thanatos* (pulsão de morte) têm o mesmo objetivo, qual seja, retornar a um estado anterior de prazer.

E aqui está porque *Thanatos* não impera soberano sobre *Eros*. Porque a representação mais próxima do repouso absoluto que temos marcada pela experiência no nosso inconsciente não é a morte – já que ainda não morremos – e sim a vida intra-uterina: a fusão perfeita com o corpo materno, quando não há desejo porque todas as necessidades estão sendo supridas continuamente. É desses nove meses de perfeição que o ser vivo tira a ‘memória’ do repouso; e é por isso que, enquanto busca o repouso que pode ser a morte, está buscando o repouso do contato, da fusão com o outro. É

porque Eros e Thanatos no limite buscam a mesma coisa – o retorno a um estado anterior, prazeroso –, que não é um, nem outro, que move a vida, mas a tensão constante, dialética (Freud não usou esta palavra) entre os dois (Kehl, 1987, p. 475).

Kehl ainda diz que o que liga a trama das pulsões é que tanto as de vida quanto as de morte são conservadoras, ou seja, buscam o estado de zero. Ela afirma que se Thanatos busca o repouso, Eros busca a fusão narcísica com o outro; o que promove a anulação do conflito com o mundo que se inicia com o nascimento e só acaba com a morte. “Na fusão narcísica inicial com o corpo da mãe (assim como em momentos privilegiados da paixão...) o mundo desaparece: eu sou o mundo, o mundo é uma extensão de mim (Kehl, 1987, p. 475).

Levando-se em consideração que no sexo de ocasião feminino, a mulher não pretende conservar o objeto, e seu objetivo maior ou talvez único, é a obtenção de prazer, é possível pensar que a pulsão sexual aí envolvida é da ordem da pulsão de morte.

A pulsão de morte aparecerá na relação do sujeito com qualquer um que se mostre equivalente ao Outro. Pois essa relação será marcada necessariamente pela falta. Nenhuma experiência de satisfação leva à satisfação total. Fica sempre um resto não satisfeito. É então, um total que não acontece. Esse resto insatisfeito é da ordem da pulsão de morte. É um lugar de vazio e de falta. Os objetos que surgem na vida do sujeito, inclusive o seio na primeira infância, surgem para disfarçar e acobertar temporariamente este vazio. A busca eterna pelo objeto que contemple essa falta, num movimento que se repete, faz aparecer a pulsão de morte.

A pulsão de morte está estreitamente ligada, em Freud, à noção de princípio do zero ou do Nirvana (retorno à ausência de excitação pelas vias mais curtas) e à compulsão à repetição. Em suma, o 'indesejável', o 'demoníaco', o que não se pode ligar nem controlar, retornam com toda força em 'Além do próprio do prazer' (Laplanche, 1988, p.14).

No sexo de ocasião parece não haver formação de vínculo e aí uma demonstração de que se trata de um movimento que se repete. Cada vez que surge o desejo como expressão da pulsão sexual, um novo objeto é escolhido e a relação sexual acontece. Parece ocorrer um buraco gerador do desejo, uma ilusão de satisfação completa, a frustração logo após, e então, a busca novamente.

É aqui que a morte adquire sua figura de Ser absoluto. A vida torna-se equivalente à morte, pois é alívio de todo desejo. Será que esta morte psíquica camuflaria o desejo de morte com respeito ao objeto? Seria um erro acreditar nisto, pois o objeto já foi morto na aurora deste processo que deve ser atribuído ao narcisismo de morte (Green, 1988, p. 23).

Se essa falta é para sempre insatisfeita, a busca pela realização total do sexo de ocasião se frustra desde o seu nascedouro. Porém, com o seu movimento incessante, a pulsão se coloca nesse caso, como imperativa e incontrolável de modo a fazer o sujeito buscar e buscar e assim retornar para sua condição original: buraco.

Fica então o questionamento: será que a evitação da formação de vínculo no sexo de ocasião é uma tentativa de não lidar com a falta que o outro sempre suscita? Se for isso, a tentativa é frustrada, pois o que se percebe é que o movimento não para; o que denota a existência da falta imperativa.

DESAFIOS DA CONTEMPORANEIDADE: SER OU CORRESPONDER?

Os tempos contemporâneos fizeram do indivíduo e da sua subjetividade destaques do espetáculo da convivência social, no seu sentido também econômico. Segundo Lipovetsky, “foi a transformação dos estilos de vida associada à revolução do consumo que permitiu este desenvolvimento dos direitos e desejos do indivíduo.” (Lipovetsky, 1983, p. 8).

O desejo de ter regula as relações de consumo, bem como as relações afetivas. Parece existir atualmente um véu de auto-determinação que cobre os indivíduos. Pensar: “eu quero” significa “eu tenho”. Os desejos individuais é que mediam as relações. Ou pelo menos aquilo que se pensa ser individual, pois, aquilo que querem que seja desejado é apresentado na mídia de forma bastante massificada.

Isso fica bastante claro no conceito de sociedade do espetáculo apresentado por Guy Debord. Seu livro *A sociedade do espetáculo* foi lançado em 1967, depois republicado várias vezes. É a explanação de uma teoria crítica sobre o modo de viver e de se relacionar do homem moderno. Foi escrito, segundo o autor, com o intuito de “perturbar a sociedade espetacular” (Debord, 1997, p. 12).

A sociedade do espetáculo para Debord (1997) é aquela na qual onde tudo é produzido a partir de um desejo construído, não permitindo que o sujeito tenha acesso ao que ele de fato deseja. A subjetividade perde sua função e seu lugar. Ocorre uma

massificação do desejo e o indivíduo passa a desejar aquilo que o outro deseja para ele. É o resultado da formação econômico-social da sociedade moderna.

O espetáculo gera a falsa consciência. Todos acreditam que são livres e que fazem as próprias escolhas. O sujeito é iludido e levado a acreditar que vive em comunidade, porém, o espetacular instaura uma separação generalizada entre as pessoas e delas consigo mesmas.

O modelo atual da vida em sociedade é dominado por um espetáculo que representa a não opção. Um produto tem um público determinado ainda no processo de fabricação. Assim, enquanto o espetáculo deveria fazer parte do processo de produção, ele passa a ser seu objetivo final.

A vida humana social é percebida de maneira superficial. Só a aparência é levada em consideração, até porque é essa camada superficial que é passível de tornar-se igual em todos os indivíduos. É através da imagem que a negação da subjetividade acontece. “A subjetividade assume uma configuração decididamente estetizante, em que o olhar do outro no campo social e mediático passa a ocupar uma posição estratégica em sua economia psíquica.” (Birman, 2000, p. 23).

A imagem transmite tudo que aparece como bom e positivo. Exige do sujeito que aceite passivamente tudo que lhe é mostrado. Fazer com que o sujeito queira aquilo é o objetivo da produção, pois na sociedade contemporânea, querer significa necessariamente ter. É o querer ter que move o homem. Na era dos bens descartáveis, o querer é contínuo e a satisfação gerada pelo bem adquirido é fugaz, até porque, houve nesse ato pouca implicação pessoal. Ninguém precisa ser responsável por aquilo que não desejou. Isso gera o domínio do homem pela economia.

Os destinos do desejo assumem, pois, uma direção marcadamente exibicionista e autocentrada, na qual o horizonte intersubjetivo se encontra

esvaziado e desinvestido das trocas inter-humanas. Esse é o trágico cenário para a implosão e a explosão da violência que marcam a atualidade. (Birman, 2000, p. 24).

O homem passou a ser reconhecido por aquilo que tem e não pelo que é. Esse homem forjado pelo sistema passa todos os dias na televisão e em outros meios de comunicação de massa. O modo de compreender o mundo através do que é visto aumentou a exibição da racionalidade técnica. Nos tempos modernos existe *marketing* para tudo. Para vender roupa, comida, candidato político, até o sujeito ideal. É a fabricação do que não se é.

O espetáculo promove o exílio do homem em si mesmo e para além de suas potencialidades. As necessidades que ele acha que têm são inventadas dentro das fábricas. “O espetáculo é a realização técnica do exílio, para o além, das potencialidades do homem; a cisão consumada no interior do homem.” (Debord, 1997, p. 19).

O espetáculo representa a visão que a sociedade contemporânea tem de si mesma. É o louvor a si numa ilusão de totalidade. “Estamos no meio de uma revolução acerca da forma como pensamos de nós próprios e sobre a maneira como estabelecemos laços e ligações com os outros.” (Giddens, 2000, p. 57).

Os meios de comunicação de massa são as manifestações mais expressivas da superficialidade da sociedade do espetáculo. Eles passaram a ser os mediadores das relações entre os homens e entre as classes. São perversamente unilaterais porque tem em si tanto a maneira de apresentar aos indivíduos aquilo que eles têm que desejar quanto de tornar menor aquele que não tem o obrigatoriamente desejável.

O que a mídia geralmente expõe como fonte de desejo são coisas da ordem do impossível para a maior parte da sociedade e daí o desejo de ter. Aquele que adquire

o que foi transmitido por imagem não tem consciência da importância que aquilo, de fato, tem para ele.

Esse sujeito da busca pela aparência tornou-se vedete do espetáculo e inimigo de si mesmo. Renuncia a si e se identifica com as regras do outro. Os indivíduos passaram a ilusionar o total acesso aos bens de consumo transmitidos pela imagem e fantasiar a capacidade de serem felizes através deles.

O consumo fundado na mudança também pode ser aplicado à volatilidade das relações de convivência. Relacionamentos fugazes, sexo sem compromisso e uma grande preocupação com a auto-satisfação. Giddens (1991, p. 126) acredita que a transformação da intimidade ocorrida na sociedade contemporânea envolve alguns aspectos, inclusive esse:

Uma preocupação com a auto-satisfação, que não é apenas uma defesa narcisista contra um mundo externo ameaçador, sobre os quais os indivíduos têm pouco controle, mas também em parte uma apropriação positiva de circunstâncias nas quais as influências globalizadas invadem a vida cotidiana.

Ou seja, o fenômeno do individualismo que pode ser assistido na sociedade contemporânea não surge de uma defesa contra algo que não é passível de controle, mas sim, algo incentivado como positivo e adequado. Para Birman (2000, p. 25) são os sentimentos de solidariedade e alteridade que estão ameaçados com o individualismo da sociedade contemporânea

A auto-exaltação desmesurada da individualidade no mundo do espetacular fosforescente implica a crescente volatilização da solidariedade. Enquanto valor, esta se encontra assustadoramente em baixa. Cada um por si e foda-se o resto parece ser o lema maior que define o ethos da atualidade. A solidariedade seria, assim, o correlato de relações inter-humanas

fundamentadas na alteridade. Para isso, no entanto, seria necessário que o sujeito reconhecesse o outro na diferença e singularidade, atributos da alteridade.

Como pensar então, a sexualidade feminina nesse contexto? Como se dá o exercício dessa sexualidade na sociedade contemporânea?

4.1 Sexualidade feminina na contemporaneidade

Com a sofisticação, a intranquilidade e o ritmo acelerado da vida moderna, as exigências dos indivíduos são cada vez maiores e conseqüentemente, o lugar do prazer se torna cada vez mais um apêndice a ser construído e controlado racionalmente e não mais algo que surge do desejo simplesmente. “Os nervos exaustos buscam refúgio em maiores estímulos e em prazeres intensos, caindo em ainda maior exaustão.” (Freud, 1908/1996, p. 189). Aquilo que costumava proporcionar prazer já não é mais sentido como satisfatório pelo corpo. E quanto maior o nível de estimulação, maior será o prazer no seu esvaziamento, porém, promoverá uma marca de necessidade cada vez maior de estimulação. E como aponta Freud, a exaustão aumentará gradativamente.

Parece ser essa a exigência da contemporaneidade. Prazeres intensos. Junto com isso, a fugacidade das experiências. Os relacionamentos duradouros cada vez mais vêm sendo substituídos por relações casuais. Segundo a Revista do Correio, 44% da população feminina do Distrito Federal são mulheres solteiras, descasadas ou viúvas. Quanto maior a renda, mais sozinhas elas estão. A revista afirma que é por opção:

A solteirice feminina é um desses fenômenos do século 21 que se unem a palavras como carreira, sucesso, estudo e liberdade. Muitas mulheres estão

sozinhas porque querem, principalmente as que já passaram da casa dos trinta ou beiram os quarenta. (Góes; Fróes; Alcântara, 2005, p. 10).

Talvez a busca individualista da mulher contemporânea seja mais um produto da sociedade do espetáculo vivida atualmente. Cada um buscando realizar seus objetivos próprios, singulares. A causa do outro parece ter-se tornado barreira para a concretização desses projetos; dos próprios prazeres.

Distanciar-se fisicamente e prescindir de dados de identidade e de filiação fazem parte de uma micropolítica narcísica de redução de custos afetivos da dependência amorosa e da alteridade. Contas separadas, domicílios separados e sujeitos livres de amarras compõem esse quadro de objetivos idealizados para o mitológico crescimento individual (Caiaffa et al., 2002, p. 192).

Esse individualismo da mulher contemporânea reflete-se não só no modo como ela conduz sua vida profissional, mas também a sexual e amorosa. Bauman (2004) diz de uma crise no sentido do que é o amor na atualidade e como estão sendo consideradas as relações humanas e mais especificamente, as relações amorosas. Kehl coaduna com Bauman.

Manutenção do narcisismo, recuperação ilusória da onipotência, negação da falta: dentro desse contexto o amor é visto como uma ameaça, porque reintroduz a evidência da falta. A intensa circulação do mercado sexual demonstra que o grande excluído não é mais o sexo, é o amor (Kehl, 1987, p. 489).

Bauman defende que, como a morte, o amor é uma experiência única e, com isso, reflete como trazer esse conceito para uma sociedade que vive a rapidez e a

fugacidade das relações. Ele questiona a confusão que se faz atualmente entre as experiências de apaixonar-se e desapaixonar-se, com o sentir amor. “Noites avulsas de sexo são referidas pelo codinome de ‘fazer amor’.” (Bauman, 2004, p. 19).

Amar passou a ser uma habilidade adquirida após um tempo de exercício. Quanto mais experiência no “fazer amor”, mais habilidoso fica-se na arte de amar. O amor nos dias atuais transformou-se em mercadoria; aquela do tipo moderno: sem esforço para adquirir e com facilidade para descartar.

Bauman chama atenção para o que se vive atualmente: não existe desejo e sim impulso. A instantaneidade das relações sexuais, bem como das relações de consumo, não podem ser da ordem do desejo, pois este depende de uma “prolongada criação e maturação”. (Bauman, 2004, p. 26).

Para o desejo, o que importa é devorar o objeto desejado, instalando assim a falta e dando espaço para desejar de novo. No caso do amor, é preciso a existência do objeto inteiro. É preciso possuí-lo inteiro para que o amor perpetue. Porém, esse objeto amado, pode acabar por tornar-se prisioneiro do seu cuidador. “O desejo é contaminado desde o seu nascimento pela vontade de morrer. O amor por outro lado, é a vontade de cuidar, e de preservar o objeto cuidado” (Bauman, 2004, p. 24). Amor tem pertinência com alteridade, com considerar o outro e o lugar deste no relacionamento. O desejo aniquila a alteridade. Só tem um: aquele que deseja.

Relacionar-se implica assumir riscos. Não existe garantia de que será bom ou que dará certo. Mas, mesmo assim, existem expectativas que são depositadas naquele companheiro ou companheira. Isso implica em responsabilizar-se pelo relacionamento construído. “Ter uma experiência significa ser afetado por alguma coisa, pessoa ou situação, ‘e ser afetado’ se traduz por alguma vivência perceptível para quem a atravessa.” (Mezan, 2002, p. 258).

Nos tempos das relações descartáveis, é possível pensar que as pessoas fogem justamente dessa responsabilidade. Ninguém quer se sentir responsável por ninguém, pois, se surgir outra oportunidade de “investimento”, será mais fácil desfazer-se do “negócio” anterior.

Talvez, as tarefas mais difíceis no relacionar-se sejam responsabilizar-se por aquilo que se constrói e conformar-se com o modo do outro pensar a vida. Tentar encaixar o outro nos seus padrões ideais é, segundo Bauman (2004), uma espécie de perversão. É possível pensar em uma questão narcísica que assola esse tipo de indivíduo: o meu desejo é o que há de mais importante e o outro está ali para satisfazê-lo.

As mulheres atualmente sabem mais de si, de seus corpos, de suas zonas erógenas de prazer. Porém, talvez a questão se instale no fato de que essas mulheres estão fazendo com esse conhecimento adquirido depois de tantos anos de luta por uma liberdade sexual. A erotização do corpo da mulher é algo transmitido desde a infância nos dias atuais. Isso pode ser constatado nos tipos de música, nas roupas, nas danças, entre outros. O corpo feminino passou a ter valor de mercado. A beleza buscada a todo custo. “O que constitui a especificidade do erotismo feminino, os prelúdios, a palavra, a espera, a doçura amorosa, as carícias, tudo isso desaparece em benefício exclusivo de um gozo fálico e objetivista” (Lipovetsky, 2000, p. 42).

Pode-se pensar que o gozo objetivista de que fala Lipovetsky é uma característica narcísica incentivado na contemporaneidade, onde as relações de alteridade desaparecem e o que resta é um foco: ter prazer a qualquer custo. Isso se opera não só no campo das relações sexuais, mas também de trabalho, familiares, etc.

4.2 A prática do sexo casual feminino na contemporaneidade

Um exemplo de expressão do gozo objetivista no campo da sexualidade é o percebido no sexo de ocasião. Aquela relação sexual que surge não de um relacionamento amoroso, mas de um encontro casual. Onde não há implicação afetiva nem preocupação com o prazer do outro. Dois corpos se unem para cada um, individualmente, gozar.

Segundo o *site* Universo da Mulher, o sexo de ocasião acontece da seguinte forma:

Após uma balada, noitada em boate ou algum evento de agito e os lugares mais comuns são dentro do carro, no estacionamento, em lugares públicos, como nas escadas do prédio, na praia, ou no motel. Para grandes emoções ou aventuras ‘free’ elas preferem desconhecidos ou os homens casados com quem se relacionam apenas sexualmente. O perfil físico e financeiro do candidato contam mais do que qualquer coisa. (Nazareth, 2007).

É possível pensar que o sexo casual trata-se de uma relação narcísica, influenciada pelos ideais individualistas tão incentivados na sociedade contemporânea. No sexo de ocasião cada um se responsabiliza pelo seu prazer. Essa modalidade de relacionamento tem como foco o prazer sexual, não o amor. Este, segundo Lipovetsky (2000), muitas vezes ficou como sinônimo de amarras, de prisão. O amor tornou-se sinônimo de identidade feminina e talvez seja disso que as mulheres contemporâneas estejam fugindo. “Há séculos, e cada vez mais depois do século XVIII, a mulher é valorizada como ser sensível destinado ao amor; é ela que representa a encarnação suprema da paixão amorosa, do amor absoluto e primordial.” (Lipovetsky, 2000, p. 22).

O incentivo à ligação da identidade feminina ao amor funcionava também como forma de dominação, pois, se essa era sua maior vocação, seu lugar só existia se amparado por um homem. “A ideologia do amor contribuiu para reproduzir a representação social da mulher naturalmente dependente do homem, incapaz de chegar à plena soberania de si.” (Lipovetsky, 2000, p.24).

Na busca por desligar sua imagem das possíveis amarras geradas pelo amor, a mulher que pratica sexo casual o sexo parece demonstrar uma tentativa de não se haver com a falta que o outro lhe suscita, pois, se aquele homem não existe para ela enquanto sujeito, o que sobra dele é seu físico, seu pênis, seu falo. A mulher tem então a possibilidade de apropriar-se dele, mesmo que seja inconscientemente.

Nesse contexto, a figura do seduzido se degrada à condição de fetiche, isto é, fica restrita à posição de preencher o que falta supostamente ao outro. Para restituí-lo à plenitude perdida, o seduzido fica na posição de tapa-buraco, de suplemento, mediante à qual poderia preencher as carências do outro. (Birman, 1999, p. 122).

Essa possível anulação do outro enquanto sujeito no sexo de ocasião pode ser demonstrado em dois depoimentos colhidos de um artigo exposto no *site* Universo da Mulher. Seguem abaixo.

Cristiane, 28 anos, solteira, moradora do Leblon explica. ‘Já conheci pessoas que me relacionei no mesmo dia, como em uma boate quando conheci um cara e sabia que aquela seria minha única chance. Saímos e fomos direto para um motel na Barra’. A carioca diz que ‘sexo sem compromisso é muito bom pois você não precisa se preocupar com seu parceiro e sim com você’. E que sabe separar atração sexual de amor. ‘Quando sinto atração física, a coisa pega fogo e trato logo de resolver o problema, sempre me preocupando em usar preservativo para aproveitar todos os momentos de forma segura. O melhor de tudo

é falar para o homem que ele não precisa ligar no dia seguinte e nem me procurar... eles ficam pra morrer’
- garante a psicóloga Cristiane. (Nazareth, 2007).

Daniela, 23 anos. ‘Meu maior sonho é me casar mas por enquanto, me acho jovem para assumir qualquer compromisso. Quero adquirir experiência e viver minha vida. Não vejo o menor problema em ter amigos com quem saio e me divirto. Tenho meu próprio dinheiro e escolho quem eu quero’ - comenta a publicitária que mora no Recreio. ‘Às vezes me dá atração física por um cara na praia, como pintou comigo no Reveillon deste ano. Ele era saradão e lindo...Não teve jeito. Fomos direto da praia pra cama’ - declara Daniela. O mesmo acontece na night. A mulherada quando vê um homem dá em cima geral e como a quantidade de mulher é bem maior, tenho que tomar a iniciativa - brinca a publicitária.”
(Nazareth, 2007).

O depoimento de Cristiane diz que o melhor do sexo sem compromisso é não ter que se preocupar com o parceiro e sim com ela mesma. O de Daniele diz que por ela ter o próprio dinheiro, pode escolher quem ela quiser. O que demonstram é que se o outro está satisfeito ou não é algo desconsiderado e que, se o outro será simplesmente o escolhido, sem participação no processo de escolha; ele é apenas um objeto para ser usado.

O possível desejo de aniquilamento da alteridade nesse tipo de relacionamento denota uma dificuldade de lidar com questões ligadas a frustração e falta, ou melhor, é “como se” a falta nem existisse. Pois, implicar-se em uma relação é ter que conciliar o desejo de um com o desejo do outro e aprender a conviver com o buraco, a falta que isso gera em si mesmo. Para Kehl, a relação entre amor e frustração se dá desde o início da vida do indivíduo. “O objeto que satisfaz é o mesmo que frustra. O amado e o odiado são um só – ambivalência que nos acompanha pela vida toda. Ambivalência que é da essência de toda relação amorosa, pois todo objeto que satisfaz

também frustra, e o absoluto não se recupera mais” (Kehl, 1987, p. 475). Se assim for, a falta é imperativa.

Pode-se pensar, portanto, que o modo como o sexo de ocasião aparece atualmente, representa mais um desses fenômenos da sociedade contemporânea que buscam prazeres rápido, fugazes e que, de preferência, custem pouco emocionalmente.

4.3 Reflexões sobre a mídia como mediadora de subjetividades

A partir das reflexões feitas acima, pode-se inferir que a cultura de massas promove o surgimento de subjetividades perpassadas pelo que é colocado midiaticamente como valor. No caso específico da mulher e da vivência da sua sexualidade, é possível encontrar nas páginas de revistas recomendações tácitas a respeito de como ela deve ser e de como ela deve fazer.

O título da dissertação se ancora também nas questões relativas entre o que é dito por sujeitos de pesquisa entrevistados na pesquisa de campo, e o que é escrito nas revistas femininas e masculinas a respeito do sexo casual. Nesse caso, acredita-se que há, no mínimo, um não encontro de falas. Como será visto no próximo capítulo, apesar de elas acreditarem que “as mulheres” estão todas fazendo sexo casual, isso não é algo buscado pelas próprias entrevistadas na pesquisa. Em que medida esse “essas mulheres” não é representado por um padrão estampado pela mídia?

Para Thompson (1998), o Eu vive atualmente uma experiência de mundo mediado pela publicidade e pela mídia. A conexão entre o local de existência e o da informação são distantes e, através da mídia, os sujeitos passam a ter acesso ao que ele chama de “conhecimento não local”.

Com o desenvolvimento das sociedades modernas, o processo de formação do self se torna mais reflexivo e aberto, no sentido de que os indivíduos dependem cada vez mais dos próprios recursos para construir uma identidade coerente para si mesmos. Ao mesmo tempo, o processo de formação do self é cada vez mais alimentado por materiais simbólicos mediados, que se expandem num leque de opções disponíveis aos indivíduos e enfraquecem – sem destruir – a conexão entre a formação e o local compartilhado (Thompson, 1998, p. 181).

Ainda para Thompson (1998), o desenvolvimento da mídia traz um enriquecimento e uma transformação para o processo de formação do self. Ele vê de modo positivo o papel da mídia na modernidade por produzir formas de intimidade diferentes daquelas geradas pelo encontro face a face, que não existia antes. Ele defende a idéia de que o contato face a face obriga o sujeito à reciprocidade enquanto que o contato mediado pela mídia permite uma forma de intimidade não recíproca.

Até que ponto isso não vem de encontro com a cultura de indivíduo tão apregoado atualmente? Os meios de comunicação permitiram que locais antes, impossíveis de se comunicarem, atualmente aparecessem concomitantemente no espaço midiático. A comunicação entre os sujeitos e a interlocução de seus valores passaram a ser permeados entre si. Porém, isso trouxe conseqüências importantes para as subjetividades dos indivíduos.

Atualmente, o que parece existir é um sentimento de pertencimento a vários lugares, mas ao mesmo tempo uma sensação de não pertencer a lugar nenhum. Tudo parece ser micro fragmentado e constituído de várias faces, as quais a mídia intenta costurar bem. Talvez seja por isso que se percebe o quão incisivo é o tom do que é

veiculado midiaticamente. E como as pessoas demonstram tomar aquilo como valor de verdade. E o efeito disso na subjetividade humana?

Para Jovchelovitch (2000), os meios de comunicação podem ser considerados como constitutivos da vida social. Eles mudaram radicalmente o acesso a bens simbólicos e também as fronteiras entre a esfera pública e a privada. Pode-se inferir que também mudou a constituição dos modos subjetivos dos indivíduos.

A questão do acesso a bens simbólico através do discurso midiático é uma questão importante para a presente pesquisa. Qual o impacto exercido pelo discurso midiático sobre a prática do sexo casual feminino na “vida real”? Em uma mesma revista e às vezes dentro da mesma matéria, vende-se um bem de consumo feminino e uma idéia a respeito do seu comportamento.

Quando não é reduzido a mais um competidor na massa, o ‘indivíduo’ é tratado como ‘consumidor’. A operação consiste em apelar para a dimensão do desejo, que é singular, e responder a ela com o fetiche da mercadoria. A confusão que se promove, entre objetos de consumo e objetos de desejo, desarticula, de certa forma, a relação dos sujeitos com a dimensão simbólica do desejo, e lança a todos no registro da satisfação de necessidades, que é real. O que se perde é a singularidade das produções subjetivas (tentativas de simbolização) (Kehl, 2003).

Quando Kehl fala de singularidades subjetivas, é possível inferir que nessa sociedade dos prazeres rápidos, onde as imagens são mediadas via mídia, diminui-se a possibilidade do inusitado e particular aparecer. Claro que, sob nenhuma hipótese, os sujeitos se tornam iguais, mas existe uma massificação de possibilidades subjetivas.

Thompson (1998), afirma que “hoje vivemos num mundo no qual a capacidade de experimentar se desligou da atividade de encontrar” (p. 183). Ele afirma

que muitas situações só seriam experienciadas pelos sujeitos através da mídia. Por outro lado, pode-se refletir sobre o distanciamento entre aquele que lê ou vê a reportagem e aquele que vive. Ter acesso à experiência na mídia não significa ter arcabouço subjetivo para elaborá-la. Do mesmo modo, não é o fato de escutar a dor de um paciente em análise que faz com que o analista compreenda sua dor. Ele pode no máximo se esforçar para isso. Também, não é o fato de antecipar uma interpretação que fará o paciente compreender aquilo como parte de sua vida. É como disse Freud: “ouvir algo e experimentar algo são, em sua natureza psicológica, duas coisas bem diferentes, ainda que o conteúdo de ambas seja o mesmo” (1915/1996, p. 180).

Portanto, é preciso considerar que a subjetividade tem sido perpassada, mediada; pelo que se vê na televisão, nas revistas ou nos jornais. De algum modo, existem padrões de comportamentos femininos sendo vendidos ao lado do anúncio de batom. É possível perceber que, em alguma medida, as mulheres não conseguem se adaptar a eles e acabam por apresentar sofrimentos que aparecerão na clínica.

CAPÍTULO 5

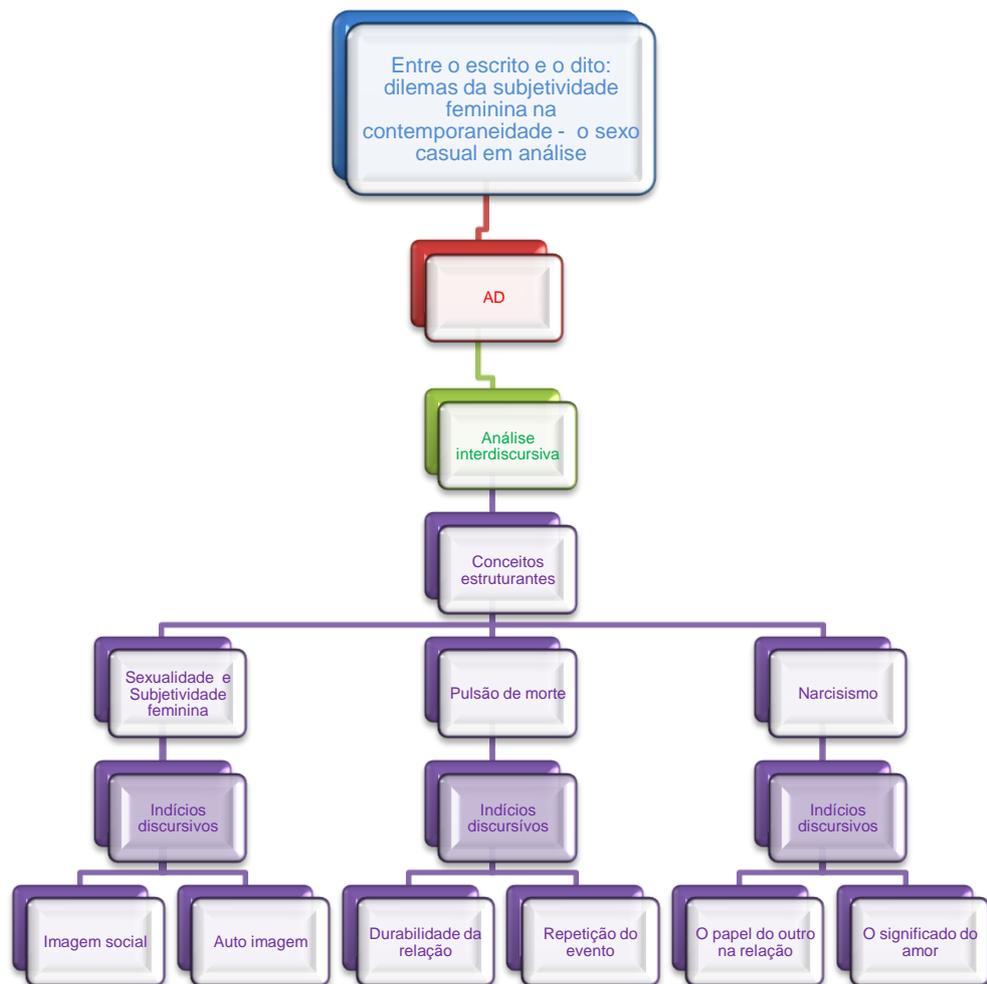
ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados será realizada a partir do cotejo dos eixos teóricos da psicanálise desenvolvidos no decorrer deste trabalho com os dados colhidos na pesquisa de campo buscando-se compreender em que medida o discurso sobre a prática do sexo casual por mulheres na contemporaneidade apontam questões relativas à sua subjetividade e os questionamentos advindos desta.

A partir da leitura da transcrição integral das falas das entrevistadas em relação aos discursos dominantes no atual contexto sócio-histórico veiculado por alguns meios da mídia impressa, estabeleceu-se um modelo metodológico de análise, no qual a AD (análise do discurso), através da interdiscursividade funcionou como metodologia de análise dos dados. Os conceitos teóricos desenvolvidos no corpo dessa dissertação serão considerados conceitos estruturantes que levarão à constatação dos indícios discursivos presentes nas entrevistas.

Os conceitos estruturantes (sexualidade e subjetividade feminina, pulsão de morte e narcisismo) apontaram categorias de análise; e os indícios discursivos (imagem social, auto-imagem, durabilidade da relação, repetição do evento, o papel do outro na relação e o significado do amor) indicaram pistas para se tentar desvelar o discurso acerca da prática do sexo casual por mulheres na contemporaneidade. Procurar-se-á uma relação entre os discursos da revista e o das mulheres entrevistadas na pesquisa de campo. A fim de diferenciá-los, marcou-se os discursos colhidos na revista com *itálico*.

As siglas que identificam cada entrevistada têm o intuito de preservar sua identidade. O número que segue a sigla aponta sua idade.



5.1 Sexualidade e subjetividade feminina

5.1.1 Auto-imagem

A liberdade sexual experimentada atualmente pela mulher tem relação com o direito adquirido por elas de disporem de si mesmas, de seus corpos, enfim, de sua existência como um todo. Isso colocou a mulher em um novo lugar. Mas é possível pensar que, diante dos depoimentos das mulheres entrevistadas na pesquisa de campo, o feminino ainda não se vê em lugar de igualdade com o masculino na vivência de sua sexualidade. As reivindicações da luta feminista por direitos iguais parecem ter sido interpretadas pelas jovens desta geração como uma “promessa”. Uma promessa de que elas poderiam usufruir da liberdade sexual concedida historicamente aos homens. Elas acreditam que essa “promessa feminista” em relação à vivência igualitária da sexualidade por homens e mulheres, ainda não se cumpriu. Seguem as falas das entrevistadas que ilustram essa colocação.

A liberdade sexual teve alguns avanços mais em termos legais, em termos políticos. Mas a vida real não corresponde com as expectativas dos movimentos feministas, com o que a gente costuma dizer. É fato que tod... muitas mulheres tem muita dificuldade com a sexualidade.

TH20

Com certeza ainda há uma diferença do homem pra mulher para viver a sexualidade. Ele, apesar de tudo que ele aprontou, continua sendo o garanhão. Agora, vai eu fazer o que ele fez. Com certeza eu ia ficar com estigma ruim, muito ruim. V27

Não tenha dúvida de que ainda é mais fácil para o homem. A mulher se perdeu nessas conquistas. Eu acho que a coisa se perdeu nos valores. De ela se respeitar. Eu acho que as mulheres não estão se respeitando. Eu acho que ela deveria ser honesta consigo mesma. Se ela quer sair e transar com o cara ela deve assumir isso. Mas não. Ela faz e ela mesma se recolhe. Pensa ah eu não deveria ter feito isso. Ela mesma se culpa. F29

Eu acho que a gente ainda tem muitos tabus. Eu acho que ainda é diferente para o homem. A própria criação na família é diferente né? Quando um pai fala que o filho vai pegar todo mundo né? Mas a filha não. A filha é dentro de casa sempre. Só sai com um irmão ou com um amigo. C25

As falas acima demonstram o quão complicado é para a mulher se colocar sexualmente ainda hoje. Para elas, o que é inusitado, toda a liberdade apregoada pelos movimentos feministas ainda não chegou à prática. Na verdade, elas até tentam se colocar desse modo, mas não encontram respaldo no masculino para isso. Ainda não encontram um masculino que saiba acolher, sem estigmas, esse novo feminino. E é justamente nesse movimento de exploração das possibilidades que a mulher encontra suas barreiras; seus limites não só sociais como também subjetivos.

De todo modo, as expectativas em relação à sexualidade não poderiam mesmo ser iguais. Homens e mulheres sofrem processos de subjetivação diferentes. Ascendem à posição de sujeitos de modos distintos e as conseqüências desses processos também não poderiam ser iguais. Não é possível se desconsiderar a influência de questões sociais e até mesmo políticas, porém, a psicanálise vem apontar que no que tange ao desejo, essa igualdade nunca ocorrerá. A falácia midiática da “nova mulher” que estaria agindo sexualmente como os homens sempre agiram, parece incitar, na

verdade, um modelo de mulher baseado no modelo masculino e não em uma construção própria e singular feminina.

E como é que fica a subjetividade dessa mulher que tenta viver sua sexualidade com base naquilo que ela interpretou como “promessa feminista” de igualdade de vivência da sexualidade entre homens e mulheres? Bem se sabe que é um ideal simbólico, ou seja, as questões relativas à prática têm um limite. Porém, ainda existe uma idealização feminina de que, em relação ao exercício da sexualidade, as mulheres sejam tão livres quanto os homens. Uma das entrevistadas disse que hoje em dia é muito difícil ser mulher, pois ela nunca sabe como deve agir com o sexo oposto.

O cara quer a mulher que transa na primeira noite, mas essa ele não quer assumir. Mas se você não dá pra ele na primeira noite ele não tá nem aí pra você. E aí como é que a gente faz? O que é que a gente faz? Se você dá na primeira noite você é fácil, se não dá é porque banca de difícil.
F29

Pra mim é um paradoxo muito grande porque os homens buscam essa prostituta, essa Maria Madalena, essa mulher safada, essa mulher que gosta de sexo. Mas socialmente, eles querem aparentar que suas mulheres são virgens e Marias. É muito louco isso. Eu já ouvi muito isso, adoro a mulher que é sofisticada e elegante e que na cama é uma safada. Isso é exatamente o que a gente tá falando. Que o ideal social é a Virgem Maria, mas na intimidade, entre quatro paredes, o ideal é a Maria Madalena. TH20

No que diz respeito especificamente à auto-imagem da mulher que faz sexo casual encontrou-se novamente uma grande distância entre o que acontece na prática e o

ideal de liberdade já citado acima. E é justamente nesse ponto que questões subjetivas específicas da mulher apareceram nos discursos.

Quando aconteceu comigo eu não fiquei mal, assim... Acho que não mudou nada, assim... até porque eu achei meio normal, assim... uma coisa tranqüila. T20

Eu não saio pra transar por transar. Tenho dificuldade com isso. As poucas vezes em que eu transei com a pessoa que eu tinha conhecido aquela noite, ou conhecia pouco, não foram experiências boas, eu não consegui me entregar. Se eu fui com a programação mental de usar o outro como objeto, como um boneco humano, não consegui. Nas quatro ou cinco vezes que isso aconteceu, no outro dia eu me senti vazia, me senti mal. Algumas vezes não consegui efetivar a relação sexual. Fiquei no beijo na boca, nas preliminares. Eu sou estudiosa do tantra e é uma filosofia que sacraliza a sexualidade. E então, toda vez que eu tenho uma relação sexual fortuita, assim, casual, eu sinto que eu tô fazendo uma agressão ao meu corpo que no meu entendimento é um templo de... de saúde... é um templo... é o meu templo. O único que eu tenho de fato. Eu acho que é mais por aí. Pode ter alguma coisa de auto-imagem também porque... Bate uma coisa de que eu não fiz uma coisa legal pra mim. Acho que sem tanta moralidade, assim... Não tenho problemas com quem sai pra transar, e adora fazer isso. Acho muito legal. Gostaria de ter essa capacidade, essa válvula pra poder curtir mais. Eu acabo ficando muito preocupada. TH20

Vazio. Eu particularmente não gosto não. Já aconteceu comigo uma vez, antes de eu me casar. E foi péssimo, porque no final das contas você vai pra casa sozinha, não recebe nenhum telefonema... Então, eu particularmente... Estou separada há três meses e até hoje não me envolvi com ninguém que quisesse só sexo. Por isso que eu tô sozinha. V27

Ninguém soube disso. Graças a Deus! Não teve comentários. Me achei péssima. Fiquei muito deprê. Achei que fui leviana sim comigo mesma. Ele é homem. Ele tava querendo aquilo mesmo. Eu é que tinha que ter colocado um ponto final e eu não coloquei. Eu fiquei muito mal comigo mesma. V27

Quando aconteceu ficou uma ressaca moral no outro dia. C25

Eu acho que a mulher faz porque ela gosta, porque sexo é bom. Mas ela tem que assumir que é bom, que é bacana e que não tá nem aí. Mas ela mesma faz e ela mesma fica pensando o que o cara vai achar. O que a amiga vai pensar? Quando você quer beber você não bebe? Quando você quer fumar você não fuma? Então porque que quando você quer transar você não pode? Eu acho que a mulher escolhe fazer sexo casual, mas por outro lado ela não segura o tranco. F29

É possível pensar que o que surge para a mulher é a falta de opção. Se ela não fizer sexo no primeiro encontro ela é descartada. Se ela o fizer será considerada fácil demais. A quase obrigatoriedade em corresponder a um papel é o que chama atenção. Parece haver uma ausência de reconhecimento de si mesmo após o ato. Porém, mesmo com a sensação ruim no dia após o ato, percebe-se que é um movimento que se repete a partir da eleição de um novo objeto, pois o anterior já foi destruído. Essa tendência à repetição será melhor analisada no subtópico Pulsão de morte.

A sensação de poder também chama atenção. Isso é algo em comum nos discursos vistos nas revistas e no que é dito pelas mulheres entrevistadas na pesquisa de campo. Até que ponto o discurso midiático de posituação do sexo casual impele essa mulher a se colocar em um lugar que, segundo as entrevistadas acima citadas, não lhe agradam?

Um estudo feito na Universidade Durham na Inglaterra parece confirmar que o sexo casual é uma prática que não agrada a maioria das mulheres. O estudo é resultado da análise do comportamento de 1.743 homens e mulheres nas manhãs seguintes às relações sexuais casuais. O resultado apontou que 80% dos homens avaliaram o encontro de maneira positiva, comparados com 54% das mulheres que disseram o mesmo. Anne Campbell (2008) coordenadora da pesquisa, afirmou que as mulheres alegaram que o problema não era a brevidade do encontro, mas o fato dos homens não apreciá-las e, além disso, acharem que elas fazem isso com vários parceiros.

O que se pode inferir desse resultado é que ele, de algum modo, confirma o que a psicanálise diz em relação à posição subjetiva feminina. Segundo Freud, a maioria das mulheres busca mais amar que ser amada. Segundo Lacan, ela trabalha em favor de se fazer amar, ou seja, ela quer ser reconhecida. Parece ser isso que a ampla pesquisa de Campbell aponta. Elas não se adaptaram à prática do sexo casual por não serem apreciadas; por não serem reconhecidas.

Quando essas constatações são colocadas lado a lado com os discursos das revistas, uma reflexão se impõe. Parece haver ao menos um desalinhamento entre eles. As mulheres da vida real disseram que o sexo casual é algo prazeroso sim, mas o que sobra dele é uma espécie de ressaca moral. As mulheres da revista defendem o sexo casual como algo que só gera prazer e nenhum questionamento, falta ou desconforto.

Há uns dois anos, disse para um amigo que invejava os homens, porque transam por transar e não estão nem aí para o que vão dizer. Ele falou que bastava fazer sem culpa. Demorei algum tempo para levar isso a sério. Numa noite em São Paulo, num pub, fiquei muito a fim de uma cara que estava na minha mesa. Ele se sentou ao meu lado. Passou a mão na minha perna. Depois enfiou a mão por baixo da

minha blusa. Aí saí da mesa com ele, para um canto do bar. Depois do amasso meio adolescente, fomos para o apartamento dele. Fizemos a loucura de transar antes de chegar lá – na garagem, dentro do carro. Depois, rolou na casa do cara. Dormi lá. Acordei, ele tinha feito até café da manhã. Mas eu não estava a fim dele. Agradei, dei um telefone falso e fui embora. Lembro dessa noite como uma das melhores da minha vida. Já repeti isso, de sair, transar e nunca mais ver. Experimentei umas fantasias – tipo sair com amigo de ex-namorado. Agora falta transar com dois caras de uma vez. Vou conseguir. Quero me divertir muito (Renata, 29 anos, advogada).

Nenhum sujeito é igual a outro, muito menos seu modo de pensar a vida. O que se pretende discutir aqui não é isso. Mas sim, o tom de recomendação e de garantia de prazer com que a revista trata o assunto. E em que medida isso reforça o comportamento masculino do qual as mulheres da vida real se queixaram: “eles não querem compromisso”. Na capa, a reportagem diz: *Elas querem sexo casual*. Pode-se pensar que *Elas*, engloba o público feminino. Como ficam, então, as entrevistadas da vida real que não se sentem representadas por esse *Elas*?

A frase *Elas querem sexo casual* foi por vezes repetida também pelas mulheres da vida real, porém, *Elas*, por mais inusitado que possa parecer, não incluía as próprias entrevistadas. Essas se referiam ao público feminino quase como uma instituição à qual elas próprias não pertenciam. Quando a pesquisadora perguntava se existia uma busca feminina pelo sexo casual as respostas foram como as que se seguem abaixo. As frases em negrito destacam essa idéia.

Pra mim não existe uma busca por sexo casual. Não que eu também... eu tô vivendo. Não sei... Mas eu não me encaixaria nesses ideais. Eu gosto de relacionamento. Gosto mesmo. Então, talvez por isso. **Mas que acontece, acontece.** T20

Fica depois uma ressaca moral. Eu particularmente não acho que isso seja uma conquista feminina. **Tenho amigas que amam fazer isso. Mas eu particularmente não.** V27

Não é muita minha onda. Têm algumas amigas minhas que gostam até. Pra mim, abrir mão de relacionamento não é uma busca (fica pensativa). É... não. T20

Pôde-se perceber que as próprias entrevistadas colocam a prática do sexo casual como algo que deprecia a imagem da mulher e, o mais inusitado, como algo que ocorre por culpa e responsabilidade das próprias mulheres. Como se elas fossem responsáveis por uma depreciação decorrente de uma prática realizada por elas mesmas. Isso será melhor analisado no subtópico Imagem social.

As entrevistadas fizeram uma diferenciação entre o que é a relação sexual que acontece casualmente e aquela que acontece dentro de um namoro. Elas acreditam que se o sexo for do tipo casual permite que a mulher se solte mais, se coloque com menos pudores pelo fato de não ter que encontrar a pessoa no outro dia, ou seja, por não ter que se ver no olhar do outro.

Eu acho que é melhor quando eu estou namorando. Porque eu só vou mesmo com uma pessoa com quem eu estou começando a me soltar mais. Então eu acho que é melhor num namoro, assim... Mas eu fico pensando tantas coisas. Porque também... isso de você se sentir mais a vontade depende muito da pessoa... o sexo depende muito da pessoa. Eu pensei no namoro mas na verdade eu acho que quando você não conhece a pessoa, sabe que não vai mais ver, aí você se sente mais livre. **Me solto mais, fico com menos pudores.** T20

Eu acho que nessas relações casuais a mulher acaba se soltando mais na cama. Por a pessoa ser um desconhecido. Aí do jeito que você quer você fala. Ah eu quero desse jeito, eu gosto assim... eu gosto assado. Porque você não tem aquele compromisso. Não tem aquela coisa: Ah o que ele vai pensar de mim? E amanhã? Então acaba. C25

Às vezes a gente quer só sexo. **Aí a gente se solta mais, tem menos pudor.** Eu acho que dá pra ser assim com o namorado também. Mas com o meu eu não fazia. Quando você transa com o namorado você se preocupa mais com o que ele vai pensar. Quando é casual você as vezes se solta mais porque pensa: ah eu não vou ver esse cara mais mesmo. Vou fazer tudo. E30

É aquela coisa, é... você nunca mais vai ver aquela pessoa, isso é excitante de alguma forma. É um desconhecido e o fato de não ter esse vínculo... essa coisa do, ai... o amor... não sei... **talvez a pessoa se liberte mais. Talvez a pessoa se coloque mais sem pudores.** J22

A partir dos discursos analisados acima é possível pensar que não existe uma busca feminina pelo sexo casual, mas este tem sido um modo de as mulheres estarem com o outro, um modo de elas se colocarem na relação com o homem. Freud (1914/1996) afirmou que é típico das mulheres buscarem mais serem amadas do que amar. É possível refletir que se elas consideram que a relação sexual casual acontece com menos pudores, com elas podendo se preocupar menos em agradar o outro do que em uma relação sexual que acontece dentro do namoro onde impera o amor, é porque no namoro ou na busca do amor existe mesmo a questão da mulher se fazer desejar e no sexo casual não. É como se na prática do sexo casual elas não precisassem ocupar o lugar dito por Freud. Talvez o sexo sem compromisso denote um modo defensivo da mulher lidar com o lugar sobre o qual Freud chamou atenção.

Um recente artigo (Sternick, novembro, 2007) publicado em uma revista popular, divulga um estudo americano que concluiu que

as mulheres solitárias, caso mantenham relação sexual casual, experimentam reação paradoxal: ficam depois com o desejo de encontrar um parceiro fixo com quem possam ter uma relação estável. Se elas se mantêm sós, conseguem sustentar com mais facilidade seu discurso independente e anticasamento.

Talvez esse seja um sentimento do humano e não só da mulher: juntar-se em grupos familiares. Porém, as relações têm se tornado de tal modo distanciadas que quando um nível qualquer de intimidade acontece faz, de fato, surgir esse sentimento de necessidade de agrupamento.

5.1.2 Imagem social

A análise da imagem social da mulher que faz sexo casual se faz necessária para se compreender em que medida padrões sociais influenciam ou não o modo como as mulheres se expressam e mais especificamente se vêem. O ser humano é um ser social na medida em que é inserido na lei da cultura. Ocorre uma retro influência entre sujeito e sociedade de modo que os discursos se entrecruzam. Para Bakhtin, citado em Brandão (2002), a língua não pode ser efetivada como um ato individual. Ela se funda amparada por um “horizonte social”. Isso nos faz pensar que a fala dos sujeitos de pesquisa e suas expressões a respeito do sexo casual também devem ser analisados inseridos dentro de um contexto social, qual seja, a contemporaneidade.

Faz-se necessário refletir a respeito de um papel feminino estampado nas páginas de revista na contemporaneidade. Como existe o padrão de beleza, de posição econômica, também existe agora o padrão sexual feminino que, segundo as revistas analisadas, abre mão do compromisso.

Você em primeiro lugar. Não, não é egoísmo. É essencial. Já pensou nisso? Pois pense mais uma vez e coloque em prática. Para conquistar sucesso no trabalho, qualidade de vida e felicidade, você precisa ser sua prioridade máxima (Delfino, 2005, p. 129).

O depoimento abaixo parece revelar a confusão de sentimentos que ronda a mulher na atualidade. A entrevistada começa o depoimento quase reproduzindo o discurso das mulheres da revista e conclui dizendo que o ideal seria que depois de uma relação sexual casual acontecesse um namoro.

Eu não sou do tipo que conhece um cara e vai pra cama. Comigo só rola se for sério. Uma pessoa que eu conheci depois de um tempo, rola. Eu acho que conhecer primeiro a pessoa e depois transar é importante até por uma questão de segurança. Não necessariamente por quem eu tenha afeto. Mas que eu encontre duas ou três vezes por mês. Eu acho que é um tipo de relação onde não tem vínculo. Não tem isso de ligar no outro dia. Então é assim: aconteceu aqui, sabe-se lá Deus se vai acontecer de novo. Então eu não crio vínculo nenhum e nem a pessoa comigo também. Eu acho que isso é uma coisa acordada entre os dois. Todos dois sabem que não vai ter um depois. Quando eu tenho esse tipo de relação eu não tenho esse tipo de conversa mais profunda tipo o que você espera. Eu simplesmente deixo rolar. Se ligar bem, se não tudo bem também. Eu não sei se na cabeça dele fica como se eu fosse só mais uma. Hoje em dia tem muita mulher disponível e elas vão mesmo. Eu não gosto de parecer usada. Eu queria que tivesse uma continuidade. Não que se tornasse um namoro e tal... Isso seria o ideal. Eu queria

que isso acontecesse mas não é o que ocorre. Eu acho que as mulheres estão se igualando com os homens nesse aspecto. E isso é ruim porque a gente quer algo mais, mas o cara não está a fim. Então a gente aceita isso e assimila. Eu acho que por querer ter essa posição de igualdade isso foi também pro lado sexual. Mas não dá porque no fundo, no fundo, toda mulher quer viver um romance. Eu por exemplo, acredito nisso. Por mais que tenham todas essas decepções amorosas, eu acho que o que a mulher quer é alguém que faça sexo por amor, um contato a mais. Mesmo quando eu transo sem compromisso eu gostaria que dali surgisse um compromisso. Pra ter um envolvimento eu não quero que seja qualquer pessoa. Eu quero que tenha o mesmo nível sócio-econômico que eu. Então até encontrar esse alguém ideal a gente vai experimentando. Se eu vejo que é alguém que não vai rolar um depois eu procuro não criar expectativa, pra não sofrer depois. L27

Em que medida a confusão sentimental dessa mulher pode dizer dos dilemas subjetivos femininos na contemporaneidade? Como se situar entre o que é esperado e o que é desejado? Esse é o dilema do sujeito e não só da mulher. Se esse dilema já existe no processo normal de amadurecimento para todos os sujeitos, pode-se pensar que o discurso vendido nas páginas de revista só reforça esse estado. O depoimento abaixo, colhido na reportagem da revista UM, mostra uma mulher que está plenamente realizada com essas relações sexuais casuais.

Eu costumava ficar com homens por apenas uma noite. Minhas amigas achavam um absurdo. Eu não ligava. Até que comecei a namorar. No começo, era especial: ele era carinhoso, experiente, beijava bem, e tinha um fôlego, um fogo... fazia de tudo pra eu gozar. Para resumir, namorei, fiquei noiva e quase casamos. A história acabou porque ele passou a transar meio por obrigação. Descobri, também, que ele ficava com outras. Ele chegou ao extremo de flertar com a minha irmã. Separei. Um tempo depois, voltei à minha vida de antes. Transei bêbada, fiz sexo

com mulher e homem ao mesmo tempo, saí até com um amigo do meu ex. A melhor foi no quarto de uma festa, num apartamento. Eu estava na varanda, sozinha, bebendo. Um cara se aproximou. Disse que era um pecado ele e eu ficarmos a sós daquele jeito. Então, ele me beijou e me levou para o quarto dos donos da festa. Loucura. Transa rapidinha, mas forte, suada. A gente nem tirou a roupa direito. Ele só abaixou o meu jeans. Transamos duas vezes, uma de pé e outra na cama. No final, ele saiu, disse que tinha sido maravilhoso e voltou pra festa, sem dar maiores explicações. O melhor de transar assim é a falta de regra, a despreensão, uma coisa meio adolescente. Dá tesão só de pensar. Um dia caso, mas antes vou transar muitas vezes desse jeito – como se fosse a última vez que vou ver a pessoa. Sou uma mulher realizada desse jeito (Valeska, 25 anos, jornalista).

Como a revista é voltada para o público masculino, pode-se pensar que a matéria tem o intuito de dizer aos homens o que as mulheres esperam deles. Ou seja, para ele satisfazer uma mulher sexualmente, o ideal é que ele se aproxime dela, faça sexo com ela, não pergunte seu nome e o primordial: não a procure mais. Como aliar esse discurso midiático à demanda feminina encontrada no campo? Uma demanda de relações que possam durar ou que possam ter continuidade.

Brandão, fala do lugar de poder do enunciador. Essas falas que têm um tom totalizante podem criar um “espaço em que saber e poder se articulem, pois quem fala, fala de algum lugar, a partir de um direito institucionalmente reconhecido” (2002, p. 31). E em tempos contemporâneos a mídia parece ocupar um lugar no imaginário coletivo de grande detentora da verdade. Assim, veicular que mulheres buscam sexo de ocasião e referenciar isso como grande fonte de prazer, indica um papel a ser correspondido. Principalmente, um ideal de não formação de vínculo.

É claro que quando um relacionamento entre duas ou mais pessoas acontece, elas são afetadas umas pelas outras. Mudanças internas ocorrem. O que é bastante diferente de alguém deixar de existir como sujeito e passar a ser a imagem do desejo do outro. A influência sobre si já ocorre desde a escolha de determinado indivíduo e não outro. Esse é destacado da multidão através do olhar porque existe algo nele que se cola em determinado sujeito; algo que o influencia; alguma afinidade. E isso é uma escolha individual e é preciso que o sujeito se responsabilize por ela.

Aquilo que é amado no outro é uma imagem de duas dimensões, onde me reconheço como num espelho. Encanto da reciprocidade: eu te compreendo, tu me compreendes; nós nos abraçamos, isto é, cada um pode contornar o outro (Julien, 1997, p. 39).

É possível refletir que se existe um padrão de “mulher liberal” estampado nas revistas, isso não se coaduna com uma imagem social positiva para as mulheres da vida real. As entrevistadas, em unanimidade, disseram que no imaginário social, a mulher que faz sexo casual ainda é muito “mal vista” e, além disso, não pode falar o que faz em qualquer lugar. Ou seja, ainda é uma prática feminina marginalizada. Mesmo aquelas que dizem que sua auto-imagem é positiva afirmam que a imagem social é negativa.

Minha auto-imagem é tranqüila. Eu acho que eu estou fazendo aquilo que eu acho que é bom para mim. Eu não me julgo. E eu não me importo com o que os outros estão pensando (risos). Eu acho assim... No momento eu não tenho namorado. Sexo é uma coisa normal do ser humano. Nem só do humano, dos seres vivos. Porque não, assim... eu não vejo problema com isso...Porque até pouco tempo atrás a mulher que ficava com alguém assim, sem ser namorado,

marido, nada; era uma piranha né? E hoje em dia não. É normal... assim, não sei se chega a ser normal. Mas é bem mais aceito. Eu acho que para você falar sobre isso tranquilamente depende de qual ambiente. É... eu não sei. Depende das pessoas que estão falando e depende de qual ambiente você está falando. Eu acho que aqui na Universidade é bem normal você falar isso. De repente, não sei... você não vai falar isso para uma avó ou com uma tia... ela vai ficar horrorizada. Ainda existe uma imagem social de que a mulher não deveria fazer isso. Tem sim.

J22

Mas acredito que é tabu. Não se fala nisso tão abertamente. Homem já fala normal sobre isso. Já a mulher não. Não sei... depende muito. Ainda existe uma imagem social que condena a mulher por isso. Por mais que se diga sobre liberdade. Quando vai pra prática é diferente. Se vê alguma menina fazendo. Se comparar um garoto e uma menina fazendo a mesma coisa, lógico que vão julgar mais a menina. Vão julgar mais a menina por fazer sexo casual. T20.

Eu acho que ainda tem muito uma imagem social condenatória da mulher que faz sexo casual. E não só da que faz sexo casual não. Da mulher que se veste com uma mini-saia, da mulher que se insinua, da mulher que é livre em outros âmbitos da vida. Não só sexualmente. Principalmente no Brasil assim, tem uma cultura de família, uma cultura cristã, que está arraigada mesmo nos ambientes mais pretensamente liberais, assim. O imaginário social ainda é de condenação. Não é em todos os lugares que eu frequento. É triste. E... assim... parece que a mulher... ela ou personifica a virgem, a mãe, a santa, a doadora, a do colo... a Virgem Maria simboliza bem; ou a prostituta, a devassa, a vulgar. As coisas ainda são segmentadas. E geralmente essa segunda forma da mulher... ela já é assim... logicamente concatenada com o sujo, com o feio, com o inferior, com o estranho, com o ruim. Então não tem uma separação sem caráter valorativo sabe? Tipo... essa mulher aqui é mais virgem, mais pura, mais assexuada. Essa aqui é mais sensual, é mais sexual e tal. Isso nunca vem na... eu imagino... pelo que eu percebo na cabeça

das pessoas... como uma coisa tranqüila, uma diferença tranqüila. Em geral já vem carregado de valores e em geral eles são negativos né? T20

Ainda existe uma imagem social que condena a mulher que faz isso. O homem ainda é muito machista. Ele ainda tem preconceito. V27

Isso acontece sempre escondido. Nunca ninguém confessa que faz isso. Se alguém chegar e falar... ah... você... eu vou dizer... eu não... nunca... C25

Mas a sociedade é machista. As mulheres são machistas. Eu acho que essas tem uma imagem social ruim. Pode até ser um preconceito meu. Eu acho muito complicado. Por exemplo, não é pra todo mundo que eu posso falar sobre isso de transar na primeira noite. Até amiga as vezes olha torto. Eu acho que tem o falso moralismo porque a mesma que olha assim deve ter dado na primeira noite. Mas tem vergonha de dizer. F29

Essas falas acima encontram amparo em um dado, no mínimo surpreendente, encontrado nas entrevistas. Muitas delas acreditam que de um modo geral a imagem social da mulher está negativizada por culpa e responsabilidade delas mesmas. Elas disseram que as mulheres (mais uma vez como uma instituição a qual elas não pertencem) estão ficando “fáceis demais” e não estão conseguindo impor limites aos homens.

Tá vendo o que eu tô dizendo? Que as mulheres tem sua parcela de culpa. Eu tenho certeza que se a mulher tivesse uma postura mais firme, o homem não chegaria nela já pra sexo; já querendo

sexo. Aí teria o galanteio, a conquista, a paquera e aí sim, a intenção mesmo. Mas hoje não. Hoje tá muito difícil. Eles chegam mesmo para transar. V27

O sexo está muito banalizado. Mesmo assim... nas noitadas, nas baladas. Os caras chegam junto já mesmo querendo sexo. Eu acho que isso é uma coisa que prejudica as mulheres. Mas eu acho que a culpa também é das mulheres. Porque a mulher está se deixando levar muito facilmente. Então aí eles acabam generalizando. Aí eles acham que todas são iguais. A gente tá ficando cada vez mais difamada entre eles. Eu não creio que seja uma conquista não. Eu acho que a mulher tem uma parcela de culpa. Eu acho que pelos direitos iguais, pela luta dos direitos iguais. Trabalhar, estudar, votar e aí ela acha que ela tem os mesmos direitos até de galinhar também. É uma coisa ruim pros dois. Eu sofri muito com a traição. É uma coisa ruim pros dois. V27

Que as mulheres... você já ouviu dizer que tem muito mais mulher pra homem né?... Então ele sai e numa noite fica com três. Eu acho que um pouco, é nosso comportamento que reforça isso. Eu acho assim. Se eu tô solteira eu vou ficar sem fazer nada (sexo)? E30

Não sei se eu concordo com a idéia de que a mulher colabora com essa postura masculina. Eu acho que nós temos poucas alternativas. Ah! porque a mulher induz o homem a essa vulgaridade. Não sei, não sei... Não sei se eu concordo. As coisas são de tal forma sexualizadas e superficializadas que a mulher às vezes pra ter um pequeno afeto, sabe? Pra minimamente trocar com um homem, ela se submete. Eu mesma já me vi em circunstâncias em que eu estava representando uma pessoa muito mais vulgar e muito mais aberta sexualmente do que o que eu de fato estava sentindo. Isso pra eu consegui me relacionar. Pra ter qualquer coisa. Pra rir, pra conversar, pra contar uma piada com um homem. Porque você não consegue trocar com nenhum homem sem se abrir minimamente na coisa sexual né? Até com os meus amigos, acontece isso às vezes. Às vezes eu tenho que entrar numas piadinhas meio machistas pra

conseguir trocar sem ser chata. Sem ser aquela pessoa que vai ai! trazer a discussão do feminismo pra conversa. Pra ficar leve o relacionamento com o homem. TH20

A dúvida freudiana e de muitos outros psicanalistas parece se colocar mais uma vez aqui. Parece ser ainda muito confuso compreender o que quer uma mulher. Talvez o que elas queiram é a liberdade reivindicada pelos movimentos feministas de que pode-se dispor de si e do próprio corpo sem amarras. A mulher pode até ter se livrado da algema real; do aprisionamento masculino que a impedia de ir e vir. Porém, o que parece é que ela não se livrou da marca social internalizada de como ela deve agir para corresponder ao sexo oposto.

5.2 Pulsão de morte

5.2.1 Durabilidade da relação e repetição do evento

Os elementos “quanto dura uma relação sexual e como essa é uma experiência que se repete” foram escolhidos como indícios discursivos por se entender que a pulsão de morte impele o sujeito na busca do lugar de zero, de esvaziamento de tensão, além de promover a não conservação do objeto. O sexo casual é uma prática que traz a ilusão de uma satisfação completa. E uma de suas regras é que dure pouco, não tenha continuidade. E é justamente por isso que promove o esvaziamento. Porque desse modo o sujeito estará sempre se esquivando da possibilidade da falta emergir. E uma nova relação acontece com um novo sujeito. Como um movimento que se repete.

Tanto os depoimentos colhidos no campo quanto os da revista indicam que uma das regras para o sexo casual é o fato de que não se verá o parceiro no outro dia. E que

isso faz com que a pessoa se coloque com menos pudores e, conseqüentemente, tenha mais prazer na relação sexual.

Eu acho que inicialmente está subentendido para os dois que vai ser uma noite e nada mais. Eu não espero nada de uma relação desse tipo. Eu acho que foi bom ou não foi... acabou. Eu acho que, assim... Já estava no contrato que ia acabar. J22.

Foi uma coisa de ah! Eu quero curtir, tô aqui e... eu não pensei muito no antes, no depois. Só pensei no momento. Eu não tinha uma expectativa de que aquilo pudesse durar. Eu acho que o prazer envolvido, não sei é só hormonal mesmo. Carnal. Não tem vínculo. Eu não acho que tem uma regra. Mas quando acontece... é, não sei... quando acontece o natural é que as pessoas não fiquem juntas depois. TH20

Parece que as pessoas pularam algumas etapas da intimidade. Por exemplo. As pessoas saem, se olham, trocam meia dúzia de palavras e aí transam. No dia seguinte cada um vai pro seu lado e ninguém se fala. TH20

Comigo acabou acontecendo. Eu tava num barzinho aí eu conheci um rapaz nesse bar. Eu já tinha bebido e a gente acabou transando no final da noite. Depois foi cada um pro seu lado. Ai eu falei, gente... que graça teve isso? V27

Pra mim, no momento foi muito bom. Mas é um prazer que passa muito rápido. Matou o desejo da carne e acabou. Pronto. Não tem questionamento. V27

Foi ótimo. Gozei muito, intenso, como há muito tempo não acontecia. Quando acordei, ele tinha ido embora. Não deu nem nome. Depois pensei: foi exatamente a falta de compromisso que deu tesão na história. Tive várias transas assim. A maioria não pergunto nem o nome.
Sandra Germano, 35 anos, publicitária

No final, ele saiu, disse que tinha sido maravilhoso e voltou pra festa, sem dar maiores explicações. O melhor de transar assim é a falta de regra, a despreensão, uma coisa meio adolescente. Dá tesão só de pensar. Valeska, 25 anos, jornalista.

Nesses discursos muito se diz sobre a intensidade que se sente na prática do sexo casual. Pode-se pensar que é intenso porque a tensão chega ao máximo e depois se esvazia completamente. Porém, isso é uma ilusão, pois toda satisfação é incompleta. Fica sempre um resto insatisfeito. E esse resto que é da ordem da pulsão de morte (como visto no capítulo três) é o que impele o sujeito à repetição.

A falta que se nega a aparecer nessas relações vem tamponada pelo silêncio. O silêncio de não querer saber o nome, de não querer saber do outro, de não querer saber. Quem é esse que esta ao meu lado hoje de manhã? Não quero saber. É um corpo que não deve ter história. Os ruídos estridentes da noite anterior não dizem nada sobre os sujeitos que os gritam, ou pelo menos não devem dizer.

E o que fazer com o mal-estar do dia seguinte? Com a sensação de vazio não esperada, mas que surge de modo abrupto lacerando almas e sujeitos que parecem desavisados? O alívio pelo esvaziamento da tensão em poucas horas é substituído pelo buraco de existir. Um buraco com o qual o ser humano, de um modo geral, luta para não encontrar. Com medidas substitutivas leva-se a vida disfarçando sua existência; e de

repente ele está ali, ao amanhecer, rasgado, aberto, mostrando todas as suas caretas. E o que se faz então? Repete-se.

A repetição do evento é um elemento que surge como dispositivo para se pensar como que, mesmo depois do mal-estar sentido no dia seguinte (para as mulheres da vida real), ou mesmo sem ele (para as mulheres da revista), a mulher vai em busca da nova experiência. Nem tão nova assim. Parece ser tudo do mesmo modo. Surge a noite, uma festa, um homem, um sexo e um adeus. Só muda o parceiro.

Eu acho normal. Já aconteceu várias vezes comigo. Então...Eu acho que se tá no momento de vontade, faz... né? Se prevenindo sempre. Mas... vamo lá. Eu acho que não tem afeto nessas relações; só desejo. Tá com vontade. Já tem muito tempo que você não transa... aí o cara te chama atenção... e aí acaba rolando. No outro dia ficava uma ressaca moral, só que aí no próximo final de semana isso se apagava e acontecia tudo de novo. É tudo muito rápido. Eu acho que acontece assim: se eu tô solteira e numa noite eu conheci fulano eu vou ficar com ele. É viver o momento. Entendeu? Aí acabou. Aí vai até você achar a pessoa certa; seu príncipe encantado. Eu fiquei muito tempo sozinha; ficando com um, ficando com outro e ainda estou cortando o cordão umbilical da vida passada. Eu era boa nisso! C25

Depois que acaba, acabou, parte pra outra. Essa coisa de estar sempre se renovando; eu acho que pode estar aí o prazer dessas relações. J22

Um dia caso, mas antes vou transar muitas vezes desse jeito – como se fosse a última vez que vou ver a pessoa. Sou uma mulher realizada desse jeito. Valeska, 25 anos, jornalista.

Já repeti isso, de sair, transar e nunca mais ver. Experimentei umas fantasias – tipo sair com amigo de ex-namorado. Agora falta transar com dois caras de uma vez. Vou conseguir. Quero me divertir muito. Renata, 29 anos, advogada.

O que é que se perde entre o não dito pelas palavras e o expressado pelo corpo? Uma sede de renovação, do novo. A expectativa da surpresa. A espera pelo desconhecido. E depois, as falas desencantadas. Talvez seja isso. O feminino parece estar desencantado consigo mesmo. Não conseguiu a liberdade sexual reivindicada pelo feminismo, mas também não voltou ao aprisionamento masculino. A busca na repetição pode ser a busca por encontrar esse lugar que ainda não se revelou. Um lugar no qual se encontre uma tal felicidade.

Para Freud, a felicidade não existe enquanto plenitude ou duração extensa. O projeto de “ser feliz” é algo que atende somente ao princípio de prazer e por isso, não pode ser executado.

Não há possibilidade alguma de ele ser executado; todas as normas do universo são-lhe contrárias. Ficamos inclinados a dizer que a intenção de que o homem seja ‘feliz’ não se acha incluído no plano da ‘Criação’. O que chamamos de felicidade, no sentido mais restrito provém da satisfação (de preferência, repentina) de necessidades represadas em alto grau, sendo, por sua natureza, possível apenas como uma manifestação episódica. Quando qualquer situação desejada pelo princípio de prazer se prolonga, ela produz tão-somente um sentimento de contentamento muito tênue. Somos feitos de modo a só podermos derivar prazer intenso de um contraste, e muito pouco de um determinado estado de coisas (Freud, 1930[1929] p.84).

Talvez o que Freud tenta trazer como alerta é que, mesmo que de um modo bastante pessimista, não é possível atingir um estado contínuo de felicidade. É na presença do desconforto que é possível perceber que o conforto existe. É na presença dos contrastes que a idéia de felicidade pode aparecer. Ele cita Goethe nessa mesma página dizendo que “não há nada mais difícil de suportar que uma sucessão de dias belos”. Não é possível atingir o nirvana a cada minuto. A repetição em busca de prazer terá um limite de suportabilidade, pois, a cada vez que se atinge o nirvana, experimenta-se o desconforto extremo também.

5.3 Narcisismo

5.3.1 O papel do outro na relação

Como tratado nos capítulos 1 e 2, o sujeito para a psicanálise constitui-se na relação com o outro. É num esforço de separar-se de um ideal posto por este, que o sujeito tentará trilhar seu caminho de subjetividade. Porém, este Outro a quem inicialmente o sujeito se vê misturado deixará marcas importantes para suas futuras relações.

Na contemporaneidade, essas relações estão perpassadas por valores de uma época rápida, onde falta tempo para construir uma relação com todos os seus meandros complexos de questionamento, falta, dúvida, insegurança, mas também de aconchego e de compreensão. As relações estão se dando a partir de uma ótica individualista faltando interesse legítimo pelo universo do outro.

Isso carece de afeto, carece de intimidade real, de encontro real. As pessoas pouco ou nada se conhecem se admiram, se fazem carinho né? TH20

Eu acho que hoje em dia está mais difícil firmar uma relação. As pessoas estão com mais dificuldade de formar vínculo. É muito mais fácil você não criar uma relação, assim,... Você ser mais livre... não sei, ficar com uma pessoa ou não... Eu acho que são raras as pessoas que querem compromisso hoje em dia. j22

Para que me serve o outro? O outro é colocado em um lugar silenciado. Onde seus ruídos não devem aparecer. Tanto por parte das mulheres da revista quanto por parte das mulheres entrevistadas, esse desmerecimento pelo outro parece ser uma retaliação feminina por já ter sido colocada também nesse lugar.

Eu acho que é pela falta de confiança mesmo. Igual eu, vou ficar com o cara, namorar com ele e mais ninguém... E aí... vai saber se ele não está te traindo também... se não tá te sacaneando? Eu acho que é muito no sentido de vingança. Se ele faz eu também faço. É uma defesa. C25

Eu acho que isso de transar por transar tem a ver com isso da mulher já ter sido traída. Depende muito do momento. A mulher demora mais pra fazer isso. Ela tem que tomar muito na cara pra decidir: ah eu vou fazer agora. E30

Inclusive acho que boa parte dessas mulheres que só querem sexo casual, das que eu conheço, tem uma história de frustração com homens. De desconfiança. Mulheres que foram traídas, que sofreram muito por amor. Me parece que é um modo defensivo. TH20

Para resumir, namorei, fiquei noiva e quase casamos. A história acabou porque ele passou a transar meio por obrigação. Descobri, também, que ele ficava com outras. Ele chegou ao extremo de flertar com a minha irmã. Separei. Um tempo depois, voltei à minha vida de antes. Transei bêbada, fiz sexo com mulher e homem ao mesmo tempo, saí até com um amigo do meu ex. Valeska, 25 anos, jornalista

Eu fui casada por oito anos. Só traí quando descobri que ele começou a sair com uma amiga minha. Fiquei triste, mas era meio que previsível: a gente não se gostava mais, nem tinha aquele fogo de quando começamos a namorar. Como eu não transava, vivia mal-humorada. Me separei. Resolvi mudar a postura. Sandra Germano, 35 anos, publicitária

Hora a mulher busca sua autenticidade, hora ela busca repetir um modelo masculino. E nesse vai e vem subjetivo acumulam-se casos e histórias como se acumulam coisas. Nessa busca por um referencial feminino a mulher parece se perder entre ser aquilo que gostaria de ser e aquilo que defensivamente consegue ser. Existe na verdade um afastamento cada vez maior dos sujeitos, onde ninguém mais sabe o que fazer de fato. Ou melhor, não se percebe mais o papel de cada um na construção de uma relação.

Eu me assusto com a selva, sabe... assim... Eu saio com amigas e eu me assusto com o caráter sexual que está imbuído por trás de qualquer, qualquer manifestação de qualquer homem, relacionado a mim, relacionado a minhas amigas. Parece que a sexualidade... que a cama no fim da noite perpassa todas as interações. Isso me incomoda duplamente. Primeiro porque eu me sinto objetada; sinto que a pessoa não está procurando me conhecer; não está interessada em mim, mas nas sensações que ela vai ter quando tiver me comendo. E, segundo porque eu perco

de conhecer as pessoas né? O sujeito desaparece. Quando o homem estipula esse limite final, ele se corrompe, ele se molda publicitariamente pra chegar naquilo. TH20

É preciso refletir sobre o fato de que tanto o homem quanto a mulher estão em um lugar de aniquilamento subjetivo. Os pares desaparecem. Eles não podem existir enquanto sujeitos desejosos. E o mais interessante é que cada um acredita que está usando o outro apenas. Como se uma relação não se fizesse de dois. Cada um acredita que só está preocupado com o próprio prazer. Ou então, se está preocupada com o prazer do parceiro é porque narcisicamente é prazeroso ver que o outro tem prazer consigo.

Eu acho que tem sim aquela preocupação com o outro. Assim... não tem assim... carinho. Mas de ver que o outro tá gostando... Porque também é prazeroso você saber que está dando prazer ao outro. Mas a preocupação não é igual se for com um namorado. É porque as relações são diferentes. J22

Muitas vezes o tesão da pessoa vai passar pelo desejo do outro, pelo tesão do outro. Às vezes uma pessoa não se sente realizada sexualmente numa transa onde ela só recebe prazer e não vê o outro gozando, se entregando né? Tem outras pessoas não. Que vão pra uma transa por si mesmas e gozam e sentem prazer e o outro acaba funcionando mais como um objeto... tipo assim... um boneco inflável humano, de carne e osso. TH20

Justamente por causa da questão do compromisso. Pra amanhã ou depois não ter que dar satisfação. Não precisa ligar, não precisa dizer pra onde vai, com quem ta saindo. Entendeu?
V27

Com certeza. Eu quero a minha satisfação; ele que se vire. C25

Tem coisas que você não faz com o cara que você tá namorando. Na verdade, eu faço tudo pra ser bom e aí o cara ligar no outro dia. Eu me esforço pra dar prazer a ele, mas por causa disso. Porque eu quero que ele ligue no outro dia. Mas se eu não gostei do cara eu vou me preocupar de ser bom pra mim até mesmo pra ele não gostar e não ligar. E30

Será que os valores da cultura atual estão na base desse contínuo surgimento e apagamento de sujeitos que se atiram em relações superficiais e sem lastros? Até quando isso será possível sem a presença de dor e sofrimento? Será que quando essas pessoas decidirem que é hora de construir uma relação ainda haverá tempo? Será que suas almas calejadas por silenciamentos contínuos saberão lidar com os questionamentos que impõe uma relação?

Eu acho que essa posição de solteira para algumas pessoas é escolha para outras é falta de opção. Para mim é uma escolha (não sinto segurança na afirmação dela). Eu prefiro não ter namorado agora. As minhas amigas todas, ninguém quer namorar, ninguém tem namorado. Eu acho que depende da mulher e depende do homem isso de não querer compromisso. Eu não sei... mas tem muita mulher que quer namorar. Também. Tem homens também. Acho que generalizar é muito difícil, mas tem essa coisa né?... do homem ser mais... não sei... ter mais receio de se comprometer com alguém. J22

Pelo menos na minha vida, tentar separar essas coisas – não é sempre que eu consigo- o exercício de separar tem me causado menos frustrações. Tem sido mais efetivamente realizador.

Os meus encontros sexuais, os meus encontros afetivos, os meus encontros afetivos/sexuais. E quando alguma frustração vem é com mais calma, mais entendimento que eu faço do que antes. E quando elas se misturam eu procuro ser sincera comigo. Opa! Eu estou me envolvendo com esse cara. TH20

O que se percebe é que se prescinde do outro nessas relações mas ninguém quer ficar só. A solidão eterna não parece ser o objetivo de nenhuma das entrevistadas. A atitude defensiva no desmerecimento do outro chama atenção. Antes que o outro diga que não a quer ela já se antecipa e dá um telefone falso. O vínculo parece ainda lembrar escravidão para algumas mulheres. Mas o que fazer com o corpo no dia seguinte?

5.3.2 O significado do amor

A eterna separação entre amor e sexo aparece nessa pesquisa para se tentar compreender qual é o lugar de cada um desses elementos dentro das relações sexuais ocasionais e o que isso diz do significado do amor para a mulher contemporânea. Se mais uma vez se considerar a influência de valores contemporâneos no acirramento dessa dicotomia, pode-se refletir sobre se a diversificação dos parceiros ocorre em busca desse tal amor.

Eu acho que hoje em dia é bem possível a mulher separar sexo de amor. Uma coisa tem haver com a outra. Mas você pode fazer sexo pelo simples prazer. Porque sexo é bom. E sem estar apaixonada pela pessoa, sem querer casar com aquela pessoa. É claro que sexo com amor é outra coisa; é mais carinhoso; é mais bonitinho... Mas dá pra diferenciar. Eu acho que quando o sexo acontece dentro de uma relação eu sinto mais prazer. Eu sinto mais intimidade com a pessoa. Aquela pessoa te conhece melhor. Você conhece melhor ela. J22

As escolhas femininas e masculinas estão concatenadas com seus processos de subjetivação. Homens e mulheres não se colocam do mesmo modo nas relações sexuais nem nas relações amorosas. São sujeitos diferentes. Não se pode anular a influência de papéis socialmente incentivados em relação a isso. Porém, também não é possível desconsiderar a diferença de constituição psíquica. Não existe melhor nem pior, apenas diferente.

O erotismo feminino continua a se alimentar de significações e de imagens sentimentais. Pouco numerosas são as mulheres que consideram a relação sexual como uma simples atração física, um fim em si, uma pura troca de prazeres: muitas, em compensação, são as que não separam a plena realização sexual do compromisso emocional. Fazer amor sem amar o parceiro não é mais um tabu feminino... Contudo, é raro que as mulheres se reconheçam no sexo concebido como simples lazer excitante, raro que seja procurado por si só, raro ainda que lhes dê, nesse caso, plena satisfação (Lipovetsky, 2000, p. 36/37).

Ao se analisar as revistas, emerge um discurso que se diferencia dessa enunciação. É possível perceber um discurso de igualdade entre homens e mulheres no que diz respeito a sentimentos e a sexo. A capa da matéria da revista UM (2007), de onde foram colhidos alguns dos depoimentos dessa pesquisa, foi: “Elas querem sexo casual. As histórias picantes de mulheres que abriram mão do compromisso”. Na matéria, como já foi comentado acima, o que é abordado é a maneira como as mulheres estão satisfeitas em ter relações sexuais sem compromisso. E segue com a recomendação aos homens: elas definitivamente não querem compromisso. “O número de mulheres que buscam o prazer pelo prazer só aumenta. Cada vez menos, elas querem

estabelecer compromisso. Aqui elas contam suas experiências mais excitantes” (Dourado, 2007, p. 105).

Para Foucault, “não se pode dizer qualquer coisa em qualquer época: não é fácil dizer uma coisa nova; não basta abrir os olhos, prestar atenção ou tomar consciência, para que novos objetos e na superfície do solo se iluminem” (2004, p. 49). Para se compreender o que é veiculado é preciso desvelar as ordens reguladoras do discurso, que intentam atribuir ao este uma unidade textual, constituída com dominância, partindo do princípio de que o autor, por si mesmo, funcionaria como uma ordem reguladora impulsionado por uma “vocalização totalizante” do locutor fazendo com que o texto adquira “na forma de um concerto polifônico, uma unidade, uma coerência, quer harmonizando as diferentes vozes quer apagando as vozes discordantes” (Brandão, 2002, p.66).

Pode-se pensar que a revista não generaliza dizendo que essa é uma busca de todas as mulheres, porém o tom pedagógico e o fato de dizer que a perspectiva futura é que elas queiram cada vez menos compromisso coloca o feminino numa posição estigmatizada. O fato é que as “mulheres da vida real” parecem não se sentir representadas por esse discurso midiático.

Entretanto, parece já haver revistas femininas estampando em suas páginas discussões a respeito do homem também em estado de confusão de papéis. A revista feminina Marie Claire do mês de abril/2008, trouxe uma matéria (Queiroz, 2008) sobre homens recém separados. “Para o homem ainda não caiu a ficha de qual é o novo papel que ele vai assumir. Estamos perdidos. As mulheres se movimentam mais, estão mais agressivas...” (Ubiratan, 41 anos). Esse discurso parece reiterar o da revista UM, mostrando a mulher como “atirada” e “agressiva”.

Parece que estão todos perdidos, homens e mulheres, sem saber como agir, onde colocar a mão. No depoimento abaixo a quantidade de expressões que denotam dúvida e insegurança chamam atenção. *Não sei* e *Sei lá* aparecem de modo insistente denotando a dificuldade de se afirmar em uma posição. Mas que posição seria essa? Parece que não só as mulheres, mas os sujeitos de modo geral, já não sabem mais.

Você quer ter alguém ali com você que seja parceiro, assim... sei lá... aí depende da mulher. Talvez ela queira caminhar para um casamento, uma coisa mais séria. Mas tem algumas que não... não sei... não fazem questão disso. Buscar ser amado é o quê? Buscar aceitação? Buscar alguém que aceite o que você é? Eu acho que amor é meio pra esse lado assim... de você se sentir aceito e a pessoa gostar de você pelo que você é. Eu acho que isso é de todo mundo. Não só da mulher. É porque homem tem muito essa coisa de querer fazer semblante de que é machão e que não se importa tanto com isso. Mas eles também querem ser amados. Não acho que essa seja uma busca só da mulher não. Não acho. J22

Este quadro de dúvida parece revelar uma busca de uma lógica que o signifique, que lhe dê sentido. A flexibilidade desejada pelas mulheres ainda não lhe dá um lugar, mas a deixa em suspensão. Ainda é um lugar provisório, pois nenhuma das mulheres entrevistadas acredita que a liberdade total para viver sua sexualidade foi alcançada, e, além disso, é um lugar desconfortável.

Parece que ainda não se sabe bem de que liberdade se está falando pois, a liberdade de manter relações sexuais casuais já foi alcançada pelas mulheres, porém, ainda não foi possível desaparecer com a ressaca moral do dia seguinte. Além disso, ainda não é possível se falar sobre o ato abertamente sem que ela seja estigmatizada. Será que essa liberdade fez com que a busca pelo amor tenha se tornada desnecessária?

A transa quando acontece dentro do namoro é diferente em alguns aspectos da que acontece fora. No namoro você tem aquela estabilidade e tudo mais. Não sei. Acho que é um pouco diferente sim. Não sei... T20

E muita dificuldade com o afeto. Apesar da banalização da sexualidade... as pessoas se encontram e transam e isso é uma coisa mais ou menos tranqüila, o afeto parece que entrou no lugar desse tabu da sexualidade. E mesmo essa sexualidade que é praticada com uma aparente liberdade, ela não é de qualidade, não é efetiva. Especialmente pra mulher que tem muito mais dificuldade de ter prazer sexual do que o homem. No meu entendimento né? TH20

Ou é pra assumir alguma coisa ou então é melhor nada. Sinceramente eu não sei o que as pessoas buscam, porque eu, eu quero uma companhia. Alguém pra andar de mão dada, pra ir ao cinema, dividir os problemas... Mas então eu não sei. Eu não sei o que as pessoas buscam nessas noitadas; uma noite de sexo e nada mais. Com certeza absoluta transar com um namorado é muito melhor do que desse jeito. V27

Não adianta achar que agente vai encarar o sexo do mesmo modo que o homem. A gente tem muito mais afetividade, sentimento. Por isso que eu falo, a gente tem que ficar com um cara que goste muito da gente e a gente só um pouquinho dele, porque esse pouquinho nosso vale por muito mais do que o dele. Isso é da mulher né? A mulher não se desdobra mais? F29

Nos discursos acima pode-se perceber que estar namorando e estar amando significam a mesma coisa. Nas relações sexuais casuais não existiria amor. Mas não parece que as mulheres entrevistadas estão abrindo mão do relacionamento amoroso. Talvez o que elas queiram é poder escolher. Escolher fazer sexo casual ou estabelecer

um compromisso amoroso sem ser julgada nem por uma opção nem por outra. Sem ser olhada como uma mulher agressiva e atirada nem como uma mulher antiquada. Apenas ser vista como uma mulher em busca do seu bem estar.

Nos dias atuais parece ser um desafio se colocar autenticamente nas relações sem precisar fazer um jogo onde todos os passos sejam milimetricamente pensados. Onde qualquer passo em falso pode colocar o sujeito em uma situação desfavorável. O controle do que deve ser dito e do que deve ser feito parece ter passado a dominar as relações humanas. É o que pode ser evidenciado nos depoimentos abaixo.

Assim... eu tomo cuidado pra não criar expectativa com a pessoa. As vezes você cria, você gosta, se apaixona... É imprevisível. Não tem como prever. E30

Você pode se programar pra receber afeto e o tesão pode vir. Mas se esse tesão tiver servindo pra mascarar a sua carência, sua necessidade de afeto; isso é um problema. E o mesmo vale pro contrário. Às vezes você sai para... precisando de afeto, precisando de um colo... quer dizer, isso foi o que eu falei anteriormente... pra transar e aí surge uma coisa gostosa. Não dá pra prever, mas dá pra você perceber o que você está fazendo com você mesmo. Nem sempre dá, mas eu acho interessante você ficar de antena ligada, se não você se frustra, usa as pessoas, se coloca em situações constrangedoras. TH20

O tom de previsibilidade que é estampado nas páginas das revistas não se coaduna com o que as entrevistadas dizem. Acima elas afirmam que não dá para prever. Que por mais que se tente programar as relações, não é possível assegurar que durante uma relação sexual casual não surgirá um sentimento duradouro.

Toda experiência social é multifacetada. Os sujeitos que dela participam a constituem e são constituídos por ela. Com as relações sexuais casuais não poderia ser diferente. Uma experiência que tem por regra a não afetação dos indivíduos participantes, só pode ser ilusória. Os significados que os sujeitos dão a ela, já diz de alguma expectativa em comum.

Se existe na prática do sexo casual uma busca pelo amor que, de um modo geral, os sujeitos dizem ser difícil de encontrar, ainda não é possível se afirmar. Mas uma reflexão se impõe. A posição freudiana, bem como a de Lipovetsky abaixo citada, em relação à busca pelo amor coloca a mulher em um aprisionamento ou simplesmente diz de uma posição subjetiva, um destino inevitável?

O fato merece que nos detenhamos nele: a despeito das transformações da 'revolução sexual' e do impulso das aspirações igualitárias, nossa época não conseguiu destruir a posição tradicionalmente preponderante das mulheres nas aspirações amorosas. Fala-se muito de 'novos homens' e de 'novas mulheres', mas a assimetria sexual dos papéis afetivos é sempre o que nos rege: os costumes igualitários progridem, a desigualdade amorosa entre homens e mulheres continua, ainda que com uma intensidade menos marcada que no passado (2000, p. 30).

O depoimento de uma das entrevistadas parece demonstrar bem essa dificuldade da mulher lidar com a busca pelos direitos iguais femininos não só em busca de afirmação social, mas também com relação à diferença inevitável entre homens e mulheres no que diz respeito a lidar com sentimentos.

A mulher ela agüenta, é um sexo bem forte. Mas tem hora que ela fica na dúvida, sei lá... balança sobre o que a sociedade vai pensar. A sociedade é machista. O cara não pode olhar pra uma mulher e dizer hum... eu quero ir lá e gozar? Porque que a mulher não pode? Eu não acho que é carência, nada disso. Eu acho que ela olha pro corpo dela e se permite sentir. Eu acho que algumas coisas ainda estão relacionadas à moral. Porque não adianta... São milhões e milhões de anos. Isso não acaba de uma hora pra outra. Por isso que eu falo. A pessoa precisa se impor. Pra ela. Não é pros outros. Porque antes era assim. Nossa uma mulher bêbada é muito feio. Homem sim, mas mulher é pior. Uai! É feio do mesmo jeito. É feio. O discurso dos direitos iguais na prática é balela. Que direitos iguais! Que direitos iguais são esses que aqui você paga dez reais mulher? Que quando é o mesmo preço, mulher reclama? Mas eu quero sim homem abrindo a porta pra mim e se puder ainda pagar a minha conta. E aí? Mas eu também posso pagar a dele ou dividir. Mas não vem com essa de... Quero sim que ele abra a porta. Sou o sexo frágil. É, quero isso sim e daí? Não quero essa igualdade. Não quero. F29

Enfim, amar é um processo trabalhoso. É uma construção. A contemporaneidade exige do sujeito colocar-se de modo superficial, sem muitas âncoras com o outro. E tudo para evitar um tal sofrimento. Como se isso fosse possível. Mas parece que a promessa de prazeres rápidos e frequentes ratifica para o sujeito essa ilusão. Fugir do sofrimento é impossível. Se o sujeito foge do envolvimento amoroso para não se frustrar, ele cai no vazio da solidão, do encontro doloroso consigo mesmo. A vivência narcísica do isolamento em si mesmo não protege o sujeito da dor. Apenas o faz ter contato com um sofrimento conhecido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fim dessa pesquisa foi algo bastante inquietante, pois o desejo de permanecer nela foi uma grande tentação. Como isso não é possível, os desafios foram identificados e traçados como planejamento de uma nova pesquisa que será iniciada no doutorado.

A prática do sexo casual foi colocada como um modo de expressão da subjetividade feminina na contemporaneidade. Como um modo da mulher se relacionar com o outro não só sexualmente, mas também afetivamente ou subjetivamente. Os conceitos teóricos da psicanálise ampararam esse entendimento sobre a mulher e sua subjetividade na atualidade.

Não se teve a pretensão de responder às questões suscitadas no decorrer deste trabalho de modo completo e definitivo. Mas pretendeu-se sim, colocá-las como questões relevantes para ampliar o entendimento sobre a sexualidade e a subjetividade feminina na contemporaneidade. Pensa-se que a prática do sexo casual apresenta apenas indícios e não elementos completos que referenciam a subjetividade feminina e toda a complexidade que a engloba. Para uma melhor compreensão do tema, foi necessário traçar fronteiras teóricas que funcionassem como linhas de contato com a questão da subjetividade feminina denotada pela prática do sexo casual na contemporaneidade.

Foi possível concluir que o desenvolvimento sexual da mulher está absolutamente atrelado à sua constituição subjetiva para a psicanálise. Apesar da limitação do discurso freudiano para dizer sobre o feminino e a mulher, sua contribuição

foi de fundamental importância para que os autores posteriores a ele pudessem fazer uma caminhada teórica fundamentada.

Através da separação anatômica entre os sexos, Freud inicialmente teorizou a mulher como um sujeito castrado por não possuir o órgão que o homem possuía e assim trilhou a história feminina de maneira invejosa, destinando a ela uma única possibilidade: buscar algo que substituísse esse órgão e que lhe desse também um poder fálico. Essa substituição só se daria de fato quando a mulher conseguisse ter um bebê. O pretendido neste trabalho foi analisar o processo de tornar-se mulher e a sexualidade feminina, com seus componentes pulsionais e narcísicos, a partir da teoria psicanalítica

Os destinos da sexualidade feminina teorizados por Freud e Lacan, precisam ser analisados juntamente com as transformações ocorridas no modo do sujeito mulher estar no mundo e na maneira como ele deseja construí-lo. O fenômeno do individualismo moderno exerce forte influência não só no modo do sujeito se relacionar com seus pares, como também na maneira dele se dar consigo mesmo. Esse novo sujeito apresenta novas formas de subjetivação, amparadas em novos valores, menos calcados no coletivo e no universal e mais localizados no campo do individual e particular.

O que se pôde perceber é que as novas formas de erotismo apresentadas pela mulher contemporânea, como o sexo de ocasião, podem ser melhor compreendidas quando associadas às características próprias da contemporaneidade, a saber o espetáculo e a cultura do narcisismo.

Foi a partir da imagem gerada pelo discurso das revistas populares e o discurso das mulheres entrevistadas na pesquisa de campo que foi possível verificar implicações para o surgimento de questões subjetivas femininas próprias da contemporaneidade. Parece existir uma lógica própria que rege, com tom pedagógico, o

que pensa uma mulher sobre sexo casual. De algum modo, em algum momento, os discursos não se encontram, fazendo surgir um terceiro discurso: o da dúvida. Um híbrido que faz aparecer um grande dilema feminino contemporâneo: ser ou corresponder?

A dúvida, a insegurança e o desencanto foram fatores da subjetividade feminina suscitados pela prática do sexo casual. A dúvida em relação à posição feminina. A insegurança relativa ao modo com o qual a mulher se coloca nas relações com o sexo oposto. E o desencanto com uma perspectiva de futuro. Não saber qual é o seu lugar dentro da vivência da própria sexualidade parece ter sido um achado marcante dessa pesquisa.

Parece que as reivindicações de liberdade sexual para as mulheres que esta geração interpretou como “promessa feminista” ainda não se cumpriu e, pelo menos até onde essa pesquisa conseguiu alcançar, não existe uma esperança por parte das mulheres que se cumpra.

Foi possível perceber que não existe uma busca feminina pelo sexo casual, mas este tem sido um modo de as mulheres se colocarem com o outro, de abrirem as portas para um relacionamento. Freud (1914/1996) afirmou que é típico das mulheres buscarem mais serem amadas do que amar. Foi possível perceber que a relação sexual casual acontece com menos pudores, com elas podendo se preocupar menos em agradar o outro do que em uma relação sexual que acontece dentro do namoro onde, segundo elas, existe amor. Parece que quando elas estão namorando, se preocupam mais em agradar o parceiro do que quando fazem sexo casual. Talvez, quando há amor, existe mesmo a questão da mulher se fazer desejar e no sexo casual não. É como se na prática do sexo casual elas não precisassem ocupar o lugar dito por Freud. Parece que o sexo

sem compromisso reflete um modo defensivo da mulher lidar com o lugar sobre o qual Freud chamou atenção.

Porém, essa pesquisa não se esgota aqui. O projeto é que um novo estudo se inicie com a pretensão de se compreender em que medida as relações entre homens e mulheres estão cada vez mais perpassadas pela sexualidade. Como o corpo tem sido usado para falar em nome do sujeito e em que medida está ocorrendo uma erotização da vida cotidiana.

ANEXOS

Anexo1

Instrumento de pesquisa do estudo piloto

- 1) Idade
 - 2) Profissão
 - 3) É independente financeiramente?
 - 4) Tem parceiro fixo?
 - 5) Prefere relações fixas ou sem compromisso?
 - 6) Você acha que sexo e amor são coisas distintas?
 - 7) Como você se vê diante da sua sexualidade?
 - 8) Você acha que vive sua sexualidade de modo livre? Por quê?
 - 9) Como você vê o lugar ocupado pela mulher na sociedade atualmente?
 - 10) Você acha que a mulher ainda tem tabus para viver sua sexualidade? Por quê?
 - 11) Você acha que a mulher e o homem vivem sua sexualidade de modo igual?
 - 12) Quando você se relaciona sexualmente com alguém, você se preocupa em proporcionar prazer ao seu parceiro ou você se preocupa em ter prazer?
 - 13) Quando você se relaciona sexualmente com alguém, é importante que ele ligue no outro dia? É importante que essa relação tenha continuidade?
 - 14) O que você acha das relações sexuais sem compromisso?
 - 15) Você já se relacionou assim com alguém?
- Continuar a entrevista somente se ela respondeu sim.
- 16) Qual é o perfil do homem que você escolhe como parceiro para relações sexuais ocasionais?
 - 17) Você se envolve afetivamente com seu parceiro de sexo de ocasião?
 - 18) Qual é o tipo de afeto que você acha que está envolvido nesse tipo de relação?

19)Quais as fantasias que você exercita nesse tipo de relação?

20)Qual é o lugar que seu parceiro ocupa nesse tipo de relação? É importante ou não que ele fique satisfeito?

21)Fale sobre o que há de melhor e o que há de pior em fazer sexo de ocasião.

Anexo 2

Instrumento de pesquisa da 2ª coleta de dados

Idade

Tem parceiro fixo?

Você acha que sexo e amor são coisas distintas?

Como você se vê diante da sua sexualidade?

Você acha que vive sua sexualidade de modo livre? Por quê?

Você acha que a mulher ainda tem tabus para viver sua sexualidade? Por quê?

Você acha que a mulher e o homem vivem sua sexualidade de modo igual?

Quando você se relaciona sexualmente com alguém, você se preocupa em proporcionar prazer ao seu parceiro ou você se preocupa em ter prazer?

O que você acha das relações sexuais sem compromisso?

Você já se relacionou assim com alguém?

Você se envolve afetivamente com seu parceiro de sexo de ocasião?

Qual é o tipo de afeto que você acha que está envolvido nesse tipo de relação?

Qual é o lugar que seu parceiro ocupa nesse tipo de relação? É importante ou não que ele fique satisfeito?

Você acha que existe, atualmente, uma busca da mulher pelo sexo casual?

Fale sobre o que há de melhor e o que há de pior em fazer sexo de ocasião.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, J. (1996). *As origens femininas da sexualidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

ANDRÉ, S. (1998). *O que quer uma mulher?*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

BAUMAN, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

BIRMAN, J. (1999). *Cartografias do feminino*. São Paulo: Editora 34.

BIRMAN, J. (2000). *Mal-estar na atualidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

BRANDÃO, H. H. N. (2002). *Introdução à análise do discurso*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.

CAIAFFA, R. et al. (2002). A sexuação e os laços sociais. In: ALONSO, Silvia Leonor; GURFINKEL, Aline Camargo; BREYTON, Danielle Melanie (orgs.). *Figuras clínicas do feminino no mal-estar contemporâneo*. São Paulo: Escuta.

CAMPBELL, A. (2008). Women 'have not adapted' to casual sex. Recuperado em 04 de outubro, 2008, de <http://www.dur.ac.uk/news/newsitem/?itemno=6670&rehref=%2Fnews%2Farchive%2F&resubj=%20Headlines>

CELES, L. A. M. (1995). *Sexualidade e subjetivação: um estudo do caso Dora*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

- DEBORD, G. (1997). *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- DELFINO, R. (2005, março). Você em primeiro lugar. *Revista Cláudia*, nº 3, p. 128-131.
- DOR, J. (1991). *Estrutura e perversões*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- DOR, J. (2003). *Introdução à leitura de Lacan*. Porto Alegre: Artmed.
- DOURADO, C. (2007, outubro). Elas querem sexo casual. *Revista UM*, nº 36, p. 104-109.
- FOUCAULT, M. (2004). *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- FOUCAULT, M. (2001). *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola.
- FREUD, S. (1905/1996). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. In: Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1908/1996). *Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna*. In: Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1911c/1996). *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranoides)*. In: Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1914/1996). *Sobre o narcisismo: uma introdução*. In: Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

- FREUD, S. (1915/1996). *Os instintos e suas vicissitudes*. In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud. Vol.XIV. Rio de Janeiro: Imago 1996.
- FREUD, S. (1920/1996). *Além do princípio de prazer*. In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud. Vol.XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1921/1996). *Psicologia de grupo e a análise do ego*. In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud. Vol.XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1924/1996). *A dissolução do complexo de Édipo*. In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud. Vol.XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1930[1929] /1996). *O mal estar na civilização*. In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1931b/1996). *Sexualidade feminina*. In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1932/1996). *Feminilidade*. In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud. Vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1937/1996). *Análise terminável e interminável*. In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud. Vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FIGUEIREDO, L. C. (2003). *Psicanálise: elementos para a clínica contemporânea*. São Paulo: Escuta.

- FUKS, L. B. (2002) Diferentes momentos da evolução feminina. In: ALONSO, S. L.; GURFINKEL, A. C.; BREYTON, D. M. (orgs.). *Figuras clínicas do feminino no mal-estar contemporâneo*. São Paulo: Escuta.
- GARCIA-ROZA, L. A. (2001). *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- GIDDENS, A. (1991). *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Unesp.
- GIDDENS, A. (2000). *O mundo na era da globalização*. Lisboa: Editorial Presença.
- GÓES, D., FRÓES, H., ALCÂNTARA, C.. (2005, julho). Mulher solteira (não) procura. *Revista do Correio*. nº 10, p. 5-9.
- GREEN, A. (1988). *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. São Paulo: Editora Escuta.
- GREEN, A. (2000). *As cadeias de Eros*. Lisboa, Portugal: Climepsi Editores.
- JORGE, M. A. C. (2005). *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, v. 1: as bases conceituais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- JOVCHELOVITCH, S. (2000). *Representações sociais e esfera pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- JULIEN, P. (1997). *A feminilidade velada: aliança conjugal e modernidade*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- KEHL, M. R. (1987). A psicanálise e o domínio das paixões. In: CARDOSO, S. *et al.* *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras.
- KEHL, M. R. (1998). *Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade*. Rio de Janeiro: Imago.

- KEHL, M. R. (2003). *O espetáculo como meio de subjetivação*. Recuperado em 05 de junho, 2008, de http://www.estadosgerais.org/mundial_rj/download/4_Kehl_156281003_port.pdf
- LACAN, J. (1985). *Seminário XX, Mais ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- LACAN, J. (1998). *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- LAPLANCHE, J. in GREEN, A. et al (1988). *A pulsão de morte*. São Paulo: Escuta.
- LAZZARINI, E. R. (2006). *Emergência do narcisismo na cultura e na clínica psicanalítica contemporânea: novos rumos, reiteradas questões*. Tese de doutorado, Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil.
- LEDOUX, M. H. (1991). *Introdução à obra de Françoise Dolto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- LEMAIRE, A. (1989). *Jacques Lacan: uma introdução*. Rio de Janeiro: Editora Campus.
- LIPOVETSKY, G. (1983). *A era do vazio*. São Paulo: Relógio D'Água.
- LIPOVETSKY, G. (2000). *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*. São Paulo: Companhia das letras.
- LUCINDA, E. (1999). *Euteamo e suas estréias*. São Paulo: Record.
- MAINGUENEAU, D. (1989). *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas.
- MARTINS, F. (2002). *O Complexo de Édipo*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- MEZAN, R. (2002). *Interfaces da psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras.

- NAZARETH, F. (2007). *Beijinho, beijinho...tchau, tchau!!!*. Recuperado em 06 de fevereiro, 2007, de http://www.universodamulher.com.br/index.php?mod=mat&id_materia=3055.
- NERI, R. (2005). *A psicanálise e o feminino: um horizonte da modernidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- ORLANDI, E. P. (2000). *Análise de discurso*. Campinas: Pontes.
- QUEIROZ, R. (2008, abril). A retomada da vida de solteiro. *Revista Marie Claire*, nº 205, p. 92-98.
- QUINET, A. L. (1986). *Clínica da psicose*. Salvador: Editora Fator.
- ROCHA-COUTINHO, M. L. & LOSADA, B. L. (2007). Redefinindo o significado da atividade profissional para as mulheres: o caso das pequenas empresárias. *Revista Psicologia em Estudo*, 12, Recuperado em 30 de maio, 2008, de http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722007000300006&script=sci_arttext&tlng=enandothers
- SOLER, C. (2005). *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- STERNICK, P. (2007, novembro). Sexo casual desperta nas mulheres o desejo de relação monogâmica. *Revista Caras*, nº 45.
- THOMPSON, J. B. (1998). *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis, RJ: Vozes.